



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

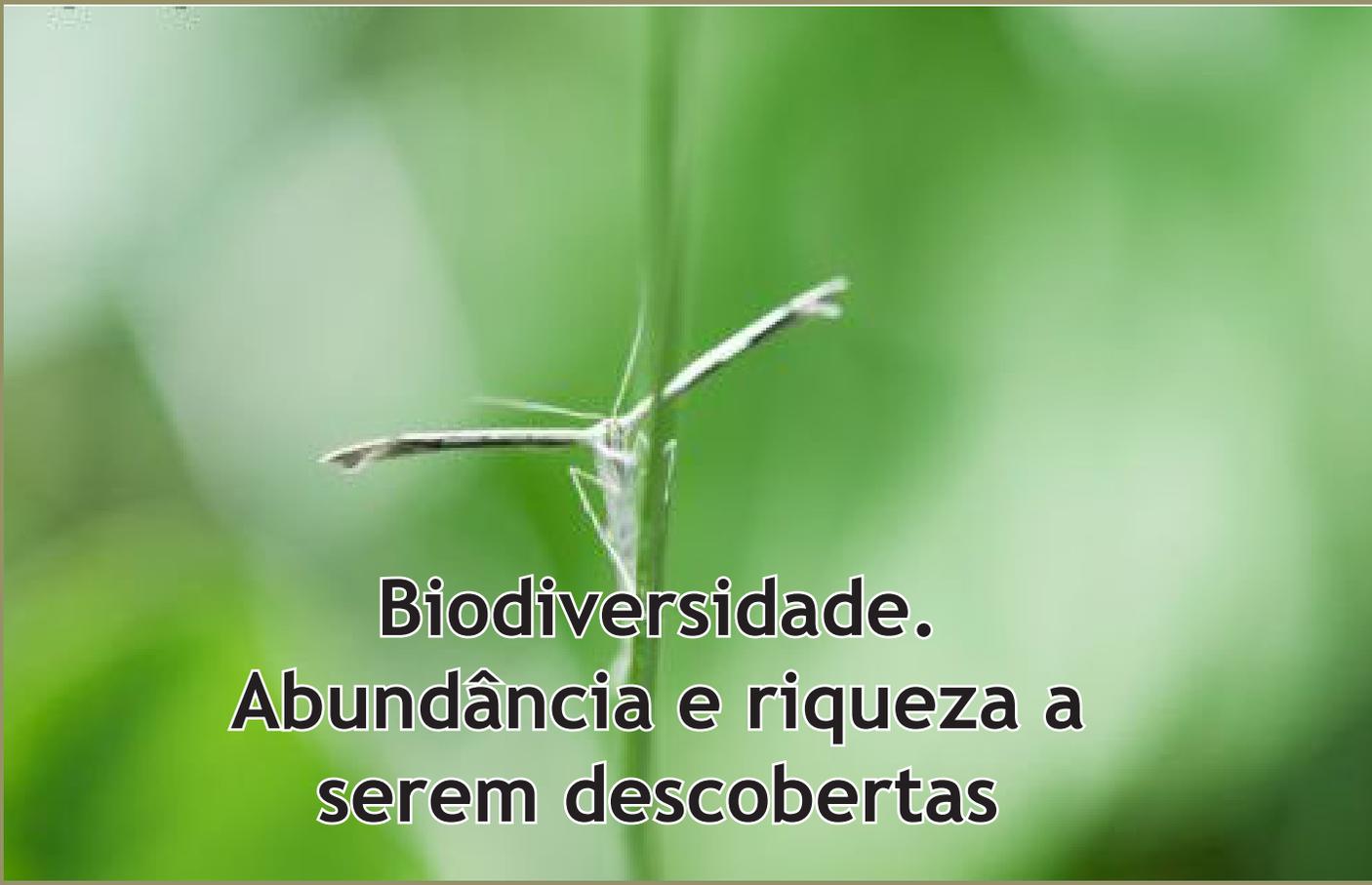


JESUITAS
Missão transformadora.

IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



Biodiversidade. Abundância e riqueza a serem descobertas

Carlos Joly

Por um uso sustentável da biodiversidade

Julia Marton-Lefèvre

“Não se pode lutar contra a pobreza sem preservar a biodiversidade”

Roberto Berlinck

O valor da biodiversidade brasileira é maior que todo o PIB

E mais:

>> **Cesare Giraud:**
Mistagogia, fonte do fazer
teológico

>> **Maria Cristina Martins:**
As sociedades indígenas e a
economia do dom: o caso guarani

324

Ano X

12.04.2010

ISSN 1981-8469

Biodiversidade. Abundância e riqueza a serem descobertas

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) declarou que 2010 é o ano da biodiversidade. No atual contexto, em que um número crescente de espécies estão ameaçadas de extinção pela perda de habitat, pela caça e pelas mudanças climáticas, os esforços de conservação são cada vez mais urgentes e necessários. E o Brasil é o primeiro país em biodiversidade do mundo. Ele é “megadiverso”, afirma **Roberto Gomes de Souza Berlinck**, professor no Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da Universidade de São Paulo (USP), pois “possui entre 15% e 25% de toda a biodiversidade da Terra. É um dos poucos países que ainda possui uma biodiversidade tão extensa, boa parte ainda desconhecida”.

Na discussão do tema de capa da IHU On-Line desta semana, participam, além do professor supracitado, o professor **Carlos Joly**, da Unicamp; a diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN), **Julia Marton-Lefèvre**; a jornalista **Lilian Dreyer**; o editor do Boletim Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, **Ricardo Carrere**; a pesquisadora **Silvia Ribeiro**, do grupo ETC, com sede no México e o agrônomo **Gilberto Bevilaqua**, pesquisador da Embrapa Clima Temperado.

Nesta edição também são discutidos outros temas, como, a nova política de drogas para o Brasil, assunto que será discutido no evento, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU em parceria com o Centro Acadêmico dos Estudantes de Direito - CAED, no dia 13, terça-feira. **Marcelo Mayora**, advogado criminalista, é o conferencista entrevistado.

Preparando o **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, a ser realizado nos dias 13 a 16 de setembro, o filósofo **César Candiotto**, professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), fala sobre Foucault e a governamentalidade biopolítica.

Por sua vez no dia 22 de abril, será lançado o **XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, a ser realizado nos dias 25 a 28 de outubro, com a conferência “As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani” a ser proferida pela historiadora **Maria Cristina Bohn Martins**, da Unisinos.

“A finalidade educativa e a responsabilidade social da televisão” é o título do artigo de **Nadia Helena Schneider**, membro do Grupo de Pesquisa CEPOS.

Completam a edição duas entrevistas. Uma com a poetisa **Maria Carpi** sobre seu livro *Abraão e a Encarnação do Verbo* que será lançado, na Unisinos, na próxima quinta-feira, no IHU ideias, às 17h30min. “Sou filha de Abraão e da Encarnação do Verbo”, testemunha a poetisa gaúcha. E outra, mais longa, com **Cesare Giraud**, jesuíta italiano, considerado um dos mais maiores especialistas em liturgia da atualidade, e que esteve recentemente, a convite do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, ministrando um curso sobre Eucaristia e vida.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 03 | Carlos Alfredo Joly: A biodiversidade usada como modelo

PÁGINA 08 | Julia Marton-Lefèvre: “Não se pode lutar contra a pobreza sem preservar a biodiversidade”

PÁGINA 10 | Lilian Dreyer: Adequação ecológica: única forma de garantir a sustentabilidade

PÁGINA 12 | Roberto Berlinck: O valor da biodiversidade brasileira é maior que todo o PIB

PÁGINA 15 | Gilberto Antonio Bevilaqua: Sementes crioulas e a garantia da soberania dos povos

PÁGINA 18 | Ricardo Carrere: Uma espécie ameaçada e adaptável

PÁGINA 19 | Silvia Ribeiro: Um imperativo para a sobrevivência de todos

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 23 | Cesare Giraud: “Admiração eucarística”: a prática litúrgica como fonte para a teologia

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | Nadia Helena Schneider: Finalidade educativa e responsabilidade social da Televisão

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 38 | Maria Cristina Bohn Martins: As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani

PÁGINA 41 | Maria Carpi: Abraão e a encarnação do Verbo

PÁGINA 43 | César Candiotti: Foucault e a governamentalidade biopolítica

PÁGINA 47 | Marcelo Mayora: Drogas para lidar com a miséria psíquica

PÁGINA 51 | Afonso Soares: “O que temos ainda de aprender sobre religião?”

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Dorotea Frank Kersch



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



A biodiversidade usada como modelo

Carlos Alfredo Joly explica o processo de sintetizar, em laboratório, moléculas extraídas da natureza, com potencial interesse econômico, buscando utilizar a biodiversidade de forma sustentável

POR GRAZIELA WOLFART

Na entrevista que concedeu, por telefone, para a IHU On-Line, o professor Carlos Joly considera que “o fato de termos um levantamento de identificação e classificação das espécies que ocorrem em uma região tem uma importância tanto do ponto de vista acadêmico (...) como do ponto de vista do potencial econômico que essas espécies possam vir a ter, seja para a indústria de fármacos, de cosméticos, ou para a indústria alimentícia, na qual a correta identificação das espécies é fundamental”. Ele explica que, quando falamos em conservação, não se objetiva uma simples conservação das espécies como elas se encontram hoje, mas o que se quer conservar “é a manutenção do processo de evolução que resultou no que temos hoje, e que continua se desenrolando, produzindo as espécies que temos ou novas espécies, que vão aparecer nos próximos séculos e milênios. Se não conseguirmos preservar o processo, passaremos, na melhor das hipóteses, a conseguir manter as espécies que temos hoje”. Para Joly, “os processos antrópicos estão provocando uma seleção e uma redução, uma perda acelerada de espécies, que não é compensada pelo processo de aparecimento de novas espécies”, principalmente se pensarmos em grupos maiores de vertebrados e plantas superiores. E continua: “vemos que certamente a seleção de novas características continua acontecendo, só que agora ela está sendo influenciada por um ambiente que nós criamos, muito mais do que pelo ambiente natural”.

Carlos Alfredo Joly possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas, PhD em Ecofisiologia Vegetal pelo Botany Department - University of Saint Andrews, Escócia/GB, e Pós-Doc pela Universität Bern, Suíça. Atua nas áreas de Ecofisiologia Vegetal e Conservação da Biodiversidade. Editou 9 livros, com destaque para a série *Biodiversidade do Estado de São Paulo: síntese do conhecimento ao final do século XX*, o *Inventário florestal da vegetação nativa do Estado de São Paulo* e o livro *Diretrizes para a Conservação e Restauração da Biodiversidade do Estado de São Paulo* (São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente & Programa BIOTA, 2008). Principal mentor e atual coordenador do Programa BIOTA/FAPESP (<http://www.biota.org.br>), coordenou o planejamento, a montagem e a implantação do Programa de 1996 a 2004. Na Unicamp, atualmente, é professor em Ecologia Vegetal, chefe do Departamento de Biologia Vegetal do Instituto de Biologia e membro da Coordenação do Programa de Doutorado em Ambiente e Sociedade. Em 2008, foi eleito Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância em classificar a diversidade biológica? Por que é importante conhecer a biodiversidade de uma região?

Carlos Joly - Sem dúvida, o fato de termos um levantamento de identificação e classificação das espécies que ocorrem em uma região tem uma importância tanto do ponto de vista acadêmico (para que possamos testar hipóteses de velocidade, biogeografia,

filogeografia, distribuição presente e potencial futura de espécies) como do ponto de vista do potencial econômico que essas espécies possam vir a ter, seja para a indústria de fármacos, de cosméticos ou para a indústria alimentícia, na qual a correta identificação das espécies é fundamental.

IHU On-Line - O que podemos entender pelo uso sustentável da biodiver-

sidade?

Carlos Joly - Temos trabalhado no sentido de mostrar que a biodiversidade, além do valor ético que tem em termos de que a vida, não importa sob que forma se apresente, deve ser respeitada como tal, e do valor natural de beleza que possa ter, ela também tem a possibilidade de ser utilizada de forma sustentável. Essa forma é quando conseguimos usar a biodiversidade como um

modelo, portanto, estaríamos usando o produto final de todo um processo de evolução que resultou nas espécies que temos hoje, para ter os modelos de novas moléculas que, a partir da identificação de alguma atividade biológica, possam ser sintetizadas. Passa-se a usar essa informação e a produzir o componente de valor econômico identificado sem destruir a biodiversidade. Portanto, usa-se de forma sustentável, gerando recursos que podem se reverter para a conservação, para programas de pesquisa de ampliação e conhecimento da biodiversidade.

O outro componente que tem sido bastante focado, principalmente nos últimos dois ou três anos, é os serviços ambientais que a biodiversidade proporciona, que têm algum significado econômico para a sociedade e para os seres humanos de maneira geral. Esses serviços são, por exemplo, a manutenção da população de polinizadores, que naturalmente polinizam espécies nativas em áreas de cerrado ou dos pampas, e que podem atuar como polinizadores de culturas economicamente importantes para nós, como a soja ou outras culturas que exigem um vetor para a transferência de pólen de um indivíduo para o outro. Outro tipo de serviço ambiental é dado pela estabilidade das margens de rios e encostas de morros, diminuindo a erosão superficial, o assoreamento dos rios, e consequentemente preservando rios que produzem água para o consumo humano. E, ao reduzir o assoreamento, pode-se reduzir a frequência ou o impacto de grandes inundações. Essas são três vertentes bastante distintas de formas de se utilizar a biodiversidade de uma maneira sustentável. Ou seja, estamos usufruindo desses recursos sem impedir que as gerações futuras usufruam dele na mesma situação que temos hoje.

IHU On-Line - O que representa saber que nossa biodiversidade é tão rica? Quais as implicações da abundância da biodiversidade?

Carlos Joly - Esse é um exercício que estamos aprendendo a fazer. No momento em que discutimos se sentamos em uma mesa para negociação com diversos setores da sociedade, é quase que inevitável que precisamos atribuir valores

“O cidadão comum não consegue conectar aquela remoção de florestas que aconteceu há 15 anos com os problemas de enchente que está tendo hoje”

econômicos para o ponto de vista que se está defendendo em uma discussão deste tipo. Estamos aprendendo a valorizar a biodiversidade, não só do ponto de vista ético e acadêmico, do nosso interesse particular em conhecer e levantar espécies, ter ideia da riqueza e diversidade, mas também dos serviços que ela pode prestar e do valor econômico e potencial no que os químicos de produtos naturais chamam hoje de quimiodiversidade. Temos uma diversidade enorme de espécies; essas espécies por sua vez vão ter uma diversidade muito grande de moléculas, de compostos, que potencialmente podem ter algum interesse presente ou futuro.

IHU On-Line - Como o senhor analisa os indicadores de biodiversidades estipulados como meta em 2002 e que não foram atingidos?

Carlos Joly - Os indicadores que foram colocados não são mensuráveis. Não temos conhecimento suficiente para poder usá-los como efetivos no sentido de poder avaliar o quanto cada país, individualmente, e o quanto o conjunto de países da Convenção da Biodiversidade conseguiram atingir das suas metas. Espero que o fracasso inevitável na reunião em Nagoya, a COP 10 de Biodiversidade¹, sirva não para entrarmos num processo de depressão porque não conseguimos avaliar, mas como um grande momento para se definir parâmetros efetivamente mensuráveis, fiscalizáveis, para o futuro de médio e longo prazo para os próximos 5, 25, 50 anos, que possam ter algum

¹ A Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica (COP 10) da Organização das Nações Unidas (ONU) será realizada em Nagoya, no Japão, em outubro de 2010. (Nota da IHU On-Line)

significado do ponto de vista biológico. A minha leitura é que os parâmetros foram definidos numa reunião onde predominavam negociadores, diplomatas e pessoas que não tinham o conhecimento técnico, científico para estabelecer essas metas. O que a comunidade científica tem feito nos últimos dois anos, e por isso acredito que em Nagoya começemos de fato a concluir encima dessas discussões, é a identificação e definição de parâmetros que tenham um significado biológico e que sejam mensuráveis e fiscalizáveis.

IHU On-Line - Que exemplos de políticas de conservação da biodiversidade poderiam ser citados? Quais as mais necessárias?

Carlos Joly - Normalmente, nosso objetivo, quando falamos em conservação, não é uma simples conservação das espécies como elas se encontram hoje, mas o que queremos conservar, na verdade, é a manutenção do processo de evolução que resultou nas espécies que temos hoje, e que continua se desenrolando, produzindo as espécies que temos ou novas espécies, que vão aparecer nos próximos séculos e milênios. Se não conseguirmos preservar o processo, passaremos, na melhor das hipóteses, a conseguir manter as espécies que temos hoje. E isso invariavelmente não é verdadeiro, porque se não mantivermos o processo, mesmo essas espécies que temos hoje tendem a desaparecer, porque é inerente à evolução das espécies que você consiga manter esse processo de seleção e de evolução. As políticas mais adequadas são aquelas que permitem preservar efetivamente estes processos. Unidades de conservação são uma forma de se preservar, desde que elas sejam efetivamente implantadas, representativas do bioma ou da situação que quer ser preservada, e que isso dê condições para que elas continuem no seu desenvolvimento, na sua evolução. Temos aqui em Campinas uma belíssima área de 250 hectares de floresta, que fica a três quilômetros daqui do campus da Unicamp, e que hoje está praticamente cercada pela cidade. Nós, os antigos docentes dos Departamentos de Botânica e Zoologia que já trabalhamos naquela região, temos alguns dados que remontam ao início da década de 70, já vemos uma substituição de espécies. As espécies mais exigentes,

de hábitos mais restritos, já desapareceram, e apareceram outras, que são mais típicas de áreas urbanizadas e que usam a periferia da mata. O mesmo acontece com as borboletas. E agora estamos constatando que, para algumas espécies arbóreas, não encontramos mais indivíduos jovens. Ou seja, quando os adultos que ali estão morrerem, essa espécie vai deixar de existir localmente. Temos uma unidade de conservação, mas não conseguimos proteger e manter o processo que poderia ter sido mantido se tivéssemos conexão dessa mata, através, por exemplo, de matas ciliares, com outros fragmentos que temos aqui na região. O isolamento acabou resultando num processo gradativo de empobrecimento da floresta.

IHU On-Line - A biodiversidade tende a se alterar mais pela influência do homem ou pelo curso normal da natureza?

Carlos Joly - Isso vai depender de quais organismos estamos falando. Se estivermos falando de microorganismos, possivelmente a evolução deles se dá mais por razões naturais do que por razões antrópicas, apesar de já haver uma influência bastante grande do homem. Se pensarmos em grupos maiores de vertebrados e plantas superiores, por exemplo, com certeza, os processos antrópicos estão provocando uma seleção e uma redução, uma perda acelerada de espécies, que não é compensada pelo processo de aparecimento de novas espécies. Enquanto no processo evolutivo, de maneira geral, pensamos em milhões de anos para a formação dos continentes como são hoje, milhares de anos para a distribuição dos biomas como temos hoje no Brasil, e a evolução dessas espécies acompanhando essas alterações todas, estamos falando em mudanças de temperatura em décadas. Esse é um período muito curto se pensarmos em plantas longevas, que vivam mais de cem anos, como várias espécies arbóreas das nossas florestas, ou mesmo para animais silvestres que tenham ciclos de vida de 40, 50 anos. Não há tempo evolutivo para que possam aparecer ou se modificar em tempo de responder a essas mudanças que

“Temos uma diversidade enorme de espécies; essas espécies por sua vez vão ter uma diversidade muito grande de moléculas, de compostos, que potencialmente podem ter algum interesse presente ou futuro”

estão acontecendo. Portanto, vemos que certamente a seleção de novas características continua acontecendo, só que agora ela está sendo influenciada por um ambiente que nós criamos, muito mais do que pelo ambiente natural.

IHU On-Line - Em que medida a biodiversidade é afetada por ser fonte de novos fármacos, cosméticos, defensivos agrícolas e alimentos?

Carlos Joly - É preciso fazer uma separação muito importante. Uma linha é de fazer extratos de plantas e animais marinhos ou terrestres para tentar identificar atividade biológica contra uma série de testes padrões que são utilizados para selecionar extratos que tenham atividade, e disso vai refinando, até chegar às moléculas que eventualmente interessam. Nesse ponto, essas moléculas vão passar pela mão de químicos que vão identificar a estrutura delas. Uma vez identificada a estrutura, se é capaz de sintetizá-las em laboratório. Não é preciso estar continuamente buscando aquela molécula na natureza, ou seja, coletando mais plantas e animais para fazer extrato para obter aquela molécula. Sintetizando-a em laboratório, é possível inclusive modificá-la se for o caso. Por exemplo, o que o Laboratório Aché tem feito com o Acheflan. Eles identificaram uma molécula que tem um potencial e uma atividade anti-inflamatória,

isolaram, identificaram a estrutura e passaram a sintetizá-la para produzir o fármaco e colocá-lo no mercado. Essa é praticamente a única experiência de sucesso desenvolvida no Brasil nos últimos 30 ou 40 anos. Este tipo de trabalho não leva à destruição da biodiversidade. Ele usa a biodiversidade como modelo e, a partir disso, faz uma síntese em laboratório, em grande escala, se necessário, para utilizar aquela molécula. O que é diferente de usar partes de uma planta para a produção de um chá ou de uma infusão ou de um extrato alcoólico, que então será utilizado para o tratamento de alguma doença. Nesse segundo caso, dependemos de continuamente coletar aquela planta. Então, ou se consegue cultivá-la e produzir em quantidade suficiente para seu uso, ou se vai destruir, coletar excessivamente aquela espécie, pondo-a em risco de extinção porque se está interessado no retorno que o mercado dará. São duas coisas distintas. O que temos trabalhado bastante no programa Biota,² em São Paulo, é com a parte de bioprospecção, que é essa parte de identificação de moléculas de potencial interesse econômico.

IHU On-Line - O senhor conhece bem a biodiversidade de São Paulo. O que mais altera a biodiversidade de grandes metrópoles, como é o caso?

Carlos Joly - No caso das grandes metrópoles, temos uma conjunção de problemas muito grandes. O primeiro deles é que as nossas metrópoles não respeitaram a preservação de áreas verdes. Então, temos uma metragem, uma área muito pequena ocupada por remanescentes de vegetação nativa no meio das nossas cidades. A maioria é de áreas pequenas, isoladas, que passam pelo processo de empobrecimento de espécies. Junto com esses problemas de isolamento, temos uma matriz urbana de baixíssi-

² O Programa Biota/Fapesp, Instituto Virtual da Biodiversidade, teve início em 1999 com a finalidade de sistematizar a coleta, organizar e disseminar informações sobre a biodiversidade do Estado de São Paulo. O objetivo maior do Biota-Fapesp é inventariar e caracterizar a biodiversidade do Estado de São Paulo, definindo os mecanismos para sua conservação, seu potencial econômico e sua utilização sustentável. Mais informações em <http://www.biota.org.br> (Nota da IHU On-Line)

ma permeabilidade das espécies nativas. Não há atrativos, recursos, para que as espécies, mesmo aquelas que têm maior mobilidade, como as aves, permaneçam nessas regiões. As espécies mais exigentes tendem a desaparecer, e a maior parte é substituída por uma fauna mais empobrecida, mas ainda assim rica se compararmos à diversidade de pássaros no campus da USP, por exemplo. Nosso processo de urbanização precisa ser revisito. Um dos grandes problemas da alteração de ambientes é que normalmente as respostas a essas alterações levam um tempo grande. O cidadão comum não consegue conectar aquela remoção de florestas que aconteceu há 15 anos com os problemas de enchente que está tendo hoje. Esse tempo entre a causa e as consequências que têm algum impacto maior na vida da cidade na metrópole faz com que as pessoas tenham dificuldade em fazer essas conexões.

IHU On-Line - Como o senhor define a posição do Brasil em relação à forma como lida com sua biodiversidade?

Carlos Joly - Vivemos no Brasil uma situação muito particular em relação às exigências e aos compromissos internacionais que assumimos ao assinarmos a Convenção da Biodiversidade e a Convenção de Mudanças Climáticas. Nossa principal fonte de emissão de gases de efeito estufa é a mudança de uso da terra, principalmente a queima de florestas da região amazônica, que é também nosso principal impacto em termos de destruição de espécies, muitas delas ainda nem conhecidas e que estão sendo destruídas nessas áreas. Então, o Brasil em vez de usar de maneira positiva a sinergia entre essas convenções para angariar recursos internacionais, de apoio internacional, para conseguir manter áreas, fazer conservação, ampliar efetivamente as garantias e a segurança, a integridade de nossas unidades de conservação, vive a sinergia negativa, que é o fato de estarmos em quinto lugar como campeões de emissão em gases estufa porque destruímos nossa biodiversidade em vez de preservarmos e darmos condições a nossas gerações futuras de eventualmente usarem de maneira sustentável esse recurso.

“Não se pode lutar contra a pobreza sem preservar a biodiversidade”

Julia Marton-Lefèvre defende que a biodiversidade constitui a base de toda a vida sobre a Terra

POR GRAZIELA WOLFART

“É essencial assegurar que os mercados trabalhem em favor da biodiversidade. É preciso dar aos serviços que a natureza nos fornece um valor econômico, para assim incitar a se preservar e restaurar os ecossistemas e penalizar aqueles que engendram desgaste sobre o meio

ambiente. O pagamento dos serviços ecossistêmicos pode revolucionar os modos de produção e de consumo. É necessário contabilizar o valor da natureza na renda nacional, para melhorar a medida tradicional do PIB como indicador de progresso econômico”. A opinião é de Julia Marton-Lefèvre, diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN). Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela faz um alerta: “a taxa de extinção atual é mil vezes mais rápida do que seria em estado natural, sem intervenção humana. Portanto, o tempo urge, e a extinção das espécies é irreversível”.

Julia Marton-Lefèvre é diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN) (www.iucn.org), que reúne governos, ONGs e cientistas em uma parceria única no mundo com mais de 1000 membros. Já foi reitora da Universidade da Paz, diretora executiva do LEAD (Leadership for Environment and Development International) e diretora executiva do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU). É coautora de vários livros e artigos. Em 1999, recebeu o Prêmio AAAS para a Cooperação Internacional em Ciência. É membro da Sociedade Real Geográfica do Reino Unido. Estudou História, Ecologia e Planejamento Ambiental nos Estados Unidos e na França e nasceu na Hungria. Confira a entrevista.

IHU On-Line- Em que sentido a biodiversidade interfere no bem-estar das sociedades humanas e de suas economias?

Julia Marton-Lefèvre - A biodiversidade constitui a base de toda a vida sobre a Terra. Ela é crucial para o bom funcionamento dos ecossistemas que nos fornecem bens e serviços sem os quais não poderíamos viver. Mais da metade dos habitantes do planeta vivem nas cidades. Somos numerosos ao comprarmos nossos ali-

mentos no supermercado, ao abrir a torneira para obter água, ao comprar nossos medicamentos na farmácia e nossos móveis nos centros comerciais. Mas, é preciso não esquecer que o oxigênio, os alimentos, a água doce, os medicamentos, o abrigo, a proteção contra as tempestades e as inundações, um clima estável, bem como os lazeres, saíram da natureza e de ecossistemas saudáveis. A natureza continua sendo a fonte fundamental de tudo aquilo que os seres humanos

necessitam e desejam para viver e expandir-se. As abelhas polinizam nossas sementes, os oceanos nos oferecem seus peixes, as florestas purificam a água que bebemos. Chamamos isso de serviços ecossistêmicos. Ecossistemas saudáveis são, pois, a base de nossa vida diária sobre a Terra, nosso único lar.

IHU On-Line - Quais as principais metas e desafios da União Internacional pela Conservação da Natureza?

Julia Marton-Lefèvre - Hoje o desafio é preservar as condições específicas de nosso planeta, resultado de milhões de anos de evolução natural dos animais, das plantas e de seus habitats, que nos permitem viver e expandir-nos. Como podemos equilibrar as necessidades dos povos e as necessidades do planeta que nos abriga? O desenvolvimento humano, econômico e social deve continuar a fim de reduzir a pobreza e melhorar o bem-estar dos povos. A UICN quer assegurar que as melhores decisões sejam tomadas, fundadas sobre uma boa ciência em lugar de dogmas políticos, tudo implicando na grande diversidade das pessoas e das organizações de nossas sociedades. Durante sessenta anos, a UICN guiou o desenvolvimento da ciência da conservação e do conhecimento e reuniu os governos, as ONGs, os cientistas, as sociedades e as organizações comunitárias para ajudar o mundo a melhor conservar e a tomar as melhores decisões desenvolvimentistas. Nossa missão é de influenciar, de encorajar e de ajudar as sociedades a conservar a integridade e a diversidade da natureza e de assegurar que os recursos naturais sejam utilizados de maneira equitativa e durável. Em particular, dois objetivos principais para este ano serão de adotar novos objetivos internacionais para reduzir a perda da biodiversidade, e fazer com que as soluções “naturais” para as mudanças climáticas sejam integradas no futuro acordo sobre o clima. 2010 é o ano internacional da biodiversidade. Infelizmente, o objetivo de reduzir a taxa de perda da biodiversidade até 2010, que os estados tinham fixado, não será atingida. Novos objetivos mais concretos, mais claros e ambi-

ciosos devem ser adotados. A UICN conchama os governos a adotarem as medidas necessárias para frear a perda da biodiversidade até 2020, para que a biodiversidade possa ser conservada e restaurada até o horizonte de 2050. O impacto das mudanças climáticas sobre o meio ambiente, a biodiversidade, a saúde e a segurança dos seres humanos se tornarão sempre mais graves se as emissões de gás de efeito estufa não forem imediatamente reduzidas. No entanto, a natureza também está em condições de nos fornecer utensílios poderosos para lutar contra a mudança climática. Esses utensílios são rentáveis, duráveis e já disponíveis. Eles podem permitir-nos agir imediatamente sem esperar que as inovações tecnológicas necessárias a um modo de vida pós-carbono estejam perfeitamente “no ponto”.

Por exemplo, a prevenção do desmatamento e a restauração das florestas permitem reduzir as emissões de gás de efeito estufa. O desmatamento representa atualmente 20% das emissões. Os oceanos são capazes de absorver mais de um quarto do dióxido de carbono que nós emitimos a cada ano.

IHU On-Line - Em que medida a produção de transgênicos interfere na biodiversidade das sementes?

Julia Marton-Lefèvre - A utilização dos organismos geneticamente modificados (OGM) como alimento ou fonte de energia se expande em muitos países. Embora os OGM possam agir potencialmente em benefício do desenvolvimento e criar meios de subsistência, devemos permanecer vigilantes quanto à suas possíveis consequências negativas para a biodiversidade, à segurança alimentar, à saúde e ao meio ambiente. O aspecto geniosamente controverso da modificação da diversidade genética poderia levar a uma perda da biodiversidade. Aí também poderiam ocorrer, como consequências, inesperadas transferências de genes entre as plantas ou a criação de ervas daninhas ou plantas invasoras que resistiriam a todo controle. Por isso, a UICN é a favor de uma moratória sobre a utilização dos OGM, até que seja demonstrado que elas são isentas de dano para a biodi-

versidade e a saúde humana e animal.

IHU On-Line - Como o mundo absorve o conhecimento de que nossa biodiversidade é muito rica? Como a abundância da biodiversidade implica em outros setores da sociedade, como a economia, por exemplo?

Julia Marton-Lefèvre - Como eu dizia mais acima, a natureza nos fornece a infraestrutura e os serviços de base para todas as atividades econômicas humanas. Um estudo sobre a economia dos ecossistemas e da biodiversidade (TEEB)¹ de 2008 ressalta que os desgastes sobre a economia e o bem-estar humanos ligados à perda da biodiversidade e dos ecossistemas já são enormes, de diversos trilhões de dólares ao ano, e continuam a aumentar. Não se pode lutar eficazmente contra a pobreza em longo prazo sem preservar a biodiversidade. É essencial assegurar que os mercados trabalhem em favor da biodiversidade. É preciso dar aos serviços que a natureza nos fornece um valor econômico, para assim incitar a se preservar e restaurar os ecossistemas e penalizar aqueles que engendram desgaste sobre o meio ambiente. O pagamento dos serviços ecossistêmicos pode revolucionar os modos de produção e de consumo. É necessário contabilizar o valor da natureza na renda nacional, para melhorar a medida tradicional do PIB como indicador de progresso econômico.

IHU On-Line - Como deve ser feito o cálculo do custo, para a humanidade, provocado pelas perdas da biodiversidade?

Julia Marton-Lefèvre - O custo da perda da biodiversidade é enorme, porém não somente para a economia. O recente estudo de avaliação dos ecossistemas para o milênio (Millennium Ecosystem Assessment) concluiu que perto de 60% dos serviços fornecidos pelos ecossistemas no mundo estão degradados. Por exemplo, imensas extensões de florestas desapareceram, os estoques de peixes diminuíram dramaticamente, os rios estão poluídos e as cidades não cessam de estender-se. Quando os ambientes são deteriorados ou destruídos, são todas as espécies que aí vivem que se encontram

¹ Em inglês: The Economics of Ecosystems & Biodiversity (TEEB). (Nota da IHU On-Line)

ameaçadas, e nós fazemos parte delas. Imagine que 30% de sua família e de seus amigos estejam fortemente ameaçados de desaparecer, ou que 60% da capacidade produtiva de sua fazenda ou usina esteja degradada?

IHU On-Line - O que mais impressiona hoje na “lista vermelha” da biodiversidade?

Julia Marton-Lefèvre - A lista vermelha das espécies ameaçadas constitui o inventário mundial mais completo sobre a biodiversidade. Após mais de 40 anos, ela relaciona as espécies e nos oferece hoje uma análise alarmante da situação: sobre as 47.667 espécies estudadas em 2009, 17.291 estão ameaçadas de extinção. É mais de um quinto de todas as espécies mamíferas, das quais nós fazemos parte, bem como a metade das espécies de tartarugas, quase 40% dos peixes de água doce e um terço dos anfíbios. Mais de um quarto dos recifes de corais e de coníferas também correm o risco de desaparecer. A taxa de extinção atual é mil vezes mais rápida do que seria em estado natural, sem intervenção humana. Portanto, o tempo urge, e a extinção das espécies é irreversível.

IHU On-Line - Que exemplos de iniciativas a sociedade civil pode assumir no sentido de preservar a biodiversidade do planeta?

Julia Marton-Lefèvre - Cabe a cada um adotar gestos ecológicos no cotidiano e incitar os governos e as empresas a fazer da preservação da biodiversidade uma prioridade maior. Em nossa vida cotidiana, nós podemos:

- Reutilizar, reparar, reciclar e fazer compostagem.
- Escolher produtos recicláveis ou reciclados e produtos utilizando menos embalagem.
- Reduzir o próprio consumo de água e de eletricidade.
- Escolher, se possível, fontes de energia renováveis.
- Escolher, para os deslocamentos pessoais, os transportes coletivos, a bicicleta ou a caminhada a pé, se possível, e evitar as viagens de avião inúteis.
- Nós também podemos evitar o consumo de espécies ameaçadas, notadamente de peixes.

Adequação ecológica: única forma de garantir a sustentabilidade

Lilian Dreyer considera que o equilíbrio ambiental é muito delicado, e os humanos interferem nele com uma tecnologia poderosa - e bem pouco sábia

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Baseada nas lições que teve com o ambientalista José Lutzenberger, falecido em 2002, a jornalista Lilian Dreyer alerta que “o planeta, sem a interferência humana, rapidamente recuperaria seus equilíbrios. Mas os humanos, sem os equilíbrios do planeta, rapidamente perderão seu futuro. Ou, na melhor das hipóteses (talvez na pior), perderão o que entendemos como vida civilizada”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela defende que “hoje qualquer leigo pode atestar, porque é visível a olho nu, que a biodiversidade está em redução acelerada, e que isso é consequência direta do modelo de desenvolvimento econômico que começou a tornar-se global por volta da metade do século passado”.

Jornalista, formada pela UFRGS, e escritora, Lilian é diretora da Vidicom Edições, com atuação na área de produção audiovisual e desenvolvimento cultural. Vinculada ao cooperativismo e ecologia, atuou no Conselho Educativo da Cooperativa Ecológica Coolméia, de Porto Alegre, e, em 1996, assumiu o cargo de presidente do Conselho de Administração, permanecendo na função (eletiva e não-remunerada) até junho de 1999. É autora de, entre outros, *Sinfonia Inacabada - A Vida de José Lutzenberger* (Porto Alegre: Vidicom Audiovisuais Edições, 2004) e, junto com Maria Elena Johannpeter, *O Quinto Poder- Consciência Social de uma Nação* (Porto Alegre: L&PM, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que Lutzenberger ensinou de mais relevante em relação à biodiversidade? Qual seu maior legado quando o assunto é a preservação da diversidade das espécies?

Lilian Dreyer - Mesmo tendo editado três de seus livros e escrito sua biografia, mal me atrevo a responder a essa questão. Lutzenberger¹ tinha

¹ José Antônio Lutzenberger (1926-2002): Foi um agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, aban-

uma capacidade prodigiosa de perceber conexões, e tentou como pôde levar seus companheiros de espécie

donou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição número 18 da **IHU On-Line**, intitulada Lutzenberger: uma vida em favor da natureza, publicada em 20 de maio de 2002. O conteúdo está disponível em www.ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

a percebê-las também. Ele foi um dos primeiros ecólogos de projeção mundial a insistir, incansavelmente, na urgência de compreendermos que os processos da natureza se complementam uns aos outros e que cada espécie, mesmo a mais localizada ou “insignificante”, desempenha um papel importante na manutenção do equilíbrio desse sistema. Por que essa compreensão seria urgente? Porque o equilíbrio é muito delicado, e porque os humanos interferem nele com uma tecnologia poderosa - e bem pouco sábia. Toda vez que desestabilizamos uma espécie, toda vez que interferimos em ecossistemas e biomas cuja funcionalidade ainda nem compreendemos, acabamos por causar transtornos que se acumulam e que acabarão por alcançar dimensões planetárias. Um exemplo? Já faz quase quarenta anos que Lutzenberger e um punhado de outros visionários começaram a alertar para uma perigosa alteração no clima da Terra - e, a propósito, com as informações de que dispunha até próximo do ano de 2002, quando morreu, ele se alinhava entre os que tinham dúvidas sobre se a Terra estaria caminhando para um aquecimento ou para um novo ciclo de resfriamento, mas tinha certeza de que, qualquer que fosse a tendência natural, estávamos exercendo sobre ela uma pressão que em nenhuma das hipóteses traria resultados favoráveis para nós. Nós, quem? Quem sai prejudicado por esses desequilíbrios impostos à natureza? O planeta Terra? Lutzenberger bem pouco se preocupava com o futuro do planeta. “A Terra tem muito tempo”, ele costumava dizer. O planeta, sem a interferência humana, rapidamente recuperaria seus equilíbrios. Mas os humanos, sem os equilíbrios do planeta, rapidamente perderão seu futuro. Ou, na melhor das hipóteses (talvez na pior), perderão o que entendemos como vida civilizada.

IHU On-Line - A biodiversidade está mesmo se reduzindo como resultado da sociedade capitalista e consumista, ou esse é apenas um discurso midiático, e a biodiversidade se altera naturalmente, dentro do ciclo natural da vida?

“A biodiversidade do território brasileiro ainda é tão espetacular que só pode despertar admiração e, provavelmente, cobiça entre aqueles que entendem o seu valor”

Lilian Dreyer - A biodiversidade se altera naturalmente ao longo do tempo? É claro que sim. Mas hoje ela não está apenas se alterando, muito menos por causa de sua própria dinâmica. Hoje qualquer leigo pode atestar, porque é visível a olho nu, que a biodiversidade está em redução acelerada, e que isso é consequência direta do modelo de desenvolvimento econômico que começou a tornar-se global por volta da metade do século passado. Eu mesma posso afirmar que, quando era criança, existiam, em meu ambiente, mais córregos e matas, maior número e variedade de peixes, pássaros e sapos, e que hoje encontro no meu ambiente muito mais lixo, plásticos e poluentes, e a ameaça, antes inexistente, de dengue e febre amarela. Não estou dizendo que a industrialização e a tecnologia não trouxeram benefícios, estou apenas constatando que a relação existente entre esses dados é autoexplicativa.

IHU On-Line - Quais as implicações da abundância da biodiversidade brasileira para os outros setores da nossa sociedade, como a economia, por exemplo?

Lilian Dreyer - A biodiversidade do território brasileiro ainda é tão espetacular que só pode despertar admiração e, provavelmente, cobiça entre aqueles que entendem o seu valor. É uma lástima que, até hoje, em praticamente nenhum nível da administração pública do nosso país, nem no imaginário da população, essa riqueza seja em primeiro lugar reverenciada e, em

segundo, vista como um incomparável trunfo. Com poucas exceções, ainda falamos da nossa natureza como algo que atrapalha o progresso econômico, algo que deve ser arreado ou então explorado até a exaustão. Entretanto, no dizer de Lutzenberger, a pobreza não será erradicada pelo nosso modelo de progresso. A pobreza é causada pelo nosso modelo de progresso.

IHU On-Line - É possível falarmos em uma outra economia, que tome em consideração a preservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável?

Lilian Dreyer - Não só é possível como indispensável. É o tema do livro póstumo de Lutzenberger, que acaba de ser lançado. Chama-se *Garimpo ou Gestão - Crítica Ecológica ao Pensamento Econômico*². Ele começa por restabelecer a noção de que a Economia é um aspecto parcial da Ecologia, de que a atividade humana é, na verdade, apenas uma parte dos “negócios da Natureza”. Para ele, o PIB, como hoje o medimos, é um engodo, porque não faz contas completas, não leva em conta o depauperamento da biosfera e suas consequências, seu impacto sobre as contas públicas. Em função disso, uma nação pode ter a impressão de que está mais rica, quando, na verdade, ficou mais pobre. Deveríamos então estagnar, parar o desenvolvimento? Não, deveríamos deslocar o foco, em vez de avanço quantitativo, buscar avanço qualitativo. O livro explora essa visão em detalhes. Lutzenberger sustenta que, com o uso inteligente da tecnologia de que hoje dispomos, a maior parte dos estragos que causamos poderia ser facilmente evitada, sem que isso significasse privações. Na verdade, diz ele, “a maioria das pessoas poderia divertir-se muito mais”.

IHU On-Line - Qual é o maior legado da Cooperativa Coolméia³ em termos

² O livro póstumo de Lutzenberger *Garimpo ou Gestão - Crítica Ecológica ao Pensamento Econômico* (Pelo Planeta/Vidicom/ 2009) foi lançado na última Feira do Livro de Porto Alegre, está na livrarias e pode ser acessado pelo site www.peloplaneta.com (Nota da entrevistada)

³ A Coolméia Cooperativa Ecológica foi fundada em 1978, com o objetivo de certificar e fornecer um selo próprio aos agricultores do sul do Brasil. Também prestava assessoria

“Existe uma afinidade natural entre Ecologia e Cooperativismo”

de construir uma trajetória de respeito à biodiversidade no Rio Grande do Sul?

Lilian Dreyer - Acredito que existe uma afinidade natural entre Ecologia e Cooperativismo. Como nas sociedades cooperativas o alvo não é o lucro, mas o atendimento de necessidades, é lógico que elas acabem se interessando por modelos de produção e consumo eficientes sob o ponto de vista ecológico. A adequação ecológica é a única forma de garantir a tal da sustentabilidade, de garantir que, ao longo do tempo, as necessidades da comunidade humana continuem sendo atendidas. A Coolméia surgiu desta percepção, numa época em que eram muito atuantes, no Rio Grande do Sul, grupos visionários, no melhor sentido da palavra. Mas, entre a possibilidade e a realidade, existe um hiato que só se resolve na medida em que as pessoas se resolvem. No meu modo de ver, a Coolméia sofreu muito por ser pioneira, em especial, por ter de tocar com corações e mentes do século XX uma visão para o século XXI. Ainda assim, apenas a cooperativa como empresa desapareceu. Sua função se cumpriu, sua influência persiste. Ela demonstrou que há interesse e viabilidade nesses novos modelos de convivência da sociedade humana com o conjunto da natureza, modelos em que as necessidades humanas são atendidas e, ao mesmo tempo, a biodiversidade encontra condições de se manter e de continuarem evoluindo.

em agricultura ecológica através de cursos, palestras e projetos para propriedades rurais ecológicas. Além de coordenar uma feira em Porto Alegre, administrava uma lancheria e um restaurante onde eram vendidos os produtos orgânicos produzidos pelos agricultores certificados. A Coolméia teve a porta de seu entreposto fechada em Porto Alegre em 22-04-2006, mas as feiras ecológicas continuam acontecendo. (Nota da IHU On-Line)

O valor da biodiversidade brasileira é maior que todo o PIB

Roberto Berlinck lembra que a percepção da importância da biodiversidade não se reduz a preservar e conservar a natureza porque ela é boa e bela, e sim porque a vida na Terra é uma gigantesca rede de inter-relações entre animais, vegetais e micro-organismos

POR GRAZIELA WOLFART

“A biodiversidade que hoje conhecemos (pelo menos em parte) no nosso planeta é o fruto de 3,5 bilhões de anos de evolução biológica através dos processos de seleção natural. Foi este processo, ao longo de todo este tempo, que levou ao surgimento de todas as espécies biológicas conhecidas (e ainda não conhecidas)”. A definição é do professor e pesquisador Roberto Berlinck, em entrevista concedida, por e-mail, para a IHU On-Line. Ele enfatiza que a espécie humana faz parte da biodiversidade do planeta, mas que nenhuma outra espécie viva da Terra depende dos humanos. “Se a espécie humana for extinta, por qualquer razão, provavelmente a maioria das outras espécies vivas continuarão a existir, como bactérias, fungos, cianobactérias, plantas e animais. A espécie humana deixaria de existir muito antes que as espécies vegetais desaparecessem por completo”, argumenta. Para Berlinck, “as sementes constituem a fonte de informação e de geração de vida de diversas espécies vegetais. Com a perda da biodiversidade, espécies vegetais estão desaparecendo porque não conseguem se reproduzir”.

Em suas respostas, o professor explica que o fato de o Brasil ser um país denominado “megadiverso” o coloca em destaque no cenário internacional, “uma vez que possui entre 15% e 25% de toda a biodiversidade da Terra. É um dos poucos países que ainda possui uma biodiversidade tão extensa, boa parte ainda desconhecida”. E continua: “estima-se que o valor da biodiversidade brasileira seja de 2 trilhões de dólares por ano, muito maior do que o PIB do Brasil. O potencial de utilização dos recursos oriundos da biodiversidade brasileira é incalculável”.

Roberto Gomes de Souza Berlinck possui graduação em Química pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Ciências (Química Orgânica) pela Université Libre de Bruxelles. Atualmente é professor no Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da Universidade de São Paulo (USP). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais as principais características que diferenciam a biodiversidade marinha e terrestre?

Roberto Berlinck - A biodiversidade marinha e terrestre é fundamentalmente diferente por um motivo simples: o meio marinho é aquoso, salino e, em função da profundidade onde os organismos vivos são encontrados, estes estão sob uma pressão muito grande (em termos de pressão atmosférica). Já os organismos terrestres vivem em um ambiente aéreo, constituído principalmente por nitrogênio (N₂, 70% da atmosfera), intensa radiação luminosa e com fortes correntes de ar. Tais características ambientais fizeram com que as espécies terrestres e marinhas adquirissem características muito diferentes ao longo da evolução biológica. Por exemplo, as espécies de animais marinhos tiveram que desenvolver mecanismos para utilizar oxigênio dissolvido na água do mar. Já as espécies terrestres tiveram que desenvolver mecanismos para tolerar uma alta concentração de oxigênio no ambiente em que vivem. As espécies marinhas também tiveram que desenvolver maneiras de tolerar uma significativa concentração de sais no seu ambiente, o que não ocorre no ambiente terrestre. Desta forma, as espécies marinhas apresentam características anatômicas e fisiológicas inexistentes nas espécies terrestres. Por exemplo, vários tunicados (invertebrados marinhos) têm, em seu sangue, átomos de vanádio, um metal relativamente raro, que não ocorre na maioria dos organismos terrestres. Por outro lado, muitos insetos utilizam substâncias químicas voláteis, que se dispersam no ar, para se comunicar, o que não ocorre no ambiente marinho.

IHU On-Line - Como entender a disparidade do número de espécies entre ambiente terrestre e marinho? O que provocou esse fenômeno?

Roberto Berlinck - A resposta a esta pergunta não é simples. Recentemente foi publicado um artigo na revista científica *Science* que discute exatamente esta questão. O artigo foi comentado no meu blog, *Química Viva* (<http://bit.ly/c10pc4>), e a ideia que os autores do artigo apresentam é que

a biodiversidade marinha é muito menor do que a biodiversidade terrestre, quando se considera o número de espécies nos dois ambientes. O levantamento mostra que de cada 10 espécies biológicas, nove situam-se em ambiente terrestre. Tal distribuição é relativamente recente, uma vez que, há 400 milhões de anos, a predominância era de espécies marinhas. Contudo, há cerca de 110 milhões de anos, as plantas terrestres começaram a sofrer um intenso processo de especiação (surgimento de novas espécies), bem como seus respectivos agentes polinizadores, micro-organismos associados e herbívoros predadores. Com a “explosão” das plantas floríferas há cerca de 110 milhões de anos, estas ocuparam

“O ambiente terrestre seria muito mais propício para os processos adaptativos que regem o processo de evolução através da seleção natural”

praticamente todos os ambientes terrestres onde podiam se desenvolver. Como a dispersão das espécies pelo ar é muito mais rápida e pode atingir longas distâncias, o surgimento de um número excepcional de espécies terrestres foi muito favorecido.

Sendo a dispersão no meio marinho muito mais difícil, as espécies marinhas tendem a viver de forma aglutinada, formando comunidades de alta densidade populacional - os recifes de corais. As espécies que vivem intimamente associadas aos recifes de corais se tornam particularmente vulneráveis a doenças, predação e fatores ambientais, como aquecimento e ocorrência de desastres como maremotos e furacões. Tais fatos já foram extensivamente observados nos corais da região caribenha e das Bahamas. Os corais

destas regiões estão continuamente expostos a enormes furacões que movimentam as águas oceânicas de maneira extremamente agressiva, deixando um enorme rastro de destruição de corais e suas espécies associadas. São necessárias décadas para que tais recifes voltem a apresentar suas características originais. O mesmo vale para corais da Grande Barreira de Corais da Austrália, que sofrem particularmente com efeito de branqueamento dos corais (morte de zooxantelas e outras cianobactérias) em decorrência de mudanças na temperatura da água bem como nas taxas de dissolução de dióxido de carbono na água do mar.

Outro fator que pode ter contribuído para um aumento significativo na biodiversidade terrestre é o aumento na vascularização das plantas superiores. Tal fator levou a um incremento importante na biomassa das plantas, e pode ter contribuído para a ocupação de nichos ecológicos ainda disponíveis. Em consequência, o número de espécies biológicas terrestres aumentou muito, deixando a biodiversidade marinha muito aquém em número de espécies. Vários fatores podem ter influenciado esta diferença, como a maior densidade da água quando comparada com a do ar, fazendo com que larvas de animais sejam transportadas com muito mais dificuldade no meio marinho do que no terrestre. A dissipação de calor na água é muito mais difícil, tornando os organismos marinhos mais suscetíveis a eventuais variações de temperatura. Desta forma, o ambiente terrestre seria muito mais propício para os processos adaptativos que regem o processo de evolução através da seleção natural.

IHU On-Line - Qual a importância de conhecer e preservar a biodiversidade? Ela é algo bom para quem e para o quê?

Roberto Berlinck - Atualmente, este é um tema constante nos meios de comunicação, e vale a pena enfatizar: somos parte da biodiversidade. O ser humano é um animal como qualquer outro. Não somos especiais. Fundamentalmente, as únicas diferenças entre a espécie humana e as outras espécies biológicas são a

consciência e a linguagem. Tais características tornaram a espécie humana única, porém não mais importante ou melhor. Por exemplo, a maior parte da fotossíntese é realizada por microalgas oceânicas (cerca de 80-90% de toda a fotossíntese do planeta Terra é realizada no mar). O processo de fotossíntese captura dióxido de carbono e, na presença de luz e água, transforma o CO₂ em matéria orgânica (glicose) e oxigênio. No meu ponto de vista, considero os organismos fotossintetizantes muito mais importantes do que a espécie humana, pois as espécies de algas e plantas que realizam a fotossíntese mantêm a vida de todas as outras espécies que dependem delas. Nenhuma outra espécie viva da Terra depende da espécie humana. Se a espécie humana for extinta, por qualquer razão, provavelmente a maioria das outras espécies vivas continuarão a existir, como bactérias, fungos, cianobactérias, plantas e animais. A espécie humana deixaria de existir muito antes que as espécies vegetais desaparecessem por completo.

A percepção da importância da biodiversidade não se reduz a preservar e conservar a natureza porque ela é boa e bela, e sim porque a vida na Terra é uma gigantesca rede de inter-relações entre animais, vegetais e micro-organismos. Se, por acaso, partes desta rede forem severamente comprometidas, toda a rede estará comprometida. Uma vez que esta rede se estabeleceu, não é possível simplesmente ignorá-la. É preciso conhecê-la, cada vez melhor, para que possamos não apenas gerar conhecimento, mas também utilizarmos a biodiversidade de várias maneiras (na produção de alimentos e medicamentos; como lazer em zoológicos, museus, aquários etc.; em pesquisa biomédica), de forma responsável e sustentada.

IHU On-Line - Qual a especificidade da biodiversidade das sementes?

Roberto Berlinck - As sementes constituem a fonte de informação e de geração de vida de diversas espécies vegetais. Com a perda da biodiversidade, espécies vegetais estão desaparecendo porque não conseguem se reproduzir. Sendo assim, a constituição de bancos de

“Considero os organismos fotossintetizantes muito mais importantes do que a espécie humana, pois as espécies de algas e plantas que realizam a fotossíntese mantêm a vida de todas as outras espécies que dependem delas”

sementes vegetais (atualmente existem vários no mundo todo) é extremamente importante para melhor se conhecer a distribuição dos vegetais na Terra, como estas sementes são importantes para a disseminação de espécies vegetais dos quais dependem insetos, aves e outros animais, bem como para servir de material de referência para análise genética de diferentes tipos de plantas e também propiciar o plantio de espécies raras e nativas que se encontram em extinção.

IHU On-Line - Como relacionar a biodiversidade com o processo de evolução e seleção natural das espécies?

Roberto Berlinck - A biodiversidade que hoje conhecemos (pelo menos em parte), no nosso planeta, é o fruto de 3,5 bilhões de anos de evolução biológica através dos processos de seleção natural. Foi este processo, ao longo de todo este tempo, que levou ao surgimento de todas as espécies biológicas conhecidas (e ainda não conhecidas).

IHU On-Line - O que significa para o mundo o conhecimento de que nossa biodiversidade é tão rica? Quais as implicações da abundância da biodiversidade para os outros setores da nossa sociedade, como a economia, por exemplo?

Roberto Berlinck - Como indiquei anteriormente, a biodiversidade é a par-

te mais importante de uma enorme rede, extremamente complexa, que chamamos de VIDA. O fato de o Brasil ser um país denominado “megadiverso” o coloca em destaque no cenário internacional, uma vez que possui entre 15% e 25% de toda a biodiversidade da Terra. É um dos poucos países que ainda possui uma biodiversidade tão extensa, boa parte ainda desconhecida. Portanto, é extremamente importante que sejam criados programas de pesquisa, desenvolvimento e aplicação de processos e produtos oriundos da biodiversidade brasileira. Estima-se que o valor da biodiversidade brasileira seja de 2 trilhões de dólares por ano, muito maior do que o PIB do Brasil. O potencial de utilização dos recursos oriundos da biodiversidade brasileira é incalculável. Apenas uma parte muito, mas muito pequena mesmo, destes recursos foi pesquisada e se tornou produtos de importância econômica, cultural e social. É importante assinalar que a exploração racional da biodiversidade também pode gerar produtos culturalmente importantes. A história do Brasil está intimamente relacionada à sua biodiversidade, a começar pela exploração do Pau-Brasil. A culinária brasileira está intimamente ligada à sua biodiversidade, como várias plantas do gênero Piper (que são os diferentes tipos de pimentas), peixes da região norte e centro-oeste, diferentes tipos de mandioca, uma enorme variedade de frutas, alimentos que fazem parte da cultura social. Além disso, muitas plantas foram (e ainda são) utilizadas na construção civil, móveis, embarcações, e que atualmente estão felizmente protegidas.

A biodiversidade brasileira não somente deve ser explorada para fins econômicos diretos, mas também para gerar conhecimento. Não se conhece quase nada sobre os mais diversos tipos de micro-organismos, insetos, plantas e organismos marinhos que podem gerar produtos de alto valor tecnológico agregado, como enzimas. Tais produtos podem beneficiar enormemente a população brasileira de diferentes maneiras: promovendo avanço científico, gerando conhecimento, possibilitando a geração de processos e produtos de interesse

para a saúde humana, para a agricultura, e de muitas outras formas. Por isso, é muito importante que se estimule a pesquisa e o conhecimento sobre a fauna e a flora brasileira. Existem inúmeros pesquisadores no Brasil inteiro que se dedicam a estudar a biodiversidade brasileira, como forma de melhor conhecer e possibilitar a utilização racional dos recursos naturais. Tais pesquisas devem ser muito estimuladas, e o acesso à biodiversidade brasileira deve ser facilitado para os pesquisadores e estudantes que queiram se dedicar a melhor conhecer as plantas, animais e micro-organismos do Brasil.

IHU On-Line - Como a perda da biodiversidade pode influenciar na longevidade da vida terrestre, inclusive da sobrevivência da espécie humana?

Roberto Berlinck - Como eu disse acima, a espécie humana é parte da megarede de VIDA do nosso planeta. Porém, não é parte essencial desta rede. Existem outros organismos que são muito mais importantes nesta rede, como aqueles que fazem fotossíntese (plantas, algas e microalgas) e os que degradam a matéria orgânica (bactérias e fungos). Se o desenvolvimento humano prolongar a utilização não-racional, não planejada, irresponsável e não-sustentada da biodiversidade, é muito provável que em algum momento esta rede de vida fique comprometida. A própria sobrevivência da espécie humana depende de ações que minimizem a exploração da biodiversidade de maneira inconsequente. Infelizmente, parece que os governos de muitos países ainda não estão cientes do problema real e não estão implementando ações efetivas que minimizem a perda de biodiversidade. Porém, a história da humanidade nos mostra, várias vezes, que é melhor se conhecer a fundo potenciais problemas que nos cercam, para tentar evitar que estes problemas se tornem crônicos, para que eventualmente possam ser solucionados. A conservação e preservação da biodiversidade não são diferentes. É extremamente difícil prever quais seriam as consequências de uma perda significativa de biodiversidade. Tenho certeza que ninguém gostaria de vivenciar esta experiência.

Sementes crioulas e a garantia da soberania dos povos

Na opinião do agrônomo Gilberto Antonio Bevilaqua, a preferência do consumidor por produtos com aparência homogênea, desconsiderando o valor nutricional do produto e o sistema em que foi produzido, é um dos aspectos que dificulta a expansão da semente crioula

POR PATRÍCIA FACHIN

“**A** utilização das sementes crioulas visa exatamente ao resgate e ao aumento na utilização da biodiversidade local frente ao processo da agricultura moderna”, disse o agrônomo do Embrapa, Gilberto Antonio Bevilaqua, à **IHU On-Line** por e-mail. Apesar de as sementes crioulas ainda serem pouco utilizadas na agricultura expansiva, elas “possuem grande potencial para o desenvolvimento de novas cultivares adaptadas a sistemas de produção com baixa utilização de insumos e poupadoras de recursos naturais”. A coevolução das cultivares crioulas, explica o pesquisador, “juntamente com as mudanças ambientais que vêm ocorrendo, propiciam o aparecimento de novas variantes que, sob vários aspectos, representam melhorias no sistema e podem, inclusive, contribuir com os programas tradicionais de melhoramento genético”.

Na entrevista que segue, o pesquisador compara a potencialidade das sementes crioulas com as híbridas, e informa que as crioulas “possuem um comportamento mais estável quanto à produtividade, apresentando potencial de rendimento menor que as cultivares melhoradas e híbridas, entretanto, produzem relativamente bem em anos e condições climáticas desfavoráveis”.

Quando se trata de preservar e expandir a produção de sementes crioulas, Bevilaqua assegura que “o uso de cultivar crioula possibilita que o agricultor possa reutilizar essa semente, observando indicações técnicas específicas para garantir a sua qualidade genética, pureza e germinação da semente”.

Com a introdução da transgenia, o risco das sementes crioulas serem extintas “efetivamente existe”, confirmou o pesquisador. Entretanto, ele esclarece que as cultivares crioulas acabam incorporando genes de culturas híbridas e transgênicas, e o processo de evolução deve “seguir o caminho natural”.

Bevilaqua é formado em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, mestre e doutor em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Desde 1996, é pesquisador da Embrapa Clima Temperado. Atualmente, participa de um projeto intitulado Agricultores Guardiões de sementes e desenvolvimento de cultivares crioulas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível pensar em um resgate da biodiversidade através da expansão de sementes crioulas?

Gilberto Antonio Bevilaqua - A utilização das sementes crioulas visa exatamente o resgate e o aumento na utilização da biodiversidade local frente ao processo da agricultura moderna, focado na uniformização dos cultivares e utilização de um pequeno número de culturas com interesse comercial. Para diversas culturas menos expressivas comercialmente não existem cultivares recomendadas pelas instituições de pesquisa, que realizam melhoramento genético. Assim, as cultivares crioulas passam a ser as únicas em condições de serem utilizadas por apresentarem ampla adaptação aos sistemas locais de produção. A agricultura moderna também está centrada em pequeno número de culturas de interesse como arroz, soja, trigo, milho e batata, e a utilização de cultivares crioulas pode aumentar o número de culturas de interesse, diversificando os sistemas de produção e garantindo maior estabilidade.

IHU On-Line - Qual a importância de resgatar a semente crioula numa época em que se fala tanto na escassez de recursos naturais e alimentos?

Gilberto Antonio Bevilaqua - A agricultura moderna tem ocasionado perda acelerada da agrobiodiversidade pela substituição de cultivares crioulas e tradicionais por cultivares modernas e altamente dependentes de insumos químicos e fertilizantes. Isso está conduzindo à perda de genes constantes das cultivares crioulas, as quais poderiam dar grande contribuição para a agricultura brasileira e mundial, se melhor conhecidos e estudados. As cultivares crioulas possuem grande potencial para o desenvolvimento de novas cultivares adaptadas a sistemas de produção com baixa utilização de insumos e poupadoras de recursos naturais. A coevolução das cultivares crioulas, juntamente com as mudanças ambientais que vêm ocorrendo, propiciam o aparecimento de novas variantes que, sob vários aspectos, representam melhorias no sistema e po-

“As cultivares crioulas possuem um papel importante para vencer a crise de alimentos, embora a escassez de alimentos seja relativa, pois, a nível mundial, a oferta e demanda de alimentos não são tão díspares assim, ou seja, a existência de pessoas com fome ou subnutridas deve-se mais a dificuldades de aquisição dos alimentos do que propriamente a falta de alimento a ser adquirido”

dem, inclusive, contribuir com os programas tradicionais de melhoramento genético. A conservação das sementes crioulas faz parte de uma campanha mundial de soberania dos povos quanto à posse de suas sementes, como estratégia de segurança nacional.

IHU On-Line - Em que medida a semente crioula pode ser uma alternativa à crise de alimento que é anunciada por vários pesquisadores?

Gilberto Antonio Bevilaqua - As cultivares crioulas possuem um papel importante para vencer a crise de alimentos, embora a escassez de alimentos seja relativa, pois, a nível mundial, a oferta e demanda de alimentos não são tão díspares assim, ou seja, a existência de pessoas com fome ou

subnutridas deve-se mais a dificuldades de aquisição dos alimentos do que propriamente a falta de alimento a ser adquirido. As cultivares crioulas possuem um comportamento mais estável quanto à produtividade, apresentando potencial de rendimento menor que as cultivares melhoradas e híbridas, entretanto, produzem relativamente bem em anos e condições climáticas desfavoráveis. O uso de cultivares crioulas seria a estratégia mais acertada para cultivo em áreas marginais de produção, garantindo produção de alimento mesmo sob condições desfavoráveis.

IHU On-Line - Como está a produção de semente crioula no Rio Grande do Sul? Existe um banco de semente crioula, por exemplo?

Gilberto Antonio Bevilaqua - A produção de sementes crioulas no Estado ainda pode ser considerada pequena, embora a procura por cultivares crioulas tenha aumentado, apesar do avanço acelerado das modernas tecnologias. A perspectiva de utilização de sementes crioulas tenderá a aumentar com a exigência dos órgãos certificadores de alimentos orgânicos que estipulem a exigência de sementes ecológicas para a instalação de áreas de produção. Existem vários bancos de sementes no Estado, como iniciativa de grupos de agricultores organizados e entidades representativas da Agricultura Familiar cujo objetivo é disponibilizar sementes de cultivares crioulas, principalmente com a utilização de tecnologias de base ecológicas.

IHU On-Line - De que forma é feita a distribuição da semente crioula entre os agricultores do estado?

Gilberto Antonio Bevilaqua - Existem diversas entidades públicas e privadas organizadas, preocupadas com cultivares crioulas e que desenvolvem atividades de pesquisa e desenvolvimento. Estas entidades e movimentos sociais estão organizadas, juntamente com a Embrapa, em torno de projetos específicos que visam, primeiramente, a caracterização e avaliação das cultivares, e aquelas que se destacam ve-

nham a ser utilizadas comercialmente. Os bancos de sementes passam a ser uma importante estratégia para que os agricultores tenham acesso a estas cultivares. Programas públicos específicos para a agricultura familiar, como o troca-troca de sementes, poderiam dar grande contribuição no sentido de que exigissem, mesmo que parcialmente, a utilização de cultivares crioulas.

IHU On-Line - Quais são as formas de preservar a semente crioula diante do cultivo de sementes híbridas?

Gilberto Antonio Bevilaqua - Estamos trabalhando várias estratégias para preservar as cultivares crioulas, acho que a principal delas é o Agricultor Guardião de sementes, que é um agricultor que, por sua vocação, possui um grande número de cultivares e faz seleção das plantas na perspectiva do seu sistema produtivo, conforme suas preferências e condições locais de clima e solo. O guardião é o elo fundamental entre a pesquisa e as entidades preocupadas com o desenvolvimento das cultivares crioulas. A pesquisa vem se dedicando também ao resgate e conservação das cultivares crioulas, reconhecendo as características relevantes das mesmas para que possam ser exploradas comercialmente. Em nosso trabalho, disponibilizamos anualmente dezenas de coleções para avaliação local das cultivares. A formação de uma rede estadual que desenvolve trabalhos e pesquisa e desenvolvimento, focados na agrobiodiversidade local, foi um importante passo para apoiar as iniciativas locais de trabalho com sementes crioulas.

IHU On-Line - A semente híbrida gera que implicações à biodiversidade e ao cultivo das diferentes espécies?

Gilberto Antonio Bevilaqua - A semente híbrida subentende todo um sistema de produção que implica na uniformização do processo produtivo, bem como a utilização de pequeno número de cultivares, fruto também da própria uniformização. As cultivares híbridas são desenvolvidas para sistemas intensivos, que utilizam lar-

“A mudança de hábito do consumidor quanto a produtos com aparência menos impactante terá forte influência na escolha do material genético e na alteração dos sistemas de produção utilizados”

gamente agrotóxicos e fertilizantes, nos quais as cultivares crioulas não são bem adaptadas, pois são poupadoras de insumos. Observa-se que o acesso dos agricultores a cultivares híbridas implica frequentemente em abandono de suas cultivares tradicionais. Nós temos essa preocupação de que o agricultor ao adotar uma cultivar melhorada não abandone suas cultivares tradicionais.

IHU On-Line - O que justifica a substituição da semente crioula pela semente híbrida?

Gilberto Antonio Bevilaqua - As cultivares híbridas possuem um potencial produtivo superior às cultivares crioulas, especialmente em condições de solo e clima favoráveis, o que significa que as híbridas devem ser utilizadas em sistemas intensivos com alta utilização de tecnologia e solos de alta fertilidade, nestes casos, a produtividade da híbrida será superior a das cultivares crioulas. Em anos considerados desfavoráveis, a produtividade de ambas tende a se igualar, ou, em certos casos, a cultivar crioula pode superar a híbrida. Com isso, a cultivar crioula passa a ser recomendada em condições de clima e solo desfavoráveis pela sua adaptação a estas condições, conferidas ao longo de décadas de seleção pelos agricultores. Além do mais, o uso de cultivar crioula possibilita que o agricultor possa reutilizar essa semente, observando indicações

técnicas específicas para garantir a sua qualidade genética, pureza e germinação da semente.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a utilização de sementes crioulas entre os agricultores? Por que, apesar de existir uma variedade grande de determinada espécie, como o milho, por exemplo, poucas qualidades de sementes são cultivadas?

Gilberto Antonio Bevilaqua - A utilização de sementes crioulas em cultivos extensivos ainda pode ser considerada pequena, embora os agricultores familiares as utilizem em maior escala, em casos de haver deficiência na oferta de sementes de acordo com o ano. O comportamento do consumidor final também acaba sendo determinante na escolha da cultivar por parte do produtor e afetando o comportamento da indústria processadora na compra do produto. Atualmente, o consumidor tem uma preferência por produtos com aparência homogênea, desconsiderando o valor nutricional do produto e o sistema em que foi produzido. A mudança de hábito do consumidor quanto a produtos com aparência menos impactante terá forte influência na escolha do material genético e na alteração dos sistemas de produção utilizados.

IHU On-Line - Com a introdução da transgenia na agricultura, a semente crioula corre risco de entrar em extinção?

Gilberto Antonio Bevilaqua - O risco efetivamente existe. Tem se observado o aumento dos casos de contaminação das cultivares crioulas por cultivares híbridas e transgênicas, principalmente em espécies alógamas, como o milho. Entretanto, constata-se que as cultivares crioulas incorporam genes destas cultivares, e o processo de evolução deve seguir o caminho natural, pois é impossível deter a movimentação dos grãos de pólen. Mecanismos de controle dos cultivos transgênicos devem ser melhor administrados sob pena da contaminação total dos campos de sementes, inclusive em cultivares convencionais de espécies autóginas, como a soja.

Uma espécie ameaçada e adaptável

Segundo Ricardo Carrere, a biodiversidade mundial tende a ser cada vez mais padronizada e menos diversa

POR GRAZIELA WOLFART E PATRÍCIA FACHIN

Na opinião de Ricardo Carrere, editor do Boletim Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, “a civilização moderna, baseada em uma economia de consumo, converteu-se na maior ameaça para a biodiversidade, tanto vegetal e animal como para a própria diversidade humana”. Entretanto, em entrevista à **IHU On-Line**, por e-mail, ele frisou que a “a espécie humana sabe se adaptar a muitos ambientes diferentes e interagir positivamente com os mesmos”.

Carrere mencionou ainda que diversos fatores contribuem para o desaparecimento das espécies. Entre eles, ele cita a “imposição de um modelo social, econômico e político desenvolvido durante os últimos séculos”, fatores físicos e culturais, que acontecem “pela destruição de culturas ancestrais em todo o mundo”. Com isso, assegura, “o mundo tende a uma cultura cada vez mais padronizada e, portanto, menos diversa.”

Carrere é técnico florestal da Escuela de Silvicultura de Madonado, Uruguai, e coordenador Internacional do Movimento Mundial por los Bosques Tropicales, organização internacional que busca assegurar a proteção dos bosques e os direitos dos povos que os habitam. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Para o senhor, qual o significado completo de biodiversidade?

Ricardo Carrere - Biodiversidade abrange não somente os três elementos incluídos na definição oficial (genes, espécies e habitats), mas também a diversidade geográfica e cultural.

IHU On-Line - Qual a importância da iniciativa da ONU em declarar 2010 como o ano internacional da biodiversidade?

Ricardo Carrere - Como aspecto positivo: serve como oportunidade para dar mais visibilidade ao tema e para tornar possível a tomada de algumas decisões para protegê-la. Como aspecto negativo: serve como cortina de fumaça para evitar que se saiba que a maioria das medidas que os governos adotam (e até organismos das Nações Unidas) atentam contra a biodiversidade do planeta.

IHU On-Line - Como o senhor qualifica a presença dos seres humanos na biodiversidade do planeta Terra?

Ricardo Carrere - A civilização moder-

na, baseada em uma economia de consumo, se converteu na maior ameaça para a biodiversidade, tanto vegetal e animal como para a própria diversidade humana.

IHU On-Line - Quais os riscos de desconsiderar a espécie humana quando se fala em biodiversidade? O que podemos estar perdendo sem nos darmos conta?

Ricardo Carrere - A espécie humana sabe se adaptar a muitos ambientes diferentes e interagir positivamente com os mesmos. A ausência de humanos nesses ambientes pode ter similares impactos negativos como os que resultam no desaparecimento de qual-

“Os povos que habitam as florestas tropicais dependem inteiramente dos mesmos para assegurar sua sobrevivência dentro de suas culturas tradicionais”

quer outra espécie animal ou vegetal.

IHU On-Line - Qual a atual situação da biodiversidade cultural humana no planeta?

Ricardo Carrere - Muitas culturas têm desaparecido como resultado da imposição de um modelo social, econômico e político desenvolvido durante os últimos séculos. Outras culturas estão desaparecendo fisicamente (por exemplo, os povos indígenas em isolamento voluntário) ou culturalmente (pela destruição de culturas ancestrais em todo o mundo). O mundo tende a uma cultura cada vez mais padronizada e, portanto, menos diversa.

“O ser humano é uma espécie onívora, capaz de se adaptar a ofertas ambientais muito diversas”

IHU On-Line - Pensando na biodiversidade, como podemos relacionar o destino dos povos originários com as florestas tropicais?

Ricardo Carrere - Os povos que habitam as florestas tropicais dependem inteiramente dos mesmos para assegurar sua sobrevivência dentro de suas culturas tradicionais. A destruição de suas florestas por parte de atores externos (represas hidroelétricas, criação de gado, soja, madeireiras comerciais, plantações de pinos, eucaliptos, palma azeiteira etc.) coloca esses povos à beira da extinção.

IHU On-Line - De modo geral, como a cultura humana se molda a partir da biodiversidade de uma região?

Ricardo Carrere - O ser humano é uma espécie onívora, capaz de se adaptar a ofertas ambientais muito diversas. É também capaz de modificar seu entorno para adaptá-lo às suas necessidades. Desses processos, surgem culturas diferentes, adaptadas à biodiversidade e a outras características (por exemplo, climáticas), de cada região.

IHU On-Line - Quais têm sido as principais metas do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais?

Ricardo Carrere - Proteger as florestas tropicais e os direitos dos povos que ali habitam.

ACESSE
O SÍTIO DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Um imperativo para a sobrevivência de todos

A biodiversidade implica uma enorme riqueza, já que é a base do sustento em seu sentido mais amplo, e por isso é fundamental conservá-la, defende Silvia Ribeiro

POR GRAZIELA WOLFART

Para a pesquisadora Silvia Ribeiro, “tanto a biodiversidade natural como a cultivada são elementos essenciais para a sobrevivência. Da biodiversidade dependem a existência das florestas e seus habitantes, as fontes de água, os solos, o ar, a regulação do clima, mas também a alimentação e as fontes de remédios”. Ela concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a **IHU On-Line**, onde afirma que o que mais provoca impactos sobre a biodiversidade cultural, natural e cultivada na história da humanidade “é a civilização petroleira que vivemos, o capitalismo industrial, particularmente nos últimos 50 anos. A diferença com outras é que o capitalismo industrial globalizou a devastação e a erosão genética e provocou, além disso, uma mudança no clima do planeta, que é atualmente um fator de aceleração vertiginosa da destruição da biodiversidade”. E Silvia continua: “frente ao avanço desta civilização capitalista, que continua criando caos climático e destruição da diversidade biológica e cultural, os pequenos projetos de conservação da biodiversidade acabam diluídos”.

Silvia Ribeiro é pesquisadora e coordenadora de programas do Grupo ETC, grupo de pesquisa sobre novas tecnologias e comunidades rurais, com sede no México. Ela tem ampla bagagem como jornalista e ativista ambiental no Uruguai, Brasil e Suécia. Silvia também produziu uma série de artigos sobre transgênicos, novas tecnologias, concentração empresarial, propriedade intelectual, indígenas e direitos dos agricultores, que têm sido publicados em países latino-americanos, europeus e norte-americanos, em revistas e jornais, bem como vários capítulos de livros. Ela é membro da comissão editorial da Revista *Latino-Americana Biodiversidad, sustento y culturas*, e do jornal espanhol *Ecología Política*, entre outros. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância da biodiversidade para nossa qualidade de vida?

Silvia Ribeiro - Tanto a biodiversidade natural como a cultivada são elementos essenciais para a sobrevivência. Da biodiversidade dependem a existência das florestas e seus habitantes, as fontes de água, os solos, o ar, a regulação do clima, mas também a alimentação e as fon-

tes de remédios, enfim, são tantas coisas que é difícil enumerá-las. Em geral, nenhuma espécie sobrevive sem diversidade, porque o estreitamento da base genética de qualquer espécie significa cada vez maior vulnerabilidade às enfermidades e falta de adequação e coevolução com o meio, o que leva à extinção. Existe uma inter-relação permanente entre a diversidade natural e a cultivada ou

manipulada. No Grupo ETC, dizemos que não existe quase nada no planeta que seja somente “natural”; tudo é tocado e influenciado pelas diferentes culturas que os seres humanos criaram. Na maioria dos casos, esta relação é positiva e um elemento essencial para a existência e a qualidade de vida da humanidade. Este é o caso da biodiversidade agrícola e da manipulação comunitária e artesanal da biodiversidade florestal, pesqueira, pecuarista, assim como os conhecimentos das comunidades sobre as ervas e outros elementos medicinais naturais. Todas as sementes que utilizamos atualmente não eram assim desde o começo, foi um processo de criação, de adaptação, para chegar aos alimentos que temos. O mesmo aconteceu com os animais domésticos. Este foi o trabalho de milhões de camponesas e de camponeses indígenas durante milhares de anos, de forma coletiva e descentralizada, culturalmente diversa, adaptada a muitíssimas variáveis, como as condições geográficas e climáticas aos gostos, às culturas, às sensibilidades etc. Portanto, não há uma separação entre a diversidade cultural e a diversidade biológica; é uma relação mútua e contínua.

Por outro lado, historicamente, algumas culturas humanas destruíram a biodiversidade e os habitats onde viviam, como aconteceu, por exemplo, na Suméria e na chamada “meia-lua fértil”, (antiga Mesopotâmia, hoje parte do Irã, Iraque, Síria) e em regiões com produção agrícola intensiva, e pesca e caça de animais em excesso. Mas a mais grave de todas, a que mais impactos tem sobre a biodiversidade cultural, natural e cultivada na história da humanidade, é a civilização petroleira que vivemos, o capitalismo industrial, particularmente nos últimos 50 anos. A diferença com outras é que o capitalismo industrial globalizou a devastação e a erosão genética e provocou, além disso, uma mudança no clima do planeta, que é atualmente um fator de aceleração vertiginosa da destruição da biodiversidade.

IHU On-Line - Como a senhora vê os esforços já empreendidos para salvar

a biodiversidade até o momento?

Silvia Ribeiro - Oficialmente, na comunidade internacional, se reconhece o problema muito parcialmente e praticamente não existem medidas para reduzir a perda da biodiversidade. Em geral, e no melhor dos casos, só se vê a perda da diversidade biológica sem conectá-la com a diversidade cultural, com a existência das culturas camponesas, indígenas, locais, quilombolas, dos habitantes das florestas, pescadores e pastores artesanais, catadores etc. Então, o que se propõe são projetos mais conservacionistas, de áreas naturais ou de espécies, que não são

“Em geral, nenhuma espécie sobrevive sem diversidade, porque o estreitamento da base genética de qualquer espécie significa cada vez maior vulnerabilidade às enfermidades e falta de adequação e coevolução com o meio, o que leva à extinção”

soluções de fundo, e inclusive podem criar problemas graves de gestão com os verdadeiros “atores da biodiversidade”, que são os que historicamente a tem cuidado por séculos.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre as iniciativas de trabalho para reduzir a perda da biodiversidade?

Silvia Ribeiro - Mesmo quando há estimativas das perdas e o avanço da erosão na biodiversidade, e são tremendas, não há ações para atacar as causas. As causas são o avanço dos interesses industriais pelo lucro, sobretudo de empresas transnacionais,

que se traduzem em projetos de infraestrutura e urbanização selvagem (estradas, especulação imobiliária, lixeiras, plantas industriais etc.), avanço da agricultura industrial, grandes monocultivos de árvores, megaprojetos energéticos (petróleo, carbono, hidráulicas), mineração e outras indústrias extrativas. Também é preciso citar a exploração dos recursos da biodiversidade que as empresas farmacêuticas e cosméticas fazem. Na maioria dos casos, os estados atuam também neste tipo de projetos, que ainda que sejam chamados “públicos” têm a mesma mentalidade e favorecem diretamente ou são complemento dos interesses das grandes empresas. Frente ao avanço desta civilização capitalista que continua criando caos climático e destruição da diversidade biológica e cultural, os pequenos projetos de conservação da biodiversidade acabam diluídos.

IHU On-Line - Quais os caminhos para aumentar a consciência pública sobre a importância de salvaguardar a biodiversidade para a continuidade da vida na Terra?

Silvia Ribeiro - A informação é muito importante. Muita gente não sabe que a biodiversidade é fundamental para a sobrevivência, que sem ela podemos desaparecer, que é a base de toda a alimentação e da medicina, que é o que regula o clima e os aquíferos e, sobretudo, que tem atores que precisam ser apoiados e fortalecidos. Sem culturas locais diversas, sem camponeses, nem indígenas, acaba a biodiversidade. Também se podem tomar muitas medidas no cotidiano: por exemplo, escolher produtos de variedades crioulas, da produção camponesa. Isto deve ser apoiado a partir de políticas públicas.

IHU On-Line - O que significa para o mundo o conhecimento de que nossa biodiversidade é tão rica? Quais as implicações da abundância da biodiversidade para os outros setores da nossa sociedade, como a economia, por exemplo?

Silvia Ribeiro - A biodiversidade implica uma enorme riqueza já que é a base

do sustento em seu sentido mais amplo (água, alimentos, animais, abrigo, forragens, vestidos, materiais de construção, energia), e por isso é fundamental conservá-la. Por isso também motiva um grande interesse e estímulo das transnacionais por explorar e controlar a biodiversidade, por exemplo, para as indústrias farmacêuticas, cosméticas, alimentícias, florestais, pelo seu potencial energético e madeireiro. O Brasil, além disso, foi o primeiro país na América Latina (e quase no mundo, com exceção dos Estados Unidos) a permitir o uso de micróbios vivos artificiais, ou seja, de biologia sintética, para produzir combustíveis, a favor da empresa Amyris. Isto é um começo de uma nova escalada de ameaças à biodiversidade, em parte porque a interação de micróbios vivos artificiais na natureza é totalmente desconhecida e pode trazer grandes impactos, mas, além disso, porque abre as possibilidades de ver e usar toda a biodiversidade, seja cultivada ou natural, como “biomassa” que pode ser processada para produzir combustíveis, ou plásticos, farmacêuticos ou outras substâncias industriais.

IHU On-Line - Como podemos caracterizar hoje a biodiversidade das sementes?

Silvia Ribeiro - A erosão genética de sementes tem sido devastadora a partir da Revolução Verde, pelo uso de agrotóxicos e da uniformização de sementes. Muitíssimas variedades de sementes desapareceram, o exemplo talvez mais brutal seja na Ásia, onde, de 130.000 variedades camponesas de arroz, restam apenas umas 30.000. Também tem havido uma forte erosão de variedades de muitos outros grãos e hortaliças básicas. No entanto, continua existindo uma enorme diversidade de sementes nas mãos de camponeses e de camponesas em todo o mundo, e são os produtores de pequena escala os que realmente produzem a alimentação da grande maioria do planeta enquanto cuidam da diversidade. Porém, a nível global, as transnacionais dos agronegócios têm, no mercado, sementes de umas 150 espécies vegetais - mas na realidade se focam em 12 - os campo-

neses e as camponesas trabalham com mais de 5.000 espécies de forma cotidiana. A indústria do fitomelhoramento vegetal comercializa por hora cerca de 80.000 variedades de plantas. Mas quase 60% são plantas ornamentais, rosas, cravos e crisântemos. Não se preocupam em produzir comida, mas o que dê mais lucro. Por outro lado, desde 1960, os camponeses e as camponesas do mundo têm oferecido aos bancos genéticos mais de 1.900.000 variedades, que são majoritariamente alimentícias e de livre acesso, e isso é somente uma parte das variedades criadas, as que têm chegado aos bancos. O Grupo ETC publicou recentemente o relatório “Quem nos alimentará?, Perguntas sobre as crises alimentares e climáticas” (<http://www.etcgroup.org/es/node/4952>) que justamente mostra esta mesma relação entre a indústria e os camponeses na pesca, pecuária, floresta etc. Fica demonstrado que são os pequenos produtores os que, além de manter a diversidade, alimentam a maior parte do planeta e são os que estão todo o tempo contra-arrestando o aquecimento global com suas formas de produção e de vida.

IHU On-Line - Como pensar na recuperação das sementes crioulas considerando a presença cada vez maior dos transgênicos?

Silvia Ribeiro - As empresas de agronegócio produzem sementes transgênicas, não porque são melhores que as híbridas, mas porque lhes permitem aumentar a dependência dos agricultores. No caso dos transgênicos, a contaminação que se dá por pólen, vento ou nos transportes e armazenamento se transforma em um delito para as vítimas, que podem ser demandas para obrigá-las a pagar patentes às empresas. Isto acelera ainda mais a erosão genética e os impactos sobre a biodiversidade, ao reduzir a oferta das empresas a cada vez menos sementes e contaminar as crioulas e as variedades não híbridas. A pior iniciativa atual contra a biodiversidade agrícola é a tecnologia Terminator, (tecnologia de restrição genética do uso de GURT), uma tecnologia transgênica para esterilizar as sementes em segunda geração, que obriga os agricultores

a ter que comprá-las para cada estação de semear. Além disso, transmite esta característica de esterilização para a maioria das plantas vizinhas que contamina. Assim, soma-se o problema da esterilização e da contaminação, ameaçando a biodiversidade. No Brasil, esta tecnologia está proibida agora, mas há um projeto de lei do deputado Cândido Vaccarezza, líder do governo na Câmara dos Deputados, para permitir esta tecnologia, e pior ainda, para usar plantas “biorreatoras”, ou seja, plantas transgênicas que produzam substâncias não comestíveis, o que é um enorme risco ambiental. Esta iniciativa é gravíssima e fala muito mal da política do governo sobre a biodiversidade agrícola. Para sair destas armadilhas que ameaçam a biodiversidade, é preciso voltar a proibir os transgênicos, que além de tudo usam muito mais agrotóxicos e produzem menos que os cultivos híbridos. Para recuperar as sementes crioulas, além de eliminar este tipo de ameaças, é necessário apoiar a produção camponesa, familiar, que são as que têm criado e cuidado das sementes. Isto significa que podem ter terra, que podem ficar com ela e viver dignamente de seu trabalho. Isso é muito mais que somente uma posição política, na situação de devastação ambiental, climática e da biodiversidade; é um imperativo para a sobrevivência de todos.

IHU On-Line - Qual a importância das mulheres no processo de manter a riqueza das sementes crioulas?

Silvia Ribeiro - A agricultura e as sementes são uma criação das mulheres, indígenas, camponesas. No mundo todo, a seleção e o cuidado das sementes têm sido fundamentalmente uma tarefa das mulheres. Portanto, seu papel é fundamental.

LEIA MAIS...

* Silvia Ribeiro já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

* *O consumo excessivo e injusto é intrínseco à lógica capitalista.* Entrevista publicada na edição número 285, de 08-12-2008, disponível em <http://bit.ly/9x4pzz>



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Teologia Pública

“Admiração eucarística”: a prática litúrgica como fonte para a teologia

Para o jesuíta Cesare Giraudo, a teologia também pode nascer à luz das celebrações litúrgicas. Segundo ele, é preciso desfazer a divisão milenar entre liturgia e reflexão teológica

POR MOISÉS SBARDELLOTTI E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO DE ALESSANDRA GUSATTO

“Quando celebramos a santa missa, vamos ao Calvário com os pés da alma e os pés da fé, subimos todos o Calvário naquela primeira Sexta-feira Santa e retornamos ao túmulo do ressuscitado naquele primeiro Domingo da história”. Em outras palavras, “a Igreja vive a partir da Eucaristia”. Esse “estupor eucarístico” é que estimula a pesquisa e a obra do italiano Cesare Giraudo, considerado uma das maiores autoridades em liturgia na atualidade. Padre jesuíta, Giraudo esteve na Unisinos em março, participando da programação da Páscoa IHU 2010, com o curso “Eucaristia: da liturgia à vida”, entre os dias 22 e 25, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Nesta entrevista, concedida, pessoalmente, à **IHU On-Line**, Giraudo abordou alguns pontos centrais de sua reflexão - como epiclese, a importância da oração dos fiéis e o valor da expressão litúrgica “Kyrie eleyson” -, além de comentar os aspectos mais importantes da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Segundo ele, a reforma serviu para aliviar o “edifício” da liturgia e restaurar a sua fisionomia, depois de tantos séculos, para revelar o seu “esplendor”.

Giraudo também defende a dimensão sacrificial da missa. Para ele, é preciso “não ignorar a dimensão sacrificial da missa, porque esta significa o evento pascal”. Na missa, “somos remetidos ao evento pascal para voltar a emergir na morte do Senhor Jesus e morrer ao nosso pecado, ao nosso egoísmo, e voltar a renascer na sua ressurreição”. Por isso, defende que a Igreja deveria encontrar “um caminho de misericórdia” para que todos os cristãos participem dos sacramentos, referindo-se a casais de segunda união e homossexuais. “O sacerdote deve dar a comunhão a todos aqueles que se apresentam para recebê-la. Quem se apresenta à comunhão recebe a comunhão. Depois, cada um, na sua consciência, estabelece o seu comportamento”, resume.

Sacerdote jesuíta italiano e doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Cesare Giraudo viveu muitos anos em Madagascar, na África, desenvolvendo seu ministério pastoral. Regressando à Europa, lecionou teologia dogmática e liturgia na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, em Nápoles. Atualmente, é professor do Pontifício Instituto Oriental, na Pontifícia Faculdade Teológica de Nápoles e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Tem diversos livros publicados sobre liturgia. Aqui citamos os traduzidos para o português: *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a eucaristia* (Ed. Loyola, 2001), *Redescobrimo a eucaristia* (Ed. Loyola, 2002) e *Admiração eucarística. Para uma mistagogia da missa* (Ed. Loyola, 2008).

Giraudo é autor da Edição 50 dos **Cadernos Teologia Pública**, intitulado *Ite, missa est! A Eucaristia como compromisso para a missão*, disponível para download em <http://migre.me/vMzq>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significou a renovação litúrgica do Concílio Vaticano II e de Paulo VI?

Cesare Giraudo - A reforma litúrgica do Vaticano II foi um evento muito importante. É um pouco como restaurar edifícios: um edifício que atravessou os séculos, que partiu de um original iluminado, com uma arquitetura original muito clara, ao qual sucessivamente foram adicionados novos elementos que, no fim, deixaram o edifício original mais pesado. Basta observar a fachada de nossas igrejas ou prédios. Então, às vezes, quando se vê que aquele edifício não possui mais uma fisionomia precisa e que pertence a estilos diversos, em um certo ponto se faz uma restauração e se tenta, na medida do possível, retirar tudo aquilo que há de pesado e que foi adicionado durante os séculos. E se a operação é bem feita, no fim nos deparamos com o edifício em todo o seu esplendor.

A liturgia vem de longe. A própria liturgia cristã é proveniente da liturgia judaica, do Antigo Testamento e, portanto, atravessou os séculos. Quando lemos sobre a liturgia cristã nos documentos dos Padres da Igreja¹, começando por Justino², vemos que ela tem uma linearidade perfeita. Por exemplo, a liturgia da missa: o rito introdutório, depois a liturgia da palavra, a liturgia eucarística, com os seus elementos internos, depois o rito conclusivo. Posteriormente, foram sendo adicionados muitos e muitos elementos, sobretudo na parte inicial da missa. A parte essencial foi penalizada, foi reduzida, também foi muito clericalizada, porque os sacerdotes disseram: “Eu faço tudo. Não se preocupem, rezem o terço”. Então, o Concílio Vaticano II

¹ **Padres da Igreja, Santos Padres ou Pais da Igreja:** influentes teólogos, professores e mestres cristãos e importantes bispos. Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários para séculos vindouros. Os padres da Igreja são classificados entre o século II e VII. O estudo dos escritos dos Padres da Igreja é denominado Patrística. As Igrejas Católica e Ortodoxa acreditam que os padres da Igreja proporcionam a interpretação correta da Sagrada Escritura, registraram a Sagrada Tradição e distinguiram entre as autênticas doutrinas das heresias. (Nota da IHU On-Line)
² **Justino** (aproximadamente 105-165): filósofo cristão, tentou colocar a filosofia platônica e algumas doutrinas estoicas a serviço dos dogmas do cristianismo. (Nota da IHU On-Line)

“A reforma litúrgica do Vaticano II foi um evento muito importante”

disse: “Façamos essa bendita restauração! Tentemos tirar tudo o que foi acrescentado sucessivamente e que fez pesar o rito e veremos surgir uma celebração muito mais simples, mais nítida, mais linear”. Foi essa a operação que Paulo VI³ fez, e que o Concílio Vaticano II quis.

IHU On-Line - Um exemplo mais concreto?

Cesare Giraudo - Antes, o início da missa comportava muitas orações que não acabavam nunca. O Concílio e a reforma litúrgica reduziram a parte inicial. O “Confiteor” [oração penitencial] era dito duas vezes, e havia muitas outras orações, salmos que não terminavam mais. Reduziu-se essa parte inicial e deu-se espaço novamente às leituras. Antes, as leituras eram feitas rapidamente, pois o sacerdote lia em latim, em voz baixa, para si mesmo. Portanto, a leitura passava num piscar de olhos. Então, o Concílio, reduzindo essas partes que haviam sido acrescentadas, criou espaço para a Liturgia da Palavra, que deve ser proclamada nas línguas faladas de hoje, e não mais pelo sacerdote, mas sim por alguém competente, um leitor. E depois reintroduziram a oração dos fiéis [também conhecida como prece dos fiéis], um elemento importante que, estranha e misteriosamente, havia se perdido com o passar dos séculos. Então, tirando aquilo que tinha sido adicionado abusivamente, redescobriu-se aquilo que realmente conta.

IHU On-Line - O senhor aborda bastante a questão da oração dos fiéis na celebração da missa. Qual a sua importância?

Cesare Giraudo - Eu sou filho de um pedreiro, construtor de casas. Quan-

³ **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

do eu era menino, sempre ficava atrás do meu pai nos períodos de férias. E meu pai me deu a ideia da estrutura. Pintar uma casa é importante, mas é secundário, pode-se pintar hoje ou amanhã, tanto faz. Mas o que conta é construir bem, uma casa com bons fundamentos. A liturgia também tem a sua estrutura, tem os seus pilares importantes, suas vigas de sustentação. A liturgia se apoia sobre dois pilares. São Justino, mártir no ano 150, era um leigo, nunca celebrou uma liturgia, mas tinha uma compreensão estrutural da liturgia da missa e assim a descreve com base nos dois pilares importantes: discurso descendente da boca de Deus aos nossos ouvidos, e discurso ascendente das nossas bocas ao ouvido de Deus, a oração dos fiéis. O primeiro pilar importante é o discurso descendente, a proclamação das leituras, o momento em que a palavra sai da boca de Deus através da boca ministerial do leitor e chega a nossos ouvidos. Depois de entender a mensagem é que vem o segundo pilar: nós nos levantamos e delegamos as nossas súplicas, é o momento da oração dos fiéis.

Então, é importante falar sobre a liturgia com base na estrutura, pois, muitas vezes, falamos da liturgia enumerando os elementos: na missa se faz isto, aquilo, elenca-se 10, 20, 30 coisas. Mas se enumerarmos as coisas assim, não vemos a diferença: todos os elementos acabam tendo a mesma força. Mas não: existem elementos absolutamente pesados, importantes, que não podem ser deixados de lado, e existem outros que podem estar lá ou não, que têm um valor muito relativo.

IHU On-Line - No curso que o senhor ministrou na Páscoa IHU 2010, o senhor apresentou duas metodologias possíveis para o estudo da eucaristia: a mistagogia patrística e a sistemática escolástica. Pode nos explicar o que são?

Cesare Giraudo - Nós falamos muito do método. O método é importante. O estudante não pode esperar que seus professores lhe ensinem tudo, pois as coisas são muito vastas. É suficiente que lhe seja ensinado o método. Se

alguém sair da universidade com um método na área específica que o interessa, poderá caminhar tranquilo na sua profissão. Ora, quando falamos dos sacramentos, sobretudo da eucaristia, temos dois métodos, duas metodologias, e só duas. Porque cada uma delas se caracteriza pela sua relação com o milênio, com um dos dois milênios. Nós temos, atrás de nós, dois milênios de reflexões cristãs, cada um caracterizado pela sua própria metodologia.

Nos tempos dos Padres da Igreja, nos primeiros séculos, nos tempos de Ambrósio⁴, de Cirilo de Jerusalém,⁵ de Agostinho⁶, esses grandes bispos da Igreja antiga, quando explicavam o sacramento da eucaristia e também do batismo, explicavam a partir da experiência celebrativa que havia acontecido. Assim, os catecúmenos eram batizados na noite de Páscoa, tinham a experiência celebrativa do sacramento do batismo, da crisma e da eucaristia, e depois o bispo, no dia seguinte, na segunda-feira, os convocava à escola da Igreja e lhes explicava, a partir da experiência celebrativa que haviam tido, o que o sacerdote disse, o que cada um viu, fez, respondeu. A partir da experiência, explicavam-lhes o que o batismo e, sobretudo, a eucaristia são. Ou seja, explicar os sacramentos a partir da liturgia. A liturgia era realmente o livro da escola. As crianças, os jovens, os adultos que iam à escola, o que levavam consigo? O missal, porque este era seu manual de escola.

⁴ Ambrósio de Milão (340-397): conhecido como Santo Ambrósio, foi bispo da atual Arquidiocese de Milão, eleito pelo povo, e é considerado um dos Padres e Doutores da Igreja. Foi ele quem ministrou o batismo a Agostinho de Hipona. É considerado um dos quatro máximos doutores da Igreja, aprendeu de Orígenes a conhecer e a comentar a Bíblia. (Nota da IHU On-Line)

⁵ São Cirilo de Alexandria (c. 375- 444): patriarca de Alexandria quando a cidade estava no topo de sua influência e poder dentro do Império Romano. Cirilo escreveu extensivamente e foi o protagonista liderante nas controvérsias cristológicas do final do século IV e do século V. Foi uma figura central no Primeiro Concílio de Éfeso, em 431, que levou à deposição de Nestório da posição de Patriarca de Constantinopla. É listado entre os Padres e os Doutores da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Santo Agostinho de Cantuária: bispo e monge beneditino enviado pelo Papa Gregório Magno, em 597, à Inglaterra, onde converteu o rei Etelberto de Kent e evangelizou a população. (Nota da IHU On-Line)

“Quando falamos de sacrifício, sacrifício da cruz, não podemos nos esquecer que a Sexta-feira Santa não é o ponto final, mas é a ponte que nos abre ao Domingo de Páscoa”

Mais tarde, no segundo milênio, tudo mudou, porque disseram: “A Igreja é boa para rezar, o missal é bom para rezar, mas para fazer teologia bastam as nossas cabeças”. Então, fizeram uma teologia abstrata, destacada da realidade. Enquanto que, no primeiro milênio, nos tempos dos Padres, a teologia era feita na Igreja, à luz da celebração. Depois separaram as duas coisas dizendo que a liturgia é uma coisa, e a reflexão teológica é outra.

Eu digo que temos duas metodologias: uma boa, aquela escolástica; a outra [patrística] excelente, ótima. Se escolhermos a metodologia excelente, eu digo: “Veja, nós não perderemos nada das conquistas da teologia escolástica de São Tomás [de Aquino]⁷, mas seremos capazes de corrigir aquelas fraquezas metodológicas que de fato existiram”. Porque São Tomás não é a fé cristã. É um grande pensador que disse coisas maravilhosas, mas não podemos fechar os olhos para os limites da escolástica.

IHU On-Line - Como podemos lidar com a afirmação da dimensão “sacrificial” da eucaristia na cultura contemporânea? Como compre-

⁷ São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

der essa dimensão numa sociedade repleta de tantos sacrifícios por motivos econômicos, culturais, étnico-raciais, dentre outros?

Cesare Giraudo - A palavra sacrifício tem muitos significados. Agora, quando a palavra sacrifício é aplicada ao sacrifício da cruz, muitas vezes, temos medo dessa palavra, pois ela nos faz pensar na Sexta-feira Santa, na morte de Jesus, que nos incute medo. Mas quando falamos de sacrifício, sacrifício da cruz, não podemos nos esquecer que a Sexta-feira Santa não é o ponto final, mas é a ponte que nos abre ao Domingo de Páscoa, é a passagem para o Domingo de Páscoa. Então, quando dizemos “o sacrifício da cruz”, tenhamos presente que esse é o evento pascal, o evento do Cristo morto e ressuscitado. Ora, a dimensão da ressurreição é absolutamente positiva. Nunca devemos esquecer que, quando falamos de sacrifício, essa palavra quer dizer a ressurreição, a vitória final.

Tudo isso aplicado à eucaristia é importante, pois, hoje, muitas vezes, os nossos sacerdotes têm medo de falar da dimensão sacrificial da missa. Então, quando a iniciam, limitam-se a sublinhar a dimensão convivial: “Estamos aqui reunidos, irmãos e irmãs, para festejar juntos ao redor de uma única mesa...”. E por que dizem isso? Porque pensam: “Se eu que estudei tanto, estudei livros tão grossos, já tenho dificuldade para entender o que significa a dimensão sacrificial, como posso querer que os outros entendam?”. E assim pulam essa dimensão, limitando-se a sublinhar a outra. Eu digo que muitos sacerdotes católicos são cripto-protestantes, protestantes escondidos, com boas intenções, obviamente. Limitam-se a destacar a dimensão da ceia. Ora, João Paulo II, na sua carta encíclica “Ecclesia de Eucaristia”⁸, fez soar o alarme. E disse:

⁸ Ecclesia de Eucharistia: em português, “Igreja da Eucaristia”. É o título de uma encíclica promulgada no dia 17 de abril de 2003, pelo Papa João Paulo II. A encíclica trata da relação da Igreja Católica com o seu mais precioso bem: o sacramento da Eucaristia, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, nas espécies (formas) de Pão e de Vinho. O Papa apresenta a Eucaristia como o verdadeiro centro da vida do Cristão e, principalmente, da vida do Padre. Este precisa ter uma união íntima com a Eucaristia, que é o próprio Jesus Cristo vivo

“Fiquemos atentos para não ignorar a dimensão sacrificial da missa, porque esta significa o evento pascal”.

Quando celebramos a santa missa, leigos e fiéis juntos, vamos ao Calvário com os pés da alma e os pés da fé, subimos todos o Calvário naquela primeira Sexta-feira Santa, retornamos ao túmulo do ressuscitado naquele primeiro Domingo da história. Somos remetidos ao evento pascal para voltar a emergir na morte do Senhor Jesus e morrer ao nosso pecado, ao nosso egoísmo, e voltar a renascer na sua ressurreição. Mas para sermos coenvolvidos no evento pascal, devemos comer, beber, fazer a comunhão sacramental. Então, são as duas faces da Eucaristia (ceia e sacrifício) que devem ser mantidas juntas. Esta é a mensagem da encíclica de João Paulo II: a Igreja vive a partir da Eucaristia. E eu gostei muito dessa mensagem e a retomei em um livro que intitulei “Estupor eucarístico”, que foi publicado agora em português pelas Edições Loyola, sob o título “Admiração eucarística”.

IHU On-Line - Mas o sacrifício é sofrimento ou amor? Alguns teólogos defendem que Jesus nos salvou pelo amor, e não pelo sofrimento.

Cesare Giraud - O sofrimento não é um valor em si mesmo. Mas o sofrimento tem valores. Tomemos uma pessoa que nunca sofreu. Bem, sobre isso você coloca a mão no fogo: essa pessoa é uma pessoa egoísta, fechada sobre si mesma. Do contrário, uma pessoa que sofreu na sua vida é uma pessoa aberta para o sofrimento dos outros. E com isso não dizemos que o sofrimento é um bem: o sofrimento é um mal, mas traz consigo um bem. E então o sacrifício comporta sofrimento ou amor? Comporta as duas coisas juntas. Há um provérbio em italiano que diz: “Não há rosas sem espinhos”. Quando você vê uma rosa, o que quer da rosa? O seu perfume, a beleza das suas cores, mas você não pode sentir o perfume da rosa prescindindo de seus espinhos. E em malgache [língua

e presente na sua Igreja, para que a sua vida pessoal e pastoral seja plenamente realizada, e para que, por consequência, a própria Igreja seja edificada, através da celebração do Mistério Pascal de Cristo, a Santa Missa. (Nota da IHU On-Line)

“A questão da epiclese é muito rica. Significa súplica, a invocação para que Deus Pai mande o Espírito Santo sobre o pão e sobre o vinho para que se tornem o corpo e sangue do Senhor”

falada em Madagascar] também há um provérbio que diz: “Aquilo que é doce é fruto daquilo que é amargo”. Certamente, na nossa vida, buscamos as coisas doces e belas, mas estas são alcançadas na medida em que aceitamos os sofrimentos, as experiências amargas da vida.

IHU On-Line - Qual o significado do “Kyrie eleison” na celebração da missa?

Cesare Giraud - “Kyrie eleison” é uma expressão em grego. É uma daquelas expressões que são intraduzíveis, como tantas outras expressões hebraicas: amém, aleluia, hosana, que permaneceram assim em todas as liturgias em qualquer língua. A expressão “Kyrie eleison”, que é muito antiga, é usada, sobretudo, como resposta aos pedidos da oração dos fiéis. Mas o que significa “Kyrie eleison”? Em português, vocês traduziram por “Senhor, tende piedade de nós”, uma tradução que é boa, mas insuficiente. Em italiano, traduziram como “Signore, peità” [Senhor, piedade], mas é uma expressão que dá pena, é miserável.

Se desejamos entender as duas palavras, a primeira palavra é “Kyrie”, que significa “Senhor, ó Senhor”. A segunda é “eleyson”, um verbo da língua grega que é interessante que seja lido na sua essência hebraica, pois, sob o grego do Novo Testamento, sempre está o hebraico, a língua sagrada para os judeus e para nós. Quando prestamos atenção à língua hebraica, o que está sob esse verbo? Há uma palavra muito interessante, que, quando tra-

duzida em italiano ou português, significa “ventre materno”. Quando o filho está em dificuldade, são as entranhas da mãe que se agitam para ir ao encontro do filho, porque o filho é parte irrenunciável da mãe. Ora, Deus é pai e mãe ao mesmo tempo. Uma vez, o Papa João Paulo I^o, no seu pontificado brevíssimo, o Papa do Sorriso, disse: “Caros fiéis, Deus é pai e mãe”. Lembro-me que os jornalistas começaram a escrever rios de artigos dizendo: “Oh, vejam que coisa linda que o Papa disse: que Deus é mãe”. Mas os jornalistas não sabiam que a escritura diz isso: Deus é pai e mãe ao mesmo tempo.

Portanto, quando os doentes, os cegos, os leprosos se dirigem a Jesus, o que dizem a Ele? Dizem: “Senhor, tende piedade de nós, ‘Kyrie eleison’”. Ora, Jesus, filho primogênito do Pai, reassume tudo do Pai. Por isso, Jesus tem as entranhas paternas e maternas com relação a nós. Então, quando os leprosos do Evangelho lhe gritavam “Senhor, piedade”, diziam “Senhor, dá livre vazão às tuas entranhas maternas e paternas. Deixa-te comover por nós”. E Jesus, efetivamente, se deixa comover, cura os cegos, lhes dá a visão, cura os leprosos etc. Essa expressão é muito interessante. Por isso, seria bom mantê-la assim, em grego, “Kyrie eleison”. Por que jogar fora tudo aquilo que havia de latim ou aquelas poucas palavras gregas como “Kyrie eleison”? Elas têm um significado. São palavras que fazem a unidade dos cristãos. Quando um cristão vem de outro país com outra língua e vê esta ou aquela palavra que já são usadas em seu país, isso é um valor. Então, a tendência para alguns seria retomar o “Kyrie eleison” e também retomá-lo como resposta à oração dos fiéis. Isso seria muito bonito.

IHU On-Line - E o que é a epiclese, conceito abordado pelo senhor em seu curso?

Cesare Giraud - A questão da epiclese é muito rica. Significa súplica, a invocação para que Deus Pai mande o

⁹ João Paulo I (1912-1978): nascido Albino Luciani, foi Papa da Igreja Católica por um mês, entre 26 de agosto de 1978 até a data da sua morte. Ficou conhecido como o “Papa Sorriso”. (Nota da IHU On-Line)

Espírito Santo sobre o pão e sobre o vinho para que se tornem o corpo e sangue do Senhor. E, depois, a segunda súplica, para que O mande sobre nós para que nos tornemos um só corpo, o corpo místico da Igreja. Os Padres da Igreja, Ambrósio especialmente, eram muito sensíveis à epiclesse. Portanto, com a pergunta “Queres saber como se consagra com as palavras celestes?”, Ambrósio se refere à parte central de seu cânone romano que vai da súplica-convite do Espírito Santo sobre os dons à súplica do Espírito Santo sobre nós, que têm, em seu interior, o relato institucional com as palavras do Senhor.

Com a teologia abstrata do segundo milênio, toda a atenção se voltou única e exclusivamente sobre as palavras da consagração, reduzidas depois aos termos “Isto é o meu corpo”, “Isto é o meu sangue”. E não prestaram mais atenção ao resto. Por isso, a epiclesse, que continuou existindo mesmo assim na liturgia e ainda hoje a encontramos, saiu completamente do horizonte dos teólogos, dos liturgistas, com um grave dano para a compreensão da teologia da eucaristia. E somente agora a Igreja voltou a descobrir a riqueza dessa oração, da oração eucarística em seu todo.

IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre a retomada do missal de Pio V, da chamada Missa Tridentina, por parte de Bento XVI?

Cesare Giraudo - O Papa Bento XVI foi bom, eu diria até muito bom. Quis ir ao encontro da nostalgia de alguns grupos de cristãos, que dizem ser muito aficionados ao latim e que não querem renunciar a ele. Por isso, pediram para poder usar o missal em latim de São Pio V¹⁰, precedente à reforma litúrgica. Mas a questão não é que esses fiéis queiram bem ao latim pelo latim. O latim serve um pouco como uma barreira para sustentar determinadas visões da Igreja e do mundo de hoje. Já que esses grupos de fiéis de direita, sem ofender ninguém, pediram para obter isso, o Papa, muito bom, disse: “Sim, vocês também podem usá-lo”.

¹⁰ São Pio V (1504-1572): nascido Antonio Ghisleri, foi papa de 7 de Janeiro de 1566 até a sua morte. Foi Beatificado no dia 27 de Abril de 1672 e Canonizado no dia 22 de Maio de 1712. (Nota da IHU On-Line)

“O Papa Bento XVI foi bom, eu diria até muito bom. Quis ir ao encontro da nostalgia de alguns grupos de cristãos, que dizem ser muito aficionados ao latim e que não querem renunciar a ele”

Assim, concedeu um uso duplo do missal, recolocando o missal de Pio V ao lado do missal da reforma litúrgica de Paulo VI, que continua sendo o missal de base.

Isso criou um pouco de desconforto dentro da Igreja, quase como se a Santa Igreja, a Igreja de Roma, a autoridade, quisesse desfazer a reforma litúrgica. Mas não foi isso. O Papa o fez por motivos de ecumenismo interno. Então, quem quiser celebrar com o missal de Pio V, que o use. Mas não nos esqueçamos que se um Concílio quis que a reforma litúrgica fosse feita, se um Concílio quis que o edifício fosse restaurado, quer dizer que isso era necessário. Ora, a reforma litúrgica foi feita, belíssima no seu projeto, realmente quase perfeita. Mas, pelo contrário, foi frágil, terrivelmente fraca em nível de recepção. Por isso, muitos receberam a reforma litúrgica de maneira muito superficial, mudando continuamente, com celebrações superficiais e pobres. Por isso, com razão, o Papa disse: “Fiquem atentos: não podemos perder o sentido do sagrado”.

Então, esse “motu proprio” do Papa que dá a possibilidade de usar o missal de São Pio V, mesmo que nos tenha colocado em crise, soa como um sinal de alarme, dizendo: “Fiquemos atentos: não podemos perder a dimensão sagrada, o sentido do sagrado e da seriedade da celebração”. Por isso, nós, sacerdotes, leigos comprometidos, devemos trabalhar muito na formação dos sacerdotes, dos futuros

sacerdotes, dos leigos para entender o sentido da liturgia. Eu, na minha pequenez, tenho me empenhado muito nesse sentido.

IHU On-Line - Comparando os últimos Papas, como eles viveram e refletiram sobre as questões litúrgicas?

Cesare Giraudo - Aquele que teve mais oportunidades para refletir sobre a liturgia foi Paulo VI, evidentemente, que foi encarregado pelo Concílio para editar as edições dos livros litúrgicos. Todos os especialistas lhe traziam os originais para que ele os visse, e ele fazia as suas observações, que foram depois registradas em livros. Portanto, ele seguiu mais de perto a revisão do missal e de todos os livros litúrgicos. Dos Papas que vieram depois, João Paulo I não teve tempo, ficou um mês somente. João Paulo II, nos seus 27 anos de pontificado, não se interessou pessoalmente pela liturgia. Esta ia para frente por conta própria. O seu nome ficou ligado à terceira edição do missal romano, pois foi ele que a quis e fez alguns pequeníssimos retoques. O Papa Bento XVI, no momento, ainda não ligou o seu nome à liturgia de forma positiva, senão indiretamente através dessa sua intervenção, de retomada também, com relação ao missal de São Pio V. Isso corresponde um pouco à sua sensibilidade. Ele fez essa operação por um excesso de bondade para ir ao encontro das exigências de alguns.

IHU On-Line - O senhor propõe uma releitura da teologia da redenção a partir de um mito pré-cristão transmitido por um idoso de Madagascar? Que mito é esse?

Cesare Giraudo - Eu vivi dez anos no Madagascar, sempre trabalhando com a pastoral direta e trabalhava muito com os idosos. No grupo, éramos três sacerdotes; os outros dois eram irmãos mais velhos do que eu e trabalhavam com a pastoral dos jovens, e eu, mais jovem, trabalhava com a pastoral dos idosos. E me dei conta de que os idosos sabem, têm experiência, conhecem a tradição. Então, eu realizava encontros, semanas de estudo, em que os idosos participavam, pessoas de 70, 80 anos que ficavam toda a semana refletindo. Eles me contaram muitas coisas

belíssimas, alguns mitos teológicos. Bem, coloquemos a palavra mito entre aspas. Essa palavra tem um grande significado para a história das religiões. São relatos fundamentais, que têm a mesma força e sacralidade que os relatos que temos na Bíblia, como em Gênesis 2 e 3, a história de Adão e Eva. Se quisermos, aquilo que a Bíblia é para nós, para eles se trata de uma sagrada escritura, escrita na mente e na tradição.

Essas histórias têm milhares de anos, são muito antigas. Uma delas fala justamente da redenção que passa pelo sacrifício do animal sagrado. Para os judeus, o animal sagrado é o cordeiro, em particular, o cordeiro pascal. A reconciliação, a redenção se dá através do sacrifício do cordeiro pascal. Em Madagascar, se fala do sacrifício do boi, que é o animal sagrado por excelência. Então, quando há um caso de dificuldade, uma ruptura da relação por um determinado comportamento, aquela pessoa deverá ser aspergida com o sangue do animal. Haverá um rito sacrificial, uma oração ao Criador em que se suplica a Deus que intervenha e recoloca essa pessoa na situação certa, graças justamente à aspersão do sangue do boi.

Esse texto é um pouco difícil. Para entendê-lo melhor, seria necessário mais tempo. Mas é uma história maravilhosa que nos ajuda a entender a eficácia do sacrifício do cordeiro pascal, mas, sobretudo, a eficácia do verdadeiro cordeiro pascal, em cuja morte nós renascemos para a vida nova. Eu me interessei muito pelos problemas da inculturação, escavando sempre na tradição dos antigos. Porque, às vezes, os missionários pensaram que todas essas coisas eram uma questão de idolatria, paganismo. Mas não, isso é revelação autêntica, inicial, incipiente, que espera ser completada pelo anúncio do Evangelho.

IHU On-Line - Qual a sua opinião sobre uma maior participação das mulheres na celebração da missa?

Cesare Giraudo - Certamente, a Igreja, por muitos anos, foi muito machista, muito clerical e, assim, penalizou o povo de Deus. Os sacerdotes come-

çaram a dizer: “A gente faz, fiquem tranquilos, fiquem nos bancos, nós fazemos tudo”. Assim, clericalizaram a liturgia. E, ao mesmo tempo, a liturgia foi também masculinizada, no sentido de que a mulher na Igreja não podia superar a barreira do balaústre, aquela mesa da comunhão que havia nas igrejas antigas. Se a mulher fosse além dela, era um pecado mortal. As mulheres só podiam ultrapassar aquela barreira no sábado, quando faziam

“Certamente, a Igreja, por muitos anos, foi muito machista, muito clerical e, assim, penalizou o povo de Deus. (...) Assim, clericalizaram a liturgia. E, ao mesmo tempo, a liturgia foi também masculinizada, no sentido de que a mulher na Igreja não podia superar a barreira do balaústre, aquela mesa da comunhão que havia nas igrejas antigas”

a limpeza da Igreja. Tudo isso agora já foi superado, e não existe mais, por sorte. A Igreja se purificou disso.

Mas qual pode ser a participação da mulher na missa? Eu penso que, sobretudo, no papel das leituras. Paulo VI revisou aquelas que se chamavam antigamente as ordens menores, que hoje se chamam leitorado e acolitato. Ele disse que os leigos também podem

ter acesso ao leitorado. Assim, Paulo VI manteve o leitorado instituído - ir ler com a bênção preliminar - somente para os homens, pois Paulo VI teve um pouco de medo desse vento que vinha do Atlântico, da América, soprando sobre o Ocidente, que era a reivindicação do sacerdócio feminino. E disse: “Não, por agora o reservemos aos homens”. Mas nada impede que um dia o Papa abra oficialmente à mulher o leitorado instituído, que ela também possa ser instituída com uma bênção como uma leitora na Igreja. Agora, a mulher já pode ler, podemos dizer, como leitora extraordinária. E depois, hoje são todos extraordinários, porque esse leitorado instituído se perdeu de vista. Em todo caso, a mulher lê e isso é uma coisa boa. Eu penso que esse discurso deve ser moderado, não se trata de mandar um exército de pessoas a ler, mas se trata de mandar poucas pessoas, que são preparadas, que seguem cursos específicos de preparação, sejam elas homens ou mulheres. Pois ler na Igreja, proclamar a palavra de Deus é muito difícil, muito comprometedor.

IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre a participação de divorciados de segunda união na comunhão eucarística? E de homossexuais? As regras atuais não transformam a eucaristia em uma forma de exclusão?

Cesare Giraudo - Não sou eu quem pode resolver o problema. Certamente, na minha experiência pastoral em Madagascar, eu sofri por causa disso, porque quando um jovem e uma jovem me diziam: “Queremos nos casar”, eu sempre dizia: “Vão devagar, com calma”. Porque eu sabia bem que se eu abençoasse aquele casamento, um ou dois meses depois ele acabaria, e aqueles jovens teriam dificuldades para toda a vida. Porque, em Madagascar, o matrimônio ainda hoje é muito instável, acaba facilmente, assim como em nossos países, seja na Europa ou no Brasil.

Então, eu vejo cristãos que possuem uma fé verdadeira, mas que se encontram em uma situação desconfortável. Não podem ir para frente, não podem voltar. Têm o compro-

“O sacerdote deve dar a comunhão a todos aqueles que se apresentam para recebê-la. Nenhum sacerdote tem direito de olhar para a cara das pessoas e dizer: ‘A você sim, a você não’”

misso matrimonial de um lado, têm um compromisso familiar de outro. Então, eu me pergunto: a Igreja não poderia encontrar um caminho possível para eles? Ou até um caminho de misericórdia, como muitas vezes os orientais chamam? Não se trata de abençoar a situação atual, de dizer “Fizeram certo ao acabar com o primeiro casamento”. Não se trata de aprovar isso. Trata-se simplesmente de dizer, na situação atual, que esse cristão e essa cristã têm a necessidade dos sacramentos, o sacramento da confissão, o sacramento da eucaristia. A Igreja não poderia encontrar um caminho de misericórdia para conceder a esses cristãos os sacramentos? Mas não sou eu quem estabelece isso.

Também se falou disso durante o Sínodo dos Bispos, há dois ou três anos, sobre a eucaristia, e um bispo disse: “Aqui, só o Papa pode resolver o problema”. E nós aguardamos com confiança por uma intervenção magisterial do Papa. E o que o Papa diz para os divorciados e que também se aplica a outras pessoas em dificuldade, homossexuais etc., é que naturalmente seria preciso que essas pessoas pudessem fazer um caminho com um guia, um sacerdote. Não se trata de dar o aval, de dizer: “Vocês fizeram certo”, mas é necessário que se entenda que na vida existem comportamentos difíceis e que, nesses comportamentos, devemos buscar retirar todo o egoísmo, tudo o que é diretamente contrário ao Evangelho. E depois tentar dar o nosso melhor, com a ajuda do Senhor, para nos adequarmos sempre melhor aos ideais do Evangelho, que permanece sendo um ideal. Não podemos dizer: “Eu coloco em prática os ideais do Evangelho”. Aquele que presume tê-lo posto em prática é o primeiro a ser infiel ao Evangelho. O Evangelho é um grande ideal, e devemos pedir ao Senhor que

nos ajude a caminhar rumo a esse ideal com as dificuldades que são as nossas. O problema, porém, continua sendo complexo.

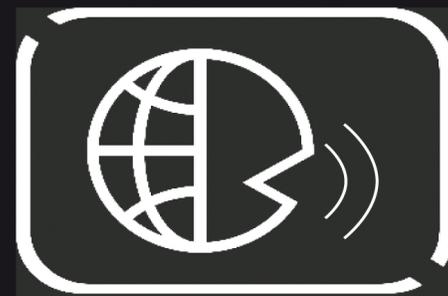
IHU On-Line - E o mesmo vale para os homossexuais?

Cesare Giraud - Sim, eu diria que sim. Trata-se de refletir sobre esse caso. Não dá-lo por óbvio, porque, hoje, na sociedade, essas diferenças são consideradas normais. Portanto, não devemos confundir a normalidade com eventuais desconfortos. Poderíamos chamá-los por muitos nomes. Pelo contrário, hoje, há a tendência de dizer: “Você faz assim, você faz assado, faça como quiser”. Mas não, não podemos aceitar isto na Igreja. Com o respeito, naturalmente, pela opinião pessoal de cada um. Sobre tudo, hoje em dia, somos muito flexíveis com relação a isso. Não devemos condenar ninguém. Jesus nunca condenou ninguém no Evangelho. Ele sempre desculpou o pecador, condenando, porém, o pecado ou o comportamento anômalo.

IHU On-Line - Portanto, os divorciados e os homossexuais, na sua própria consciência, podem participar da comunhão se o sacerdote não souber de sua situação?

Cesare Giraud - O sacerdote deve dar a comunhão a todos aqueles que se apresentam para recebê-la. Nenhum sacerdote tem direito de olhar para a cara das pessoas e dizer: “A você sim, a você não”. A menos que venha alguém que esteja claramente bêbado, que não consegue ficar de pé. Se você lhe negar a comunhão, não estará lhe ofendendo. Todos podem ver o porquê. Mas, senão, quem se apresenta à comunhão recebe a comunhão. Depois, cada um, na sua consciência, estabelece o seu comportamento.

Participe dos eventos do IHU - Informações em
www.ihu.unisinos.br



Finalidade educativa e responsabilidade social da Televisão

POR NADIA HELENA SCHNEIDER*

A televisão, mais do que uma tecnologia que transmite sons e imagens em movimento, voltada, principalmente, ao lazer, faz parte da cultura, e seu conteúdo serve de referência sobre a realidade social. Diante de tal fato, busca-se refletir sobre o cumprimento da finalidade educativa dos produtos audiovisuais, veiculados nesse meio de comunicação.

Atualmente, em diversos espaços, encontram-se discussões sobre a adequação da programação televisiva, seja em relação aos horários de exibição de determinados programas ou ao seu próprio conteúdo. Isto se dá, não só porque sua programação é a principal fonte de divertimento e informação da maioria das famílias brasileiras, mas, em especial, porque ela legitima valores e transmite ideologias, com a qual busca influenciar o imaginário social.

A história relata que a televisão emergiu de um esforço da iniciativa empresarial, fato que a consolidou como TV comercial. Sendo assim, sua lógica está mais orientada para a busca de audiência, não abrigando, em sua grade de programação, a preferência por ofertar conteúdos destinados, exclusivamente, à difusão cultural, educacional e à formação da cidadania em conformidade com a lei.

Quanto à programação televisiva, a Constituição de 1988, no artigo

221, determina que emissoras de TV deem “preferência a finalidades educativas, culturais e informativas”. No mesmo sentido, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 76, diz que: “As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. Porém, grandes discussões são travadas a respeito do que tem sido chamado de programas educativos. Fato é que, para deter o descumprimento das leis que priorizam o enfoque educativo pelas emissoras de televisão, que seguem a lógica mercantil em detrimento, muitas vezes, da responsabilidade social, o Ministério da Justiça, com o apoio de entidades da sociedade civil, reelaborou a classificação indicativa dos programas veiculados nas emissoras da TV aberta. A classificação foi publicada em 12 de fevereiro de 2007, através da Portaria nº 264, que determinou os horários para programas inadequados a crianças e adolescentes, conforme a seguinte classificação: após as 20h para maiores de 12 anos, 21h para 14 anos, 22h para 16 anos e 23h para 18 anos de idade.

As novas regras para a classificação têm o objetivo de preservar crianças e jovens de conteúdos inadequados à

* Professora na rede municipal de Dois Irmãos (RS), membro do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation) e doutora em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

sua faixa etária. Porém, o artigo 5 determina que certas obras audiovisuais estão isentas de uma análise prévia, mas alerta; qualquer abuso cometido, a emissora poderá ser responsabilizada. É importante ressaltar que a proposta inicial da classificação indicativa de programas de televisão não agradou às emissoras, que recorreram. Porém, o governo não abriu mão totalmente das reivindicações, embora tenha deixado a critério delas o processo de classificação.

No momento, gradativamente, está se substituindo o sistema analógico pelo sistema digital de televisão, que traz melhoria não só na qualidade do som e da imagem, mas sinaliza possibilidades, como a interatividade, a conectividade à Internet, a mobilidade, a portabilidade, a multiprogramação entre outras, devido à sua plasticidade, que permite uma estrutura em rede horizontal e descentralizada.

Todo esse crescente desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, possibilitados pela digitalização, tem gerado grandes expectativas, especialmente, na criação de novos espaços de produção de cultura e conhecimento. Esse novo cenário vem chamando a atenção de profissionais de diversos campos que, na busca por uma comunicação mais democrática e responsável, realizaram, em dezembro de 2009, a Conferência Nacional da Comunicação (Confecom), um importante espaço

“No momento, gradativamente, está se substituindo o sistema analógico pelo sistema digital de televisão, que traz melhoria não só na qualidade do som e da imagem, mas sinaliza possibilidades, como a interatividade, a conectividade à Internet (...)”

de reflexão sobre as políticas de regulação da mídia. Ressalta-se que, dentre os vários temas abordados, a discussão trouxe à tona diferentes pontos de vista, revelando ser indispensável definir responsabilidades com a informação pública de qualidade, o caráter educativo de sua programação, que nela deve estar presente, assim como a função de cunho educativo dos meios de comunicação e outras diretrizes.

Diante dessa realidade, o governo, atualmente, está discutindo e encaminhando uma nova legislação que busca analisar o fenômeno da convergência entre os diferentes meios de comunicação para que contemple os princípios citados pelo artigo 221 da Constituição Federal. Estes são: finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; promoção da cultura nacional e regional; produção independente; regionalização da produção cultural, artística e jornalística; respeito aos valores éticos e sociais.

Assim, quanto aos programas educativos televisivos, é importante pensá-los nas dimensões do imaginário, do cultural, do afetivo, e entender ensino-aprendizagem como diálogo. Ressalta-se que o caráter educativo de um programa de televisão pode ser determinado a partir das aprendizagens que ele instiga na recepção, contribuindo para a formação pessoal. Portanto, produzir audiovisuais educativos exige um trabalho mais criativo, que envolve conhecimentos específicos da área pedagógica, além dos conhecimentos técnicos da área da comunicação, bem como profissionais comprometidos com a responsabilidade social.

Espera-se que as reflexões e sugestões da Confecom, em especial as voltadas à educação, sejam contempladas, reacendendo as esperanças na democratização das comunicações no Brasil.

Curso de Especialização na Unisinos

Estratégias e Processos em Televisão Digital

Início: 09 de abril de 2010

Coordenação: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos e Prof. MS. Paola Madeira Nazário

Informações: Secretaria das Especializações - Ciências da Comunicação

Fone: (51) 3590-8131/ (51) 3012-1363

www.unisinos.br/educacaocontinuada

Inscrições abertas

Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 5-4-2010 a 09-4-2010.



“Se o MST fosse um movimento apenas midiático, os pés de laranja da Cutrale não seriam derrubados”

Entrevista com Joel Guindani

Confira nas **Notícias do Dia** 5-4-2010

Disponível no link <http://migre.me/v4Ls>

Joel Guindani, doutorando em Comunicação da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, analisa as tensões entre o modelo do Movimento Sem Terra e a Rádio Terra Livre FM, veiculada ao MST. Autor da dissertação *Políticas Comunicacionais e a Prática Radiofônica na Sociedade em Mdiatização: Um estudo sobre os documentos de comunicação do Movimento Sem Terra (MST) e Rádio Terra Livre FM*.



Três candidatos e a diferença

Entrevista com Chico Alencar

Confira nas **Notícias do Dia** 6-4-2010

Disponível no link <http://migre.me/v4MP>

Para o historiador e membro do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, Chico Alencar, não há muita diferença entre o projeto dos principais candidatos à eleição para presidência: José Serra, Dilma Rouseff e Marina Silva. Na entrevista concedida à **IHU On-Line**, ele se diz favorável a pré-candidatura de Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL.



O Pantanal ameaçado

Entrevista com Débora Calheiros

Confira nas **Notícias do Dia** 7-4-2010

Disponível no link <http://migre.me/v4SZ>

Bióloga da Embrapa Pantanal, Débora Calheiros, diz que caso os 116 projetos de centrais hidrelétricas forem instalados na região do Pantanal, o fluxo natural das águas dos rios irá mudar. Ela fala ainda sobre as ameaças

colocadas no local em nome da produção de energia.



Canoas. Uma cidade-estação

Entrevista com Arlete de Arruda

Confira nas **Notícias do Dia** 8-4-2010

Disponível no link <http://migre.me/v4Z3>

A partir da teoria da sociedade do risco, a socióloga Arlete de Arruda analisa os riscos da cidade de Canoas em função da relação com questões urbanas que podem trazer problemas aos cidadãos. Ela defendeu a tese *Análise dos processos decisórios em face dos riscos tecnológicos: a percepção de riscos, as consequências dos acidentes e os gestores públicos na cidade de Canoas* no curso Ciências Sociais da Unisinos.



Glifosato: “todo veneno deveria ser proibido”

Entrevista com Rubens Nodari

Confira nas **Notícias do Dia** 9-4-2010

Disponível no link <http://migre.me/v5ak>

Nesta entrevista, o agrônomo Rubens Nodari explica que a ação do glifosato mata, de forma não seletiva, as plantas, e ainda provoca reações nos seres humanos que entram em contato com ele. O uso do produto, adverte, altera por completo a diversidade biológica que existe no ambiente.

Leia as Notícias do Dia em

www.ihu.unisinos.br

Confira as Notícias do Dia, publicadas diariamente no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, www.ihu.unisinos.br, algumas entrevistas realizadas no período de janeiro e fevereiro de 2010.



O monopólio petroquímico
Entrevista com Carlos Eitor Machado
Confira nas Notícias do Dia 1-2-2010

Disponível no link <http://migre.me/v5kN>
Esta entrevista foi publicada na ocasião em que a Quattor Petroquímica foi adquirida pela Braskem. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Petroquímicas de Triunfo (Sindipolo), Carlos Eitor Machado, critica a iniciativa e afirma que a Petrobras é um instrumento do governo usado para fazer política. Na opinião dele, “o governo está consolidando a entrega do setor para uma única empresa, a Odebrecht, que controla a Braskem”.



“Memória e missão”: experiências de uma caminhada junto à Igreja-Povo de Deus.
Entrevista com José Ernane Pinheiro
Confira nas Notícias do Dia 24-1-2010
Disponível no link <http://migre.me/v5rC>
Sacerdote cearense, assessor político da CNBB e secretário executivo do Centro Nacional Fé e

Política “Dom Helder Câmara”, rememora nesta entrevista alguns fatos de sua “caminhada num período determinado da Igreja e da sociedade, explicitando experiências de vida no horizonte da missão”.

“Operação Limpeza”: os afastamentos sumários de professores durante a ditadura no RS.
Entrevista com Jaime Valim Mansan
Confira nas Notícias do Dia 22-1-2010
Disponível no link <http://migre.me/v5xC>

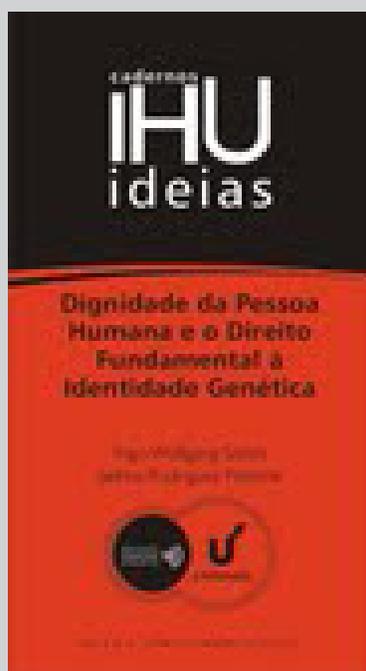
O historiador Jaime Mansan revela como teve contato com os documentos da época da ditadura militar, que foram descobertos no acervo da UCS. Atas comprovam a existência de comissões, na década de 60, para estimular a delação de professores e alunos da UFRGS envolvidos em “subversão política”.



Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética.

Cadernos IHU ideias.

Disponível no sítio do IHU a partir do dia 19-04-2010





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

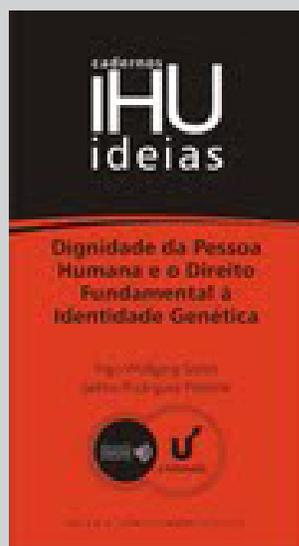
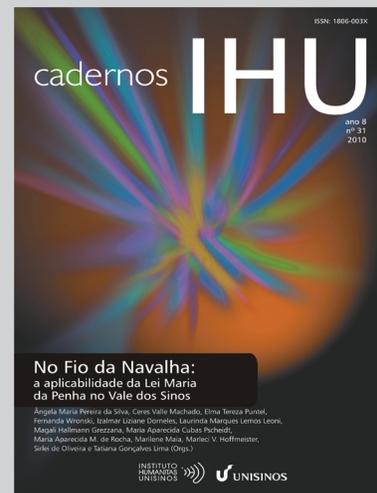
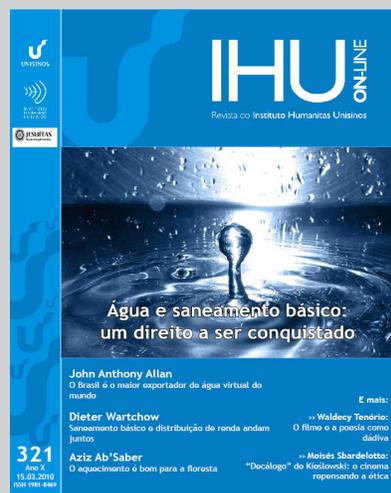
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 13/4/2010
Direitos Humanos e Segurança Pública: por uma nova política de drogas no Brasil Marcelo Mayora - Advogado Criminalista e Mestre em Ciências Criminais pela PUCRS Local: Auditório Maurício Berni - Unidade de Ciências Jurídicas - Unisinos
Exibição do filme Decálogo X Profa. Dra. Marilene Maia - Unisinos Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Dia 14/4/2010
Painel das Religiões - Reflexões sobre a temática interreligiosa em um contexto universitário: Que caminho(s) seguir? Afonso Maria Ligório Soares - PUC/SP Local: Auditório Central
Dia 15/4/2010
Abraão e a encarnação do Verbo. Uma abordagem teopoética Poeta e Defensora Maria Carpi - Porto Alegre/RS Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Dia 16/4/2010
A governamentalidade biopolítica em Michel Foucault - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Cesar Candiotto, do PPG em Filosofia - PUC-PR Local: Sala Conecta - Unisinos
Dia 17 e 18/4/2010
Visão histórica dos projetos de nação, a partir 1930 Profa. Dra. Eloísa Capovilla da Luz Ramos - Unisinos Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, Caxias do Sul

Perspectivas sociais e econômicas para o Brasil 2010-2015 - impasses e possibilidades

Palestra com o economista Márcio Pochmann - IPEA/DF

Data: 26-4-2010
Horário: Das 20h às 22h
Local: Auditório Central

Informações em www.ihu.unisinos.br

Eventos

As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani

Eurocentrismo marca a concepção de que as sociedades indígenas eram “pobres de tudo”, irracionais inclusive em suas práticas econômicas, pontua a historiadora Maria Cristina Bohn Martins

POR MÁRCIA JUNGES

“Nem sempre dispomos das informações suficientes para melhor ajuizar elementos importantes da cultura das sociedades autóctones da América, que foram conquistadas-colonizadas pelos europeus desde finais do século XV”, reflete a historiadora Maria Cristina Bohn Martins. De acordo com ela, “muito do que foi registrado está marcado pelo selo do eurocentrismo, que cedo definiu serem as sociedades indígenas “pobres de tudo”, privadas de racionalidade, inclusive em suas práticas econômicas”. Essas ideias fazem parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. A pesquisadora apresenta, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, em 22-04-2010, o tema As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani, como pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Para saber mais sobre a palestra de Maria Cristina, acesse <http://migre.me/v4Gp>.

Professora do curso de Pós-Graduação em História da Unisinos, Maria Cristina é vice-presidente da Associação nacional de História Núcleo Regional, Seção RÃS (ANPUHRs). Escreveu *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII)* (Passo Fundo: Editora da UPF; ANPUH - RS, 2006) e é uma das organizadoras de *Histórias coloniais em áreas de fronteiras. Índios, jesuítas e colonos* (São Leopoldo; Cuiabá: Oikos, Ed. da Unisinos, Ed. da UFMT, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se apresenta a economia do dom nas sociedades indígenas?

Maria Cristina Bohn Martins - Uma primeira observação necessária a ser feita sobre isto é que nem sempre dispomos das informações suficientes para melhor ajuizar elementos importantes da cultura das sociedades autóctones da América, que foram conquistadas-colonizadas pelos europeus desde finais do século XV. Lembremos, por exemplo, que os sacerdotes que foram os responsáveis pela elaboração de boa parte das fontes com as quais contam os historiadores, interessavam-se especialmente por temas ligados às práticas e concepções religiosas destas sociedades, e nem sempre se

ocuparam em registrar elementos da vida econômica e material. Além disso, muito do que foi registrado está marcado pelo selo do eurocentrismo, que cedo definiu serem as sociedades indígenas “pobres de tudo”, privadas de racionalidade, inclusive em suas práticas econômicas. Aliás, esta “incivilidade”, a alegada “insuficiência” das culturas autóctones foi, não raras vezes, apontada como justificativa da colonização. Além de fragmentárias, descontínuas, ou incompletas, portanto, as informações que possuímos precisam ser avaliadas sob uma perspectiva que as “descolonialize”.

Sabemos, contudo, que algumas sociedades, especialmente as mesoamericanas, desenvolveram complexas

redes comerciais, existindo, em suas cidades, grandes e movimentados mercados. Segundo as informações dos membros da expedição de Hernán Cortés¹, a qual resultou na derrota dos astecas frente a uma coalizão de reinos que se juntaram aos espanhóis, circulavam pelo mercado de Tlatelolco, na capital mexicana, milhares de compradores e vendedores, e um fantástico rol de produtos eram ali comercializados: grãos, flores, tecidos, peles, plumas, sal, peles, pedras e mesmo escravos, entre outras coisas. Outras

¹ Hernán Cortés Monroy Pizarro Altamirano (1485-1547): primeiro marquês do Vale de Oaxaca, foi um conquistador e explorador espanhol. Conquistou o centro do atual território do México a favor da coroa espanhola. (Nota da IHU On-Line)

sociedades, entretanto, desenvolveram formas econômicas impensáveis para a lógica europeia, em que bens e serviços circulavam através de mecanismos que não o mercado, criando o que Temple e Melià² (2004) qualificam como um *quid-pro-quo* histórico. Isto é, uma incompreensão relativamente a uma economia em que a produção e a circulação envolviam estratégias peculiares de prestação e contraprestação de obrigações, de bens com valores de uso ou simbólicos.

IHU On-Line - Quais são os fundamentos dessa economia exercida pelos guaranis? Como ela se relaciona com as ideias de Marcel Mauss³?

Maria Cristina Bohn Martins - Marcel Mauss, estudando os fluxos de objetos - mas também de nomes, de rituais etc. - em sociedades da Polinésia, Melanésia e do Nordeste dos Estados Uni-

“Sabemos, contudo, que algumas sociedades, especialmente as mesoamericanas, desenvolveram complexas redes comerciais, existindo, em suas cidades, grandes e movimentados mercados”

dos, definiu, em seu *Essai sur le don* (1923-24), aquilo que chamou de economia da dádiva. Por sua vez, Marshal Sahlins⁴, em sua obra *A Economia da Idade da Pedra* (1972), usou a expressão “reciprocidade” para se referir ao que observava entre as sociedades arcaicas. O norte-americano apresentava aí três formas de reciprocidade: a generalizada, a equilibrada e a negativa, seguindo um esquema concêntrico em que a “casa” (“*household group*”) ocupa o ponto mais central da sociedade, lugar onde temos a “reciprocidade generalizada”. Depois, ao nível da linhagem, da aldeia ou mesmo da tribo, podemos observar práticas de “reciprocidade equilibrada”. Finalmente, para além deste âmbito, chegamos ao conceito de “reciprocidade negativa”, espaço da guerra e da vingança. A leitura dos registros feitos sobre a sociedade guarani por conquistadores, missionários e administradores do império

colonial espanhol permite encontrar, nas práticas econômicas destes “agricultores da floresta”, elementos que se aproximam do que foi estudado por Mauss e Sahlins, por exemplo. A partir desta documentação (bem como de sua experiência de campo com os guaranis), Bartomeu Melià tem estudado aquilo que chamou de “*jopói*”, isto é, uma economia que é guiada pelo esforço para produção-reprodução do dom. O termo guarani “*jopói*”, ele buscou nos trabalhos linguísticos do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya⁵, missionário do século XVII que “dicionarizou” a língua guarani, e significa “*mãos abertas reciprocamente*”.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade dessa economia no caso dos guaranis? Qual é a sua contextualização histórica?

Maria Cristina Bohn Martins - Não tomando o termo “peculiaridade” exatamente na acepção de algo exclusivo da sociedade guarani, creio que é importante insistir na necessidade de refletirmos sobre os distintos modos pelos quais os bens (materiais e simbólicos) são produzidos, consumidos e reproduzidos em culturas diferentes. Isto significa, muitas vezes, renunciar a esquemas classificatórios e hierarquizantes que mais contribuem para velar do que para facilitar a compreensão daquilo a que se propõe. É assim que pode nos surpreender que os guaranis, descritos em várias circunstâncias pelo critério da “falta” (gente sem leis, sem governo, sem ‘polícia’, entre outros) se apresentassem aos primeiros contactadores europeus como produtores de uma “divina abundância”. Foi desta forma que Ulrico Schmidl, aventureiro a serviço da monarquia espanhola no Prata no século XVI, traduziu a incrível

² Bartolomeu Melià: jesuíta espanhol Bartolomeu Melià, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista *As missões jesuítas nos sete povos das missões*, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010, Melià proferiu a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos*, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU - *A Experiência Missionária: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. (Nota da IHU On-Line)

³ Marcel Mauss (1872-1950): sociólogo e antropólogo francês, refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, leia a entrevista de Alain Caillé publicada na IHU On-Line, n.º 96, de 12-04-2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento *Alternativas para outra economia*, em 10-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Marshall David Sahlins (1930): antropólogo dos Estados Unidos. Recebeu os títulos de bacharel e de mestre pela Universidade de Michigan, onde estudou com Leslie White, e obteve Ph.D na Universidade de Colúmbia em 1954, onde suas principais influências intelectuais foram Karl Polanyi e Julian Steward. Lecionou na Universidade de Michigan, onde nos anos 1960 iniciou sua atividade política, que incluiu o movimento contra a Guerra do Vietnã. No final da década de 1960 esteve dois anos em Paris, onde sofreu a influência da vida intelectual francesa (particularmente de Claude Lévi-Strauss) e participou dos protestos estudantis de maio de 1968. Em 1973 transferiu-se para a Universidade de Chicago, hoje é professor emérito. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pioneiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. (Nota da IHU On-Line)

“Realmente, as ofertas, os presentes e as visitas não são desinteressadas, mas sim aquilo que possibilita uma relação, um pacto em que uns e outros se colocam ‘em dívida’”

vel quantidade de alimentos que as aldeias indígenas podiam oferecer aos aventureiros famintos que passavam por suas terras, buscando as sonhadas riquezas da “Serra da Prata”.

Después (...) vinimos a una nación que se llama Carios (...). Ahí Dios el Todopoderoso nos dio su gracia divina que entre los susodichos Carios o Guaraníes hallamos trigo turco o maíz y mandioteín, batatas, mandioca-poropí, mandioca-pepirá, maní, bocaja y otros alimentos más, también pescado y carne, venados, puercos del monte, avestruces, ovejas indias, conejos, gallinas y gansos y otras salvajinas las que no puedo describir todas en esta vez. También hay en divina abundancia la miel de la cual se hace el vino; tienen también muchísimo algodón.. (...) Cuanto más lejos se marcha hacia adentro del país, tanto más fértil es. Durante todo el año halláis sobre las rozas estos granos y raíces como yo lo he informado.⁶

Logo depois, seria a vez do governador Domingo Martinez de Irala⁷ referir-se ao fato de que, entre os guaranis, havia “*tanta abundancia de mantenimientos, que no solo hay para la gente que allí reside, mas para más de otros tres mil hombres encima*”⁸. Estas opiniões contrastam com as repetidas queixas dos colonos europeus sobre a “pobreza de la tierra”, assinando uma questão importante para a nossa reflexão.

6 SCHMIDL, Ulrico. Derrotero y viaje a España y las Indias. Buenos Aires-México: Espasa-Calpe, 1947, p. 54. (Nota da entrevistada)

7 Domingo Martinez de Irala (1509-1556): conquistador e colonizador español, veio para a América em 1535, junto à expedição de Pedro de Mendoza e participando no ano seguinte da primeira fundação de Buenos Aires. Com a morte de Juan de Ayolas em 1537, passa a ser o governador do Rio da Prata, com sede em Assunção. (Nota da IHU On-Line)

8 Documentos históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización rioplatense. T. II. Buenos Aires, Talleres Casa Jacobo Peuser, 1941, p.299. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Pode-se falar em conexões entre a economia do dom, a reciprocidade e a justiça social? Por quê?

Maria Cristina Bohn Martins - Embora o estudo deste tema tenha já subsidiado análises muito ricas, e em conexão com a questão que me fazes - como aquela de Melià e Temple⁹, por exemplo -, creio ser importante lembrar o equívoco envolvido em traduzirmos os termos “troca”, “oferta” e “presente”, utilizados na análise destas formas econômicas, a partir dos seus correspondentes no Ocidente. Isto implicaria em, finalmente, insistir no erro de traduzir o mundo de acordo com o léxico europeu. Realmente, as ofertas, os presentes e as visitas não são desinteressadas, mas sim aquilo que possibilita uma relação, um pacto em que uns e outros se colocam ‘em dívida’. Nem sempre (ou muitas vezes) elas não estão pautadas na generosidade, e sim no interesse e no cálculo, uma vez que fazem da reciprocidade uma obrigação em nome da reputação, do prestígio e honra dos envolvidos. De outra parte, temos que referir a chamada “reciprocidade negativa”, lembrando que a guerra e a vingança foram elementos definidos do que poderíamos chamar de ‘guaranis históricos’. De acordo com práticas documentadas em várias oportunidades, os cativos colhidos por meio da guerra eram vitimados sacrificialmente num ‘banquete antropofágico’. Este banquete motiva uma rede de convites, que também se constituem em laço e obrigação.

9 “La reciprocidad es la matriz por la cual los hombres se reconocen como seres humanos y también el espacio social dentro del cual las acciones y las cosas encuentran su valor y su sentido, incluyendo las prestaciones económicas”. MELIÀ & TEMPLE. El don, la venganza y otras formas de economía guaraní. Asunción: CEPAG, 2004, p.69. (Nota da entrevistada)



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

Abraão e a encarnação do Verbo

Para Maria Carpi, a liturgia da palavra na Missa dos cristãos deve ser interpretada considerando o Antigo e o Novo Testamento

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

A través de uma intuição poética, a poetisa Maria Carpi interpreta a encarnação do verbo a partir de Abraão. Para ela, o olhar poético se “difere dos demais olhares principalmente porque a poesia opera pela transposição de sentido, abrindo clareiras (...). É um texto de compartilhar o assombro e a possibilidade do encontro”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**, Maria Carpi enfatiza que a dimensão sagrada da palavra se evidencia pela ética do convívio. “A palavra ‘Deus’ muitas vezes foi vilipendiada por não sabermos conviver, por nos exirmos da mútua responsabilidade. Ou por pretendermos o monopólio de Deus que esquece o Pai Nosso. A história da humanidade é uma grande narrativa. Como o patriarca Abraão, a palavra exige de nós a encarnação do verbo no rosto do irmão, página por página.”

Maria Carpi estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no dia 15-4-2010, onde proferirá a conferência *Abraão e a encarnação do Verbo*. Uma abordagem teopoiética. O evento ocorre às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Advogada, magistrada estatal, Maria Carpi nasceu em Guaporé, no Rio Grande do Sul, e, atualmente, reside em Porto Alegre. Entre suas obras, citamos *Abraão e a Encarnação do Verbo* (Porto Alegre: Age Editora, 2009); *A migalha e a fome* (São Paulo: Vozes, 2000); e *Os cantares da semente* (Porto Alegre: Movimento, 1996). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste sua intuição poética de Abraão? Por que escolheu a questão da Encarnação do Verbo a partir de Abraão?

Maria Carpi - Não foi uma escolha, mas uma intuição poética. Na escolha há uma razão lógica, um raciocínio de decisão. A intuição nos apanha de improviso. É uma visão. No entanto, pressupõe todo um caminho de preparação para esse advento, um amadurecer para a claridade da intuição. No meu caso, as várias leituras do texto bíblico desde menina e das diversas interpretações de outros autores do paradoxo instaurado no relato: o mesmo Jeová que prometera a Abraão uma descendência maior que as estrelas do céu lhe pede o sacrifício de Isaac, o filho da velhice. E a poesia também, como a intuição, é algo que alerta, que te põe de sobreaviso. Temos de lembrar que três rios emergem dessa fonte da fé: o islamismo, o cristianismo

e o judaísmo.

IHU On-Line - Por que usou a linguagem poética para analisar Abraão? Em que medida esta leitura difere de outros olhares como o teológico e o filosófico, apenas para citar alguns?

Maria Carpi - A intuição poética só podia ser traduzida pela linguagem igualmente poética. Creio que difere dos demais olhares principalmente porque a poesia opera pela transposição de sentido, abrindo clareiras. Não é um texto apologético. É um texto de compartilhar o assombro e a possibilidade do encontro. Disse bem o pacificador João XXIII¹: devemos esquecer os ódios e

¹ Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

buscar o que nos une. A poesia é a busca desse liame humano e desse vínculo de fraternidade cósmica.

IHU On-Line - O que mais interessante a senhora destaca no percurso que fez do antigo e novo testamento? Que elementos descobriu nessas leituras? Em que medida a leitura dos textos lhe ajudaram a criar uma visão poética de Abraão?

Maria Carpi - Como já disse, a visão poética de Abraão - que mais vê do que pensa - que o vê caminhando até o Monte Moriá, veio-me após várias leituras. Não há dicotomia entre o Antigo e o Novo Testamento. Eu não os separo. É assim que deve ser interpretada a liturgia da palavra na Missa dos cristãos. A primeira leitura e a recitação de salmos são textos do Antigo Testamento. Eles preparam a meditação do Evangelho e o repartir

“Acredito que o repartir do pão, mais do que qualquer metáfora, faz a reunião de Deus e a poesia”

do pão. É impressionante a identidade dos textos de Isaías sobre o Servo Sofredor e a Paixão do Messias. E o relato de Abraão reivindica a Jeová a encarnação do verbo. Eu o tomo como fio condutor da interpretação de outros trechos bíblicos até a vinda de Jesus, o mais fiel dos israelitas. Por isso, no livro que escrevi, afirmo: sou filha de Abraão e da Encarnação do Verbo.

IHU On-Line - A senhora diz que a linguagem de Jesus é poética. Que aproximação percebe entre o ato poético e o ato litúrgico?

Maria Carpi - Uma vez perguntaram a Jesus por que ele falava em parábolas. Pois ele respondeu: “porque vocês vendo, não vêem, e ouvindo, não ouvem”. Parábola é a forma narrativa que usa a metáfora como inovação de sentido. Parte de fatos da vida cotidiana para algo que antes era opaco e sem luz. Ela abre novas interpretações. Começamos a perceber o que não víamos e a ouvir o que estava mudo. É como se a realidade estalasse a sua verdadeira fisionomia. Há realmente uma aproximação entre o ato litúrgico e o ato poético: ambos buscam o sagrado não só na palavra de celebração, mas principalmente no rosto humano.

IHU On-Line - Qual a importância da dimensão simbólica para reunir Deus e poesia em sua obra?

Maria Carpi - A mesma importância da metáfora viva, a que abre uma visão de mundo. O símbolo não substitui algo, o que seria uma idolatria. O símbolo tem a economia do sinal. Ele não fica em si mesmo, ele remete, abre caminho ao que se busca. Acredito que o repartir do pão, mais do que qualquer metáfora, faz a reunião de Deus e a poesia.

IHU On-Line - O que caracteriza a dimensão sagrada da palavra?

Maria Carpi - A dimensão sagrada da palavra mais se evidencia pela ética do convívio. A palavra “Deus”

muitas vezes foi vilipendiada por não sabermos conviver, por nos exirmos da mútua responsabilidade ou por pretendermos o monopólio de Deus que esquece o Pai Nosso. A história da humanidade é uma grande narrativa. Como o patriarca Abraão, a palavra exige de nós a encarnação do verbo no rosto do irmão, página por página.

IHU On-Line - Que olhar a senhora coloca sobre as mulheres na Bíblia? Que tipo de poética feminina elas inspiram?

Maria Carpi - Não considero a poética por gênero: masculina ou feminina. A poesia não revela a mão de quem escreve quando abre janelas para novas possibilidades de viver. Em meu livro, dedico uma reflexão sobre as mulheres que mais me impressionaram no texto bíblico. Há momentos de grande impacto quando a mulher entra no texto. Elas são marcantes mesmo quando é um pequeno gesto, como o pano de Verônica a enxugar o rosto daquele que carregava a cruz. Não há quem não interrompa a leitura para ali se demorar.

IHU On-Line - Qual o valor e a postura da linguagem poética no mundo?

Maria Carpi - O de responsabilidade. Onde as demais linguagens silenciam, a linguagem poética fala. E quando fala, convida a partilharmos os bens da vida. Onde as demais linguagens litigam ou se embaralham como na Torre de Babel, a linguagem poética harmoniza. Onde as demais linguagens persuadem ou dissimulam, ela apenas bate à porta e espera que a abramos.

LEIA MAIS...

>> Maria Carpi já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br).

“Fui poeta desde o ventre de minha mãe”. Publicada em 23-12-2006, disponível no link <http://migre.me/uvdB>

http://twitter.com/_ihu

Foucault e a governamentalidade biopolítica

Para o filósofo César Candiotto, o pensamento foucaultiano é atual para compreender os três dispositivos de poder responsáveis por uma “ortopedia moral dos indivíduos”. Biopolítica precisa ser compreendida a partir de um paradoxo

POR MÁRCIA JUNGES

A partir do legado do filósofo francês Michel Foucault, é possível identificar três dispositivos de poder na atualidade. O primeiro deles, amplamente investigado em *Vigiar e punir*, é o dispositivo disciplinar, hoje observável em instituições semiabertas como “escolas, empresas, hospitais, manicômios e prisões”, analisa o filósofo César Candiotto. Por se dirigirem à superfície corporal, esses dispositivos “proporcionam uma ortopedia moral e a constituição de um indivíduo normalizado segundo os imperativos morais e até mesmo mercadológicos”. O segundo dispositivo é o da segurança, “que promete atuar na preservação e cuidado da vida de uma população biologicamente determinada exigindo, em troca, a restrição de suas liberdades, a obediência a suas normativas, o pagamento adequado de seus impostos”. Por último, o dispositivo disciplinar se encarrega de controlar as mentes, suas aspirações e desejos, criando-os e moldando-os. Essas ideias são desenvolvidas na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à *IHU On-Line*. Nela, Candiotto antecipa aspectos que irá debater em 16 de abril, das 20 às 22h, no pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, na Sala Conecta, na Unisinos. Para conferir a programação completa do XI Simpósio Internacional IHU, que acontece de 13 a 16 de setembro, acesse <http://migre.me/uNdJ>.

Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Candiotto é graduado em Filosofia por essa instituição, e em Teologia pela PUC do Chile. cursou mestrado em Educação pela PUCPR e doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e na Universidade de Paris XII com a tese *Foucault e a verdade. Organizou as obras Mente, cognição, linguagem* (Champagnat: Curitiba, 2008) e *Ética: abordagens e perspectivas* (Champagnat: Curitiba, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação entre biopoder e a governamentalidade dos sujeitos?

César Candiotto - Foucault¹ entendeu

1 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rom-

pendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMjZ>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Forma-*

o biopoder como uma tecnologia política determinada situada a partir da segunda metade do século XVIII. Seu alvo é a vida tomada a partir da multiplicidade de uma população, definida em termos de traços biológicos específicos. Caracteriza-se pela gestão calculada do ingresso da vida natural no domínio da política, a partir da formação de saberes que a controlam e a explicam e de poderes que intervêm na sua regularidade. Estatística, demografia e medicina social são saberes que emergem nessa época ao lado dos poderes soberanos modernos decorrentes do ção, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

surgimento dos Estados nacionais. Se a ideia política de nacionalidade e, portanto, de cidadania, advém daquele que é *nascido* num determinado território, o conceito de população, por sua vez, reúne seres humanos em razão de seu *corpo espécie*. Quer dizer, o corpo deixa de ser algo constitutivo do humano para ser mecanicamente associado à lógica geral de qualquer ser vivente cuja função é suportar os mais variados processos biológicos, desde a natalidade à mortalidade, no entremeio dos quais podem ser situadas epidemias, endemias, morbidades, fluxos migratórios etc.

Num e noutro caso, corpo e vida somente interessam às estratégias de poder e às técnicas de poder se eles figuram em processos associados à população. Pelo menos dois aspectos da vida natural foram decisivamente importantes para este espaço de discursividade e para práticas de intervenção e regulação: o sexo e a raça.

Sexualização como resistência

Para a definição da sexualidade saudável, houve o controle da masturbação infantil, a delimitação das sexualidades desviantes em termos patológicos de perversão. Em vistas da positivação da pureza de uma raça, foram estatuídas categorias populacionais consideradas degenerativas, em relação às quais não se deveria cuidar, mas abandonar e, até mesmo, eliminar. Se o biopoder, pelo menos nessa primeira acepção, opera principalmente sobre a vida natural, nesse mesmo campo de imanência é que incidem as práticas de resistência. A sexualização da sociedade a partir dos anos 1960 constituiu uma modalidade de resistência (no sentido de libertação ou de liberalização), que atuou no mesmo nível que a regulação da sexualidade por parte do biopoder. Já a figura do muçulmano, judeu meio vivo e meio morto nos campos de concentração nazistas, delineada por Agamben²,

² Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo

“Para a definição da sexualidade saudável, houve o controle da masturbação infantil, a delimitação das sexualidades desviantes em termos patológicos de perversão”

atua a partir da indiferença proporcionada por seu corpo inerte, diante da violência do soldado que dele espera um pedido de misericórdia, um enfrentamento ou, pelo menos, uma tentativa de fuga.

Chave de inteligibilidade

Quanto à governamentalidade, não é um modo historicamente circunscrito de atuação do poder, como no caso do biopoder. Trata-se, antes, de uma chave de inteligibilidade, de um pano de fundo, de um campo de possibilidades a partir dos quais as relações de poder adquirem uma nova significação

Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista “Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben”, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista *Compreender a atualidade através de Agamben*, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

em relação à sua concepção anterior. Até 1978, Foucault entende o poder como relação estratégica entre forças ínfimas e microfísicas que atravessam os corpos individuais e perpassam o tecido societário. Desde 1978, ele o concebe como um conjunto de ações, em função do qual os indivíduos tentam limitar as ações de outrem ou a previsibilidade de que as mesmas ocorram a partir de suas próprias ações.

Denomina-se também de governamentalidade dos sujeitos porque nessa chave de leitura sempre são supostos agentes livres; mas eles assim o são na medida em que e somente quando agem. Nesse sentido, se o biopoder opera principalmente a partir dos estados de dominação que atuam sobre a vida natural politicamente investida, já a governamentalidade dos sujeitos combina técnicas de dominação e técnicas de si em termos de sujeitos livres. Diante da tentativa permanente que os poderes têm de determinar nossas ações e seu campo de possibilidades objetivando o governo da individualização, podemos criar espaços de reversibilidade a partir de ações que não somente limitam aquela tentativa de governo, mas também engendram singularidades múltiplas, inalcançáveis por quaisquer tentativas de condução de nossas condutas.

IHU On-Line - Quais os principais dispositivos de poder hoje existentes?

César Candioto - Entendido o dispositivo como um conjunto de discursos, práticas, conformações espaciais e arquitetônicas, no amplo sentido atribuído por Foucault, acredito que é possível identificar a sobreposição de três dispositivos na atualidade.

O primeiro deles, magistralmente descrito por Foucault em *Vigiar e punir*, é o disciplinar. Ele incide sobre a otimização do corpo em termos de um sistema de recompensas em vista de condutas almeçadas; e de vigilância e correção, para a prevenção ou correção de comportamentos indesejáveis. Ele ainda pode ser observável em instituições semiabertas como escolas, empresas, hospitais, como também nas famosas instituições de confinamento, caso dos manicômios e prisões. Ao se dirigir à superfície cor-

poral, esses dispositivos proporcionam uma ortopedia moral e a constituição de um indivíduo normalizado segundo os imperativos morais e até mesmo mercadológicos.

O segundo dispositivo é o da segurança, que promete atuar na preservação e cuidado da vida de uma população biologicamente determinada exigindo, em troca, a restrição de suas liberdades, a obediência a suas normativas, o pagamento adequado de seus impostos. Essa proteção em função dos riscos e perigos internos ou externos possui um elevado ônus, posto que, muitas vezes, está embutida a anuência dos cidadãos à atuação extralegal do Estado e seus mecanismos diante de outras populações potencial ou realmente consideradas perigosas.

Controle das mentes

Finalmente, temos um tipo de dispositivo que não incide principalmente no corpo ou enfaticamente na vida entendida biologicamente, mas opera ao nível do controle das mentes, suas aspirações e desejos. Em sociedades mais desenvolvidas entre as quais o declínio do trabalho material é acompanhado da ascendência do trabalho imaterial, a planta industrial é sucedida da ampliação das organizações transnacionais, muitas delas prevalentemente virtuais, como a Google; sociedades estas nas quais a crise do Estado regulador é acompanhada da predominância crescente da influência midiática da propaganda e da publicidade, cada vez mais as mentes estão em conexão entre si. Daí ser fundamental a criação de sonhos e desejos, dominar e controlar a arte do possível, delimitar as situações nas quais pensamos atuar livremente e assim por diante.

Importante é salientar que esses três dispositivos atuam conjuntamente, ainda que seja possível mostrar que no recrudescimento da industrialização houve atuação sobressalente da disciplina; na formação e consolidação dos Estados nacionais a acentuada operacionalidade do dispositivo da segurança; e nas sociedades pós-industriais e de serviços, marcadas pela decisiva influência da realidade virtual

“Creio que o próprio Foucault entendeu a biopolítica a partir desse paradoxo que implica, de um lado, o investimento político sobre a vida natural; e, por outro, a possibilidade da proposição de novas maneiras de viver diante daquele investimento”

engendrada pela automação dos processos industriais e dos imperativos midiáticos sobre a política e as ideologias, a predominância dos dispositivos de controle.

IHU On-Line - De que se trata o “governo e a direção de consciência” em Foucault?

César Candiotta - Em artigo publicado na Revista de filosofia *Natureza humana*, tentei mostrar que o conceito de governamentalidade em Foucault se presta a diferentes domínios de análise. Nesse caso, antes que procurar definir o que é a governamentalidade, seria preferível mostrar como ela opera. Evidentemente que sua abrangência é tributária da fonte privilegiada utilizada por Foucault, que é o pensamento ético e político grego e romano.

Se na modernidade, governar se tornou sinônimo de gestão política e administrativa, entre os gregos, tal exercício designava diferentes domínios, tais como o governo da cidade, o governo do lar, o governo pedagógico e o governo de si mesmo. Contudo, na sua operacionalidade, estas artes de governar eram isomórficas. Quer dizer, ainda que os conteúdos dos governos

político e pedagógico tivessem uma natureza diferente dos governos do lar e de si mesmo, os primeiros sendo de ordem pública e os últimos do domínio privado e individual respectivamente, na sua forma eles estavam relacionados entre si. Segue-se que o competente governo da *pólis*, bem como a correta educação dos jovens que se preparavam para ser cidadãos pela *paideia*, supunha também a adequada governança do *oikos* (da mulher, dos filhos e escravos) e a moderação no governo autocrático.

Nesse primeiro momento, talvez ainda não seja conveniente falar de direção de consciência. Mas já desponta a ideia de que o adequado governo de si mesmo em vista do governo político tem como condição ser dirigido por um mestre, no caso o pedagogo.

Direção de consciências

Um segundo momento da direção de consciência pode ser situado no heilenismo e no pensamento imperial. Ali a direção deixa de ser realizada pelos pedagogos e passa a ser exercida por conselheiros privados; não mais está limitada exclusivamente à juventude para se tornar uma prática ascética a ser preservada em qualquer etapa da vida; seu objetivo não se restringe à preparação para o governo político, doravante sendo relacionado à busca de um permanente cuidado ético de si em termos de autodomínio e de senhorio diante das vicissitudes da existência. Trata-se de se preparar para acontecimentos que, muitas vezes, independem do indivíduo, mas que, naquilo que depende de seu empenho, ele pode exercer uma maestria sobre os mesmos, como educar-se para enfrentar com moderação a iminência de uma doença, a perda repentina da fortuna.

Um terceiro momento da direção de consciência é identificado no monarquismo cristão a partir do século IV d.C. Agora a direção é praticada por um mestre espiritual; ela também deverá ser um exercício recorrente durante toda a existência ao modo de uma ascese; mas essa ascese deixa de buscar o objetivo ético do cuidado de si pelas técnicas de domínio sobre si mesmo, para voltar-se

ao escopo da salvação da alma mediante técnicas relacionadas à obediência e à renúncia de si. No governo pastoral cristão, apresentado como o primeiro capítulo da genealogia da governamentalidade, Foucault observa esse cuidado religioso que se estende à totalidade dos fiéis de um conjunto ou comunidade, mas que ao mesmo tempo não se descuida de cada fiel mediante a confissão e a direção de consciência.

Potencial transformador limitado

Algo análogo ocorre na governamentalidade moderna e contemporânea, quando é exercido um poder ao mesmo tempo totalizante e individualizante, no qual a regulação da vida tomada em seu conjunto é indissociável da previsibilidade e controle dos anseios, desejos e sonhos de cada indivíduo. Hoje se procura dirigir a consciência para limitar seu potencial transformador, de modo que os indivíduos pensem, sintam e decidam a partir de escolhas que outros já fizeram por eles. Isso não significa, por outro lado, que eles tenham que se deixar governar dessa maneira e por estes agentes. A perspectiva do governo sempre supõe indivíduos que agem livremente e, portanto, sejam capazes de criar linhas de fuga às diversas tentativas de individualização e totalização por parte das mais variadas tentativas de condução da consciência.

IHU On-Line - Por outro lado, qual é o sentido em falarmos sobre um “(des)governo biopolítico da vida humana”, como o XI Simpósio do IHU abordará, em setembro?

César Candiotto - O título do Simpósio é muito sugestivo porque parte do pressuposto foucaultiano de que as relações de governo (nesse caso, biopolíticas) estão situadas sempre no mesmo plano de imanência das resistências que lhes podemos opor. Não há um fora das resistências em contraposição às relações de poder. Significa que diante das diversas tentativas de governo político da vida humana nas sociedades ocidentais modernas e contemporâneas, sempre tem sido possível empreender resistências ao modo de um não deixar-se governar desse modo, por estas instituições

e assim por diante. Esse desgoverno da vida implica deixar de viver a partir dos parâmetros que as biopolíticas nos seus desdobramentos políticos, médicos, estatísticos, demográficos, publicitários e mercadológicos nos estimulam a seguir a fim de propor outras maneiras de viver, que não deixam de ser, mesmo assim, relações de governo. Mas nesse caso é o governo de si mesmo que se impõe diante do governo dos outros. Se no governo biopolítico a vida natural passou a fazer parte do campo de investimento político, de modo que se criou um espaço de indistinção e de indiscernibilidade entre vida qualificada (*Bíos*) e vida desqualificada (*Zoé*), o desgoverno da vida humana consiste, nesse caso, em se contrapor ao investimento político da vida natural a partir de uma revalorização da vida qualificada. Creio que o próprio Foucault entendeu a biopolítica a partir desse paradoxo que implica, de um lado, o investimento político sobre a vida natural; e, por outro, a possibilidade da proposição de novas maneiras de viver diante daquele investimento.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos que tornam Foucault um autor tão atual?

César Candiotto - Na verdade, há duas maneiras de examinar a investigação de Foucault: uma primeira é a partir da *inatualidade* de seu pensamento, no sentido de que desde há algum tempo ele pode ser incluído na ampla tradição filosófica ocidental, em virtude da detecção de uma problemática filosófica peculiar, que concerne às práticas de produção da verdade. Vale ressaltar que tal problemática ele a trata de modo singular mas sempre em diálogo com a tradição filosófica que remonta a autores como Platão³, Descartes⁴,

³ Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se, sobre-

Kant⁵, Nietzsche⁶, Heidegger⁷. Como tudo, pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

5 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrh>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNru>. (Nota da IHU On-Line)

6 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “*Nietzsche e Paulo*”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. (Nota da IHU On-Line)

7 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line

não temos condições de precisar seus meandros nesse espaço resta dizer que lhe interessam fundamentalmente os modos históricos de constituição do verdadeiro e do falso nas diferentes práticas científicas, práticas sociais e práticas de si mesmo.

A segunda maneira de avaliar a investigação de Foucault diz respeito à sua *atualidade*, o que vai de encontro à pergunta proposta. Como outros expoentes de seu tempo, Foucault proporcionou a inflexão de conceitos como “biopolítica” e propôs neologismos, como o de “governamentalidade” a partir da análise de acontecimentos minúsculos, práticas singulares, discursos inglórios e vidas infames de diferentes domínios. Tais conceitos e neologismos ainda hoje são invocados como instrumentos de análise em diferentes áreas do saber: da filosofia ao direito, da psicologia à psiquiatria, da história à sociologia, da pedagogia à literatura.

Além disso, a atualidade de seu pensamento é tributária da maneira como ele entendia a própria tarefa da filosofia, nas poucas vezes em que tentou delimitá-la, no sentido de diagnóstico do presente, analítica da política, ascética de si mesmo. Fazer filosofia não consistia necessariamente na sistematização de doutrinas, na apologia de uma corrente de pensamento, ou na estreiteza das polêmicas que constantemente não excedem o terreno das opiniões inflexíveis. Antes, ela é da ordem da *problematização*: que problemas a política, as práticas institucionais e os saberes nos colocam atualmente? O que faz que determinados discursos entrem no jogo do verdadeiro e do falso e outros não?

publicou na edição 139, de 2-05-2005, o *artigo O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtc>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtl>. (Nota da IHU On-Line)

Drogas para lidar com a miséria psíquica

Marcelo Mayora percebe que hoje o uso de drogas busca a imanência, o inserir-se, o estar mais aqui do que nunca. “O uso de psicotrópicos é mais um dos instrumentos à disposição do sujeito contemporâneo na moldagem de seu personagem”, defende

POR GRAZIELA WOLFART

Pense em uma sociedade onde o consumo de drogas não seja proibido. Agora pense como isso pode acontecer na prática e quais as implicações para a sociedade. Pois o advogado criminalista Marcelo Mayora reflete sobre o tema na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a IHU On-Line. Para ele, “as toxicomanias podem ser consideradas um dos principais sintomas sociais da atualidade, reflexo do amplo problema das patologias do consumo, tais quais a obesidade, a bulimia, a anorexia etc. O importante é não violentar o problema, não simplificá-lo, não encapsulá-lo num diagnóstico pronto, pois é evidente que os casos de um senhor alcoólatra, de um executivo viciado em cocaína ou de um morador de rua viciado em crack não podem ser tratados da mesma forma”. Marcelo acredita que “atualmente, as substâncias químicas funcionam como pílulas mágicas, que auxiliam o sujeito a estar à altura de suas mais diversas obrigações. Os mal-estares psíquicos foram alçados à categoria de doença, e da interação entre psiquiatria e indústria farmacêutica resultaram as *magic bullets*, destinadas a tratar qualquer tipo de desconforto psíquico. Aliás, sequer é necessário existir qualquer problema aparente, pois se trata de potencializar as próprias capacidades cognitivas, de encontrar muletas para trabalhar até mais tarde, para escrever uma dissertação de mestrado, para conseguir relaxar, para dormir, para corresponder ao imperativo do ‘sexo de resultado’. Além disso, o incrível incremento da oferta de psicofármacos gerou uma nova forma das pessoas lidarem com a dor. Consome-se substâncias para suportar as agruras da existência, a dor de uma perda, um luto. Para lidar com a miséria psíquica, de modo que sejamos poupados, de alguma forma, do sofrimento inerente ao viver”.

Essas e outras ideias serão debatidas por Marcelo Mayora na palestra sobre “Direitos Humanos e Segurança Pública: por uma nova política de drogas no Brasil” no próximo dia 13 de abril, no Auditório Maurício Berni, da Unisinos, das 20h às 22h. O evento é uma promoção do IHU e do Diretório Acadêmico do Direito da Unisinos. Marcelo Mayora é mestre em Ciências Criminais e especialista em Ciências Penais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. É também graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela mesma Instituição. Possui experiência em Criminologia, Direito Penal e Processo Penal. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Pensando num modelo ideal, como deveria ser constituída uma nova política de drogas no Brasil? Quais as implicações da legalização, por exemplo?

Marcelo Mayora - Para começar o debate, é necessário relativizar, sobretudo desde a história, considerando que a história das drogas é milenar e a da proibição é apenas secular. Assim, podemos perceber que a opção proibicionista, a atual política adotada para controle de certas substâncias, não é de modo algum natural, mas conjuntural, condicionada por inúmeros fatores; que é, portanto, plenamente mutável, conforme as opções políticas e culturais de dada sociedade. Temos que notar que outras conexões societárias, que não as que encontramos atualmente, já se estabeleceram em torno de substâncias; precisamos perceber que relações mais saudáveis já foram travadas com as drogas, que controles culturais horizontais foram aptos a manter as práticas de intoxicação socialmente reguladas e que as atuais políticas proibicionistas, universais porque constituídas verticalmente a partir de convenções internacionais, acabam por desperdiçar toda a experiência adquirida pelos povos que fizeram e ainda fazem uso de entorpecentes, obstaculizando a busca por controles baseados nas especificidades de cada contexto.

Desintoxicação semântica

Penso que uma nova política de drogas deve começar pela nossa própria desintoxicação semântica, pois não há nenhum ganho teórico ou prático em se abarcar sobre a etiqueta de “droga” substâncias que possuem poucas características em comum. Deste modo, poderemos pensar em soluções específicas para questões específicas, sem a necessidade de apresentar uma espécie de resposta geral, notadamente simplificadora. A partir daí, seria possível adotar diferentes regimes de controle da circulação de substâncias, conforme as características de cada uma delas. Em relação à maconha, por exemplo, penso que o regime de controle poderia ser o mesmo do álcool e do cigarro, com circulação li-

“Se a dependência é química, por que somente pequena parcela das pessoas que experimentam drogas acaba tornando-se compulsiva?”

vre e fortes restrições no que toca aos locais de consumo, publicidade, idade do consumidor etc. Além disso, poderia ser incentivado o plantio caseiro, outra ótima opção. Para as demais substâncias teriam que ser pensadas outras soluções, algumas poderiam submeter-se ao regime de circulação dos psicofármacos, por exemplo. Mas não necessariamente precisamos nos basear em regimes legais já existentes, podemos tranquilamente ser ousados o bastante para pensar o novo. Além disso, todo o passo na direção à redução dos danos causados pela atual política de drogas é fundamental, motivo pelo qual devem ser saudadas também as pequenas rupturas, certamente insuficientes, mas importantes, como a descriminalização do consumo. Recentemente foi publicado um diagnóstico da situação de Portugal após a descriminalização do consumo de todas as drogas, demonstrando notórios avanços, tanto do ponto de vista da saúde quanto da segurança pública.

Legalização

As ciências humanas, e falo aqui desde o ponto de vista criminológico, já abdicaram de sua tentativa um tanto quanto prepotente de prever o futuro, de maneira que é impossível sabermos todas as implicações de eventual “legalização” das drogas. Nossa análise sobre o futuro está condenada a ser precária e incerta. O que podemos saber, e sabemos, pois temos vasta produção acadêmica produzida sobre este assunto, são os enormes custos sociais

do proibicionismo. Em síntese, não podemos prever o que virá, mas é inaceitável continuarmos apostando em uma solução absurdamente estúpida, de parca eficácia reguladora, responsável pelos assassinatos e pelo encarceramento massivo da juventude pobre brasileira. Ao argumento que ouço com frequência, de que mesmo diante da licitude da circulação de substâncias continuaria havendo a venda clandestina, respondo que a grande diferença é que os contrabandistas - que são aquelas pessoas que vendem produtos clandestinos - não são mortos pela polícia, tampouco se tornam prisioneiros de guerra por meio das prisões cautelares atualmente aplicadas em quase todos os casos penais relativos a tráfico de drogas.

IHU On-Line - Como podemos analisar a dependência química do ponto de vista cultural e social?

Marcelo Mayora - Não gosto do conceito de dependência química, penso que ele é passível de inúmeras críticas. A entidade até pode ter certa importância no âmbito médico-psiquiátrico, do ponto de vista terapêutico, mas decididamente é insuficiente para abarcar a complexidade do tema. A ideia de dependência química unifica em uma categoria existências absolutamente distintas, que possuem em comum apenas uma relação problemática com algum tipo de droga, e para quem, geralmente, são prescritos os mesmos tratamentos. Além disso, sequer internamente a ideia de dependência química se sustenta, pois deixa em aberto uma explicação: se a dependência é química, por que somente pequena parcela das pessoas que experimentam drogas acaba tornando-se compulsiva? Com isso, por óbvio, não estou querendo dizer que pessoas não se tornem, inegavelmente, reféns de certo tipo de compulsão. Uma explicação corrente para as toxicomanias da contemporaneidade, com a qual tendo a concordar, é a de que com a crise do projeto libertário contracultural da geração de Maio de 68 e de Woodstock, os consumos perderam seu aspecto ritualístico, com o que a potência do controle cultural - único apto a manter os

consumos socialmente regulados - perdeu força. Da ausência dos rituais que ultrapassam os consumos e, com isso, os organizam psíquica e socialmente, derivaram consumos desregulados. Perdeu-se o respeito pelas substâncias, a necessidade de situar a busca por estados alterados de consciência num contexto que o fundamente - as ideias de abrir as portas da percepção, de transformar o mundo ao transformar a si mesmo, de contestar o *establishment*, por exemplo - de modo que qualquer ocasião torna-se propícia ao uso. Significa dizer que na depressão posterior ao decreto de John Lennon, de que o “sonho acabou”, surgiu outra face da droga, bem menos lúdica do que aquela que representava o acesso às viagens experimentais e aos universos paralelos. Em termos estéticos, a figura do hippie bucólico é substituída pela do junkie urbano. No mais, as toxicomanias podem ser consideradas um dos principais sintomas sociais da atualidade, reflexo do amplo problema das patologias do consumo, tais quais a obesidade, a bulimia, a anorexia etc. O importante é não violentar o problema, não simplificá-lo, não encapsulá-lo num diagnóstico pronto, pois é evidente que os casos de um senhor alcoólatra, de um executivo viciado em cocaína ou de um morador de rua viciado em crack não podem ser tratados da mesma forma.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre o consumo de drogas e o estilo de vida na contemporaneidade?

Marcelo Mayora - O esvaziamento dos sentidos contraculturais relativos ao uso de drogas redundou no fato de que as buscas por estados alterados de consciência foram incorporadas aos modos socialmente aceitos de se viver. Atualmente, as substâncias químicas funcionam como pílulas mágicas, que auxiliam o sujeito a estar à altura de suas mais diversas obrigações. Os mal-estares psíquicos foram alçados à categoria de doença, e da interação entre psiquiatria e indústria farmacêutica resultaram as *magic bullets*, destinadas a tratar qualquer tipo de desconforto psíquico. Aliás, sequer é necessário existir qualquer problema aparente, pois

“As campanhas do tipo ‘diga não às drogas’ representam a resposta desesperada de uma sociedade que deseja vorazmente consumi-las, e que não encontra outro caminho para lidar com esse tipo de desejo senão o caminho de volta à repressão autoritária”

se trata de potencializar as próprias capacidades cognitivas, de encontrar muletas para trabalhar até mais tarde, para escrever uma dissertação de mestrado, para conseguir relaxar, para dormir, para corresponder ao imperativo do “sexo de resultado”. Além disso, o incrível incremento da oferta de psicofármacos gerou uma nova forma das pessoas lidarem com a dor. Consose substâncias para suportar as agruras da existência, a dor de uma perda, um luto. Para lidar com a miséria psíquica, de modo que sejamos poupados, de alguma forma, do sofrimento inerente ao viver. Para que não seja necessário sentir: “socorro, não estou sentindo nada”, diz o poeta Arnaldo Antunes. A frase de Contardo Caligaris também resume bem o que estou dizendo: “tome um prozac e volte pra festa”.

Políticas proibicionistas

Se num contexto de contracultura o uso de drogas representava a tentativa de transcendência, de busca por outros mundos, hoje o uso de drogas busca a imanência, inserir-se, estar mais aqui do que nunca. O uso de psicotrópicos é mais um dos instrumentos

à disposição do sujeito contemporâneo na moldagem de seu personagem. O “ciborgue pós-moderno”, crente em sua onipotência perante o mundo, lança mão da gestão farmacológica dos problemas existenciais, da “produção farmacológica de si”, expressão esta do antropólogo David Le Breton. Por um lado, como já disse, a desativação da potência contracultural dos usos de drogas de outrora pode ser uma explicação para as toxicomanias contemporâneas. Mas, por outro, na desativação da potência contracultural é também possível observar o surgimento de novas dinâmicas, que não conduzem necessariamente a consumos problemáticos. Penso que outro caminho para o questionamento das políticas proibicionistas, além da crítica aos efeitos da proibição, é procurar, nas dinâmicas dos grupos nos quais o uso ocorre, consumos socialmente regulados, de maneira que a crítica antiproibicionista reste fundamentada em exemplos viáveis no que tange ao controle anárquico do uso de drogas.

Anormalidade e tabu

Diante da onipresença das práticas tóxicas, é, no mínimo, questionável, tratá-las em termos de anormalidade. É claro que ainda recaem tabus, sobretudo sobre substâncias proibidas, mas o tabu parece adquirir ares de conflito de geração. Ainda não são permitidos consumos familiares, conversas francas com desconhecidos ou consumos públicos de substâncias ilícitas, mas há inegavelmente o esvaziamento do status negativo. O uso controlado de drogas ilícitas é manejado entre usuários e “caretas” a partir de um silêncio complacente: é comum pais fazerem vista grossa a consumos regulados de seus filhos, enquanto as demais obrigações estiverem sendo satisfeitas. No que toca à visão dos jovens da contemporaneidade, pouco resta de transgressão no uso de drogas. É claro que também é possível notar a emergência de um neoconservadorismo, que está a promover intensas campanhas do tipo “diga não às drogas”. Mas tal é muito mais a reação mais fácil, aquela que está mais a mão, que exige menos esforço intelectual, de uma sociedade

que convive diariamente com variados tipos de demandas por estados alterados de consciência. É um processo parecido com o conservadorismo dos adolescentes homens, que ainda não aprenderam a lidar com a nova ordem sexual, que desejam relacionar-se sexualmente com o máximo de parceiras possíveis, mas não admitem o mesmo direito às parceiras, e imputam àquelas que levam a cabo o sexo livre os mesmos rótulos de outrora. É claro, é mais fácil seguir ancorando-se nessas certezas, do que aprender a conviver com o novo. As campanhas do tipo “diga não às drogas” representam a resposta desesperada de uma sociedade que deseja vorazmente consumi-las, e que não encontra outro caminho para lidar com esse tipo de desejo senão o caminho de volta à repressão autoritária.

IHU On-Line - Quais os riscos do consumo silencioso de drogas?

Marcelo Mayora - Considero que um dos principais efeitos da proibição e conseqüentemente da construção de uma imagem negativa e até mesmo demoníaca de certas substâncias é a criação de um tabu, de uma espécie de bloqueio linguístico, do que deriva uma enorme dificuldade em falarmos abertamente sobre o assunto, despidos de qualquer tipo de moralismo. Anos de proibição e de tabu acabaram por gerar consumidores infantilizados. Há enorme desinformação sobre as drogas, sobre os métodos seguros de uso e sobre a própria substância que está sendo consumida. O que acabou ocorrendo após anos de animosidade infantil “anti-certas-drogas” foi uma aculturação dos consumos, uma perda do lastro cultural que assegurava consumos seguros, o aniquilamento do saber prático: o desperdício da experiência. A reação social aos usos de drogas certamente produz resultados. Um deles é o consumo silencioso, clandestino, solitário. O junkie, em verdade, nada mais fez do que assumir a face da morte atribuída à droga pela sociedade. Decidiu adotar a imagem de detrito, de lixo social, que lhe foi atribuída pela cultura ocidental, e escondeu-se nos não-lugares da metrópole, ou seja, a profecia se autotomou. O consumo silencioso nada mais é, portanto, que a necessária con-

seqüência da reação social aos usos de drogas, das campanhas difamatórias e das cruzadas morais. Paradoxalmente, em relação a eles, não temos qualquer chance de intervir, caso seja necessário, e este é o maior risco.

IHU On-Line - Quais os limites da abordagem unicamente química dos efeitos das drogas? Quais os riscos de pensar no consumo de drogas apenas sob o viés biológico ou da medicina?

Marcelo Mayora - Tradicionalmente, os olhares médicos e jurídicos dominaram o debate sobre o tema, o que certamente tornou míope a visão sobre o assunto, já que ele sempre foi tratado a partir de perspectivas binárias, ou seja, em termos de sanidade/patologia, pela medicina, ou em termos de lícito/ilícito, pelo direito. Penso que, ao olhar para as drogas, simultaneamente, desde as perspectivas da doença (dependência química) e da cura (medicalização dos sofrimentos), o saber médico-psiquiátrico trilha dois caminhos diferentes que, entretanto, se encontram na chegada. Por um lado, já parte de uma etiqueta negativa em relação a consumos outros que não os terapêuticos de drogas lícitas, pois consideram que os usos recreativos carregam a ameaça constante de transformarem-se em dependência química. Por outro, reforça o próprio monopólio do direito de prescrever medicamentos que geram estados alterados de consciência, retirando do sujeito a possibilidade de gerir a si mesmo. Ambas as perspectivas são insuficientes. A primeira, porque desconsidera todo o universo de consumos não problemáticos de drogas. A segunda porque não problematiza a si mesma, porque deixa de refletir sobre as características da contemporaneidade das quais deriva a demanda pela medicalização da existência, respondendo acriticamente ao imperativo da sociedade da performance, abrigada sob o alibi terapêutico. A partir de ambos os movimentos, o saber médico-psiquiátrico atua em cooperação com o *establishment* proibicionista, pois reforça a diferenciação entre as drogas lícitas e ilícitas, ao mesmo tempo em que desconsidera um dos pressupostos do antiproibicionismo, que é a aposta na

autogestão no consumo de drogas.

A abordagem puramente química também é limitada, por desconsiderar o contexto no qual o uso ocorre, que possui enorme importância para a análise. Não se trata de desconsiderar completamente o componente químico, tampouco os saberes médicos, pois não há que afirmar o protagonismo de nenhum dos saberes. Além disso, seria equivocado desconsiderar as visões dos saberes médicos, pois tais já fazem parte das próprias construções sociais a respeito das drogas, quer dizer, já fazem parte da identidade das drogas. Trata-se, em verdade, de situar os saberes médicos como mais um saber que trata das drogas, retirando-as do posto de “o saber”, aquele que teria a legitimidade científica para tratar do assunto. As teorias médicas sobre os efeitos do uso de substâncias assentam-se na ideia de efeito principal, que, por sua vez, se apoia numa análise estatística destes mesmos efeitos, tomando por base dosagens médias e um indivíduo-tipo. No próprio método, que os impele a trabalhar com dosagens médias e indivíduos-tipo, está a limitação de seu alcance explicativo.

IHU On-Line - Como a questão das drogas se insere no debate sobre segurança pública e direitos humanos?

Marcelo Mayora - A questão das drogas e seu método de controle estatal é o ponto nevrálgico da discussão sobre segurança pública e na repressão às drogas estão os maiores focos de violação aos direitos humanos no Brasil e no mundo. Se a ideia de direitos humanos fosse levada a sério, não poderíamos permitir interferência estatal tão brutal na vida das pessoas, não poderíamos permitir tanto paternalismo, ou seja, não aceitaríamos o sequestro estatal do direito do cidadão de consumir a substância que lhe aprouver. Também não poderíamos permitir que o direito penal das drogas operasse no marco do estado de exceção, sobretudo por meio da aplicação antecipada da pena (prisões cautelares como regra mediante decisões judiciais baseadas na ideia autoritária de garantia da ordem pública) e dos homicídios em massa praticados pelas agências policiais de jovens pobres comerciantes de drogas.

Ademais, qualquer política de segurança pública radical - no bom sentido, pois radical é o que vai à raiz - que é a política que precisamos, urgentemente, precisará deixar de lidar com mitos, com preconceitos e com mentiras. Três questões centrais da agenda da segurança pública passam pela adoção de uma nova política de drogas: a redução dos homicídios, a superlotação carcerária e a corrupção policial. A maioria dos homicídios que acontecem no Brasil está ligada à guerra contra as drogas, seja em razão de assassinatos praticados por policiais, seja no âmbito de conflitos entre grupos rivais. Diversos autores, como Alba Zaluar, Luis Eduardo Soares ou o MV Bill, por exemplo, já nos mostraram a tragédia que decorre da integração perversa entre pobreza e tráfico de drogas. A própria existência de um poder paralelo e de uma cultura alternativa em certos territórios é consequência direta de uma política estatal que identifica inimigo - os "perigosos narcotraficantes", em verdade jovens bastante frágeis - e pretende aniquilá-los. A superlotação carcerária, por certo outro fator propulsor da violência, tanto pelos efeitos criminosos do cárcere quanto por propiciar condições favoráveis ao surgimento de facções de criminalizados, como o PCC, também é consequência direta da atual política criminal de drogas. É que, no Rio Grande do Sul, ao final do ano passado, conforme dados do site do Ministério da Justiça, estavam presos 27.112 homens, sendo que 16% por tráfico de drogas, na maioria pequenos vendedores, "meros serviços do narcotráfico". Também estavam presas 1738 mulheres, sendo que 51% destas foram presas por tráfico. Ou seja, se uma política de segurança pública efetiva e democrática passa pela radical diminuição do número de presos, e esta é minha convicção, certamente precisamos deixar de encarcerar estas pessoas. Por último, outro nefasto efeito da economia clandestina das drogas é a corrupção policial, e aqui nem me alongarei: o cinema (*Cidade de Deus*, *Tropa de Elite* etc.) e a música (o RAP, Bezerra da Silva etc.) já nos mostraram como funcionam as relações indevidas entre setores da polícia e o tráfico de drogas.

SÃO LEOPOLDO, 12 DE ABRIL DE 2010 | EDIÇÃO 324

“O que temos ainda de aprender sobre religião?”

O diálogo entre a tradição cristã e as religiões afro-brasileiras “é factível e só será diálogo se não pressupuser descaracterização dos interlocutores”, menciona o teólogo Afonso Soares

POR PATRICIA FACHIN

Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a **IHU Online**, o teólogo Afonso Soares reflete sobre os espaços que a discussão religiosa ocupa nas universidades. Para ele, a academia é, “por definição, lugar aberto à busca de conhecimento, venha de onde vier e por intermédio de quem quer que seja”. Nesse contexto, ele acredita que “o diálogo inter-religioso é uma das facetas do diálogo que toda universidade tem de propiciar em qualquer área do saber, sob pena de trair sua própria missão de custódia e ampliação do conhecimento”.

Tratando especificamente da relação entre as tradições cristãs e afro-brasileiras, Soares diz ainda que “é visível a melhoria histórica dessa relação”. Para ele, esse diálogo “tem camadas que precisam ser percebidas com atenção e generosidade. Dom Boaventura Kloppenbburg disse, certa vez, arrependido de suas antigas pregações contra as religiões afro, que os negros brasileiros eram os que mais amavam a Igreja Cólica e, no entanto, também eram os mais menosprezados por ela. Nesse sentido, os avanços pastorais foram enormes, haja vista a presença de uma Pastoral afro-brasileira assumida pela CNBB. Os avanços teóricos são mais tímidos, há ainda titubeios e temores que vão sendo dissipados muito mais lentamente”.

Afonso Soares estará na Unisinos, na próxima quarta-feira, 14-4-2010, ministrando a palestra *Reflexões sobre a temática inter-religiosa* em um contexto universitário: Que caminho(s) seguir?. O evento ocorre às 19h45min, no Auditório Central.

Afonso Soares é licenciado em Filosofia pela PUCPR, e em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo. É mestre em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana Roma, na Itália, e doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-doutor pela PUC-Rio, é, atualmente, professor associado da PUC-SP. É, também, presidente da *Soter* e autor de *Negros, uma história de migrações* (São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 1996), *Interfaces da revelação; pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil* (São Paulo: Paulinas, 2003) e *O mal: como explicá-lo?* (São Paulo: Paulus, 2003). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a temática inter-religiosa no contexto universitário?

Afonso Soares - Para responder, prefiro deixar de lado, por enquanto, aquelas considerações deselegantes e pontuais que, às vezes, ganham algum espaço, motivadas por preconceitos de acadêmicos pertencentes a outras áreas de conhecimento, ou mesmo certa indiferença desinformada com respeito à relevância do fato/fenômeno religioso.

Restam, então, pelo menos 3 modalidades de abordagem do inter-religioso na academia brasileira: a) a da Ciência da Religião; b) a da Teologia (em geral) cristã; c) a da Teologia (dita) Pluralista.

A abordagem da Ciência da Religião é, de longe, a menos controversa e com menor taxa de rejeição no espaço universitário. Pela própria natureza de seu ofício, o cientista da religião aborda toda e qualquer configuração religiosa como um dado de fato, incontestável, que precisa ser estudado e compreendido, não julgado e muito menos banido. Aproximar e cotejar religiões distintas, favorecendo seu intercâmbio, é corolário quase automático dos resultados de sua pesquisa.

Não é tão fácil assim a tarefa teológica; o teólogo não pode esconder-se numa pretensa neutralidade e fingir que considera todas as religiões como mais ou menos a mesma coisa, como variações sobre o mesmo tema. Se este teólogo for cristão (como geralmente é) e também católico terá, sobretudo na atual conjuntura eclesial, limites bem estreitos para exercer sua reflexão crítica numa “teologia das religiões”. Sua sobrevivência numa faculdade de teologia de uma universidade católica dependerá de escrever artigos de difícil compreensão em revistas de exígua circulação (e torcer para que nenhum colega traduza e divulga suas ideias na grande mídia). Mesmo assim, a saída inteligente aqui tem sido investir em temas éticos fundamentais e de responsabilidade pela saúde do planeta nas gerações vindouras.

Uma terceira possível modalidade de tratamento do inter-religioso vem tomando corpo numa Teologia chamada de Pluralista (ou interconfessional, ou até transconfessional). Particpei

“Eu creio que nesses casos a contribuição da ciência da religião seria uma luz para teólogos, pastoralistas e agentes de pastoral. Nós não temos poder para conduzir o processo dos encontros e interações entre os adeptos de diferentes religiões”

recentemente de uma obra coletiva internacional, organizada por José María Vigil, e que se propõe a pensar uma provável e futura “teologia planetária” [ver: J.M. Vigil, org.: “Hacia una teología planetaria”. Quito: Abya Yala, 2010. Há versão em inglês e deve sair em português pela Ed. Paulinas]. No ambiente das universidades confessionais cristãs será muito difícil fazer avançar uma discussão nesses termos. Mas ela começa a repercutir em instituições e centros acadêmicos mais empenhados em aprofundar a aproximação e mútua ajuda entre as tradições religiosas.

IHU On-Line - Qual é o espaço que a religião deve ocupar na academia? Como devem dialogar o saber acadêmico e a religião?

Afonso Soares - O espaço da religião na academia, confessional ou não, é principalmente o de objeto de estudo. Não se devem misturar as instâncias. O próprio da academia é o saber regido, segundo os ditames do método científico ou do labor filosófico. Mesmo numa faculdade de teologia decididamente confessional, a interferência ou “intromissão” do poder eclesial no dia-a-dia da pesquisa teológica só pode empobrecer o resultado das in-

vestigações.

No entanto, na medida em que a teologia e, principalmente, a ciência da religião vão burilando, afinando e melhorando seus métodos de abordagem e investigação do fenômeno religioso, é de se esperar que todos ganhem em aumento de conhecimento sobre as nuances e sutilezas da realidade total.

IHU On-Line - Quais são os princípios que devem regular o diálogo inter-religioso na universidade? Nesse sentido, que caminhos a universidade deve adotar para assegurar o diálogo inter-religioso?

Afonso Soares - Não sou nenhuma autoridade com competência para ditar regras ou receituários. Mas creio que o fundamental é o óbvio: a universidade é, por definição, lugar aberto à busca de conhecimento, venha de onde vier e por intermédio de quem quer que seja. O contrário também é verdadeiro: onde quer que encontre manipulação de dados, encobrimento da verdade e descaso pelo bem público, é imperativo que os cientistas e acadêmicos contribuam para desbaratar esse estado de coisas. O diálogo inter-religioso é uma das facetas do diálogo que toda universidade tem de propiciar em qualquer área do saber, sob pena de trair sua própria missão de custódia e ampliação do conhecimento.

IHU On-Line - Qual é o papel da universidade no sentido de recuperar a história das diferentes tradições religiosas?

Afonso Soares - Respondo a partir de meu trabalho como cientista da religião. O que pretende a Ciência da Religião? Em primeiro lugar, ela tem o mesmo objetivo que qualquer outra ciência na universidade: por meio de seu trabalho, quer ampliar o saber sobre o mundo e os seres humanos. Mas o cientista da religião oferece uma contribuição importante na recuperação de diferentes tradições religiosas justamente porque é menos [nunca totalmente] influenciado pelo desejo de proteger/defender esta ou aquela religião. Ainda que ele seja, muitas vezes, como aquele investigador surdo que descreve a apresentação de uma orquestra [na conhecida imagem

usada por Rubem Alves em “O enigma da religião”], ele pode evitar que certos olhares teológicos vejam demais ou de menos aquilo que compromete suas pré-compreensões de fé. Por outro lado, o saber universitário só tem a ganhar na medida em que dá espaço para a pesquisa teológica propriamente dita. Veja bem: é relevante conhecer cada vez melhor a pluralidade e a força do fenômeno religioso; porém, como diz Hans-Jürgen Greschat, são os fiéis de uma determinada crença que devem informar se entendemos adequadamente essa mesma fé. Para Greschat, não consultar adeptos da religião pesquisada depõe contra a validade das descrições que fizemos dela [veja: H.-J. Greschat. *O que é Ciência da Religião?* SP: Paulinas, 2006]. Ora, o teólogo é um adepto especializado de uma determinada religião. Qualquer cientista interessado em pesquisar religiões que abra mão do parecer teológico, conhece menos [e mal] a religião que pesquisa.

IHU On-Line - De que maneira a universidade pode fomentar o diálogo inter-religioso e contribuir com a sociedade neste momento de crise de valores?

Afonso Soares - A universidade é um espaço privilegiado de encontro das diferenças, de pesquisa científica e reflexão filosófica sobre todo e qualquer tema de interesse. Toda a universidade que mereça carregar esse nome dispõe de amplas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Portanto, é de se esperar de nossos inúmeros centros de saber pelo Brasil afora que contemplem em todos os cursos de graduação disciplinas da grande área de humanas cuja ementa inclua a preocupação de educar para o diálogo intercultural e inter-religioso. Mas essas disciplinas perderão cedo o fôlego se não estiverem respaldadas por grupos de estudo e de pesquisa que publiquem regularmente seus resultados na área. E tais grupos receberão a seiva de seu trabalho justamente da qualidade de seu compromisso com a comunidade, qualidade esta que é provocada pelos desafios e demandas da sociedade e devem voltar à sociedade como devoção do saber gerado na academia.

IHU On-Line - Como o senhor perce-

be a relação entre as religiões afro-brasileiras e as universidades cristãs? Existe possibilidade de diálogo entre essas duas esferas, sem que ambas se descaracterizem? Quais as condições para este diálogo? As religiões afro-brasileiras estão ganhando mais espaço nas instituições de ensino em geral?

Afonso Soares - É visível a melhoria histórica dessa relação entre religiões de origem africana e universidades cristãs. No geral, as religiões afro-brasileiras estão ganhando mais espaço nas instituições de ensino e vêm sendo estudadas até por força da lei federal que dispõe nessa direção. A Lei 10.639/03 abre uma vereda promissora para que se busquem novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana.

Por outro lado, seria inconcebível hoje algo similar à campanha apologética antirreligiões africanas, liderada por dom Kloppenburg até inícios da década de 60 do século passado. Um diálogo entre essas duas tradições espirituais é factível e só será diálogo se não pressupuser descaracterização dos interlocutores. Mas isso não significa que a busca comum da verdade não levará os envolvidos a rever posições, mudar de ideia em alguns temas e chegar a conclusões impensáveis antes de se iniciarem os intercâmbios. Só dialoga de verdade quem pressupõe e deseja aprender algo com o outro; caso contrário, é proselitismo mal camuflado [a pior espécie de proselitismo, porque se nega admitir que o seja].

IHU On-Line - Como pensador católico, como o senhor percebe o diálogo entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo?

Afonso Soares - Esse diálogo tem camadas que precisam ser percebidas com atenção e generosidade. O mesmo Dom Boaventura Kloppenburg, que citei acima, disse certa vez, arrependido de suas antigas pregações contra as religiões afro, que os negros brasileiros eram os que mais amavam a Igreja Cólica e, no entanto, também eram os mais menosprezados por ela. Nesse sentido, os avanços pastorais foram enormes, haja vista a presença de uma Pastoral afro-brasileira assumida pela CNBB. Os avanços teóricos são

mais tímidos, há ainda titubeios e temores que vão sendo dissipados muito mais lentamente.

Isso se deve, em grande parte, ao controverso tema do sincretismo religioso ou da dupla vivência religiosa - isto é, quando uma pessoa sem abdicar de suas práticas e convicções espirituais de origem (no caso, as africanas, como candomblé, batuque ou tambor de mina) participa também da vida sacramental católica, sem ver nisso nenhuma contradição ou objeção de consciência. Lidar com essa realidade não é fácil. Teólogos e pastores católicos têm optado na prática por uma estratégia de paciência histórica (que já dá sinais hoje de ter limites mais estreitos do que esperávamos): veem o sincretismo como um mal menor e vão fazendo o que podem no cotidiano pastoral. Outros (a maioria) preferem insistir no que se convencionou chamar de “inculturação” e assim leem como positiva a situação de dupla pertença/vivência religiosa; com isso, garantem (ou pensam garantir) a condução do processo desse encontro entre religiões, apostando na progressiva assimilação do catolicismo pelos seguidores da tradição dos orixás.

O que me parece menos percebido e admitido nessas duas atitudes é o papel de protagonismo dos próprios fiéis. Quando estes estão (parecem estar) sob a tutela da comunidade cristã, fala-se de inculturação; quando seguem (parecem seguir) por conta própria fala-se, pejorativamente, de sincretismo.

Eu creio que nesses casos a contribuição da ciência da religião seria uma luz para teólogos, pastoralistas e agentes de pastoral. Nós não temos poder para conduzir o processo dos encontros e interações entre os adeptos de diferentes religiões. A dupla ou múltipla vivência de católicos-de-umbanda ou candomblezeiros cristãos é um dado de fato; há gente vivendo sua espiritualidade dessa forma, gostemos ou não. Mas a questão principal é: o que temos ainda de aprender sobre religião com esses fenômenos [pergunta do cientista da religião]? E o que temos ainda de discernir sobre a maneira de Deus se revelar à humanidade [pergunta do teólogo cristão]?

IHU Repórter

Dorotea Frank Kersch

POR PATRÍCIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Dorotea Frank Kersch, Gerente acadêmica da Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação e professora do PPG em Linguística Aplicada da Unisinos, tem uma relação afetiva com a universidade desde o tempo da graduação. Formada em Letras, ela é funcionária da instituição há 14 anos. Na entrevista que segue, Dorotea conta à **IHU On-Line** sua trajetória profissional, fala sobre a família e o período em que viveu na Alemanha. Confira.

Origens - Sou neta de um austríaco. Meu avô veio para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Minha avó materna era ucraniana, da antiga União Soviética. Meus avós paternos são de origem alemã. Nasci em Concórdia, Santa Catarina. Sou filha de agricultores e saí de casa aos 11 anos para estudar. Minha mãe tinha uma visão de futuro e sempre dizia que gostaria que nós (meus irmãos e eu) tivéssemos uma vida melhor do que a dela. Quando concluí o segundo grau, mudei para São Leopoldo. Uma de minhas irmãs já morava na cidade e trabalhava no Cartório Comasseto. Esse também foi meu primeiro emprego.

Família - Minha mãe faleceu há 22 anos, e meu pai há 9. Tenho seis irmãos: três mulheres, eu sou a mais nova; e dois homens. Uma das minhas irmãs mora em Porto Alegre, outra reside no Oeste Baiano, um irmão vive nos EUA e dois em Concórdia. Não nos visitamos mais na intensidade que gostaríamos. Isso para mim é doloroso porque estamos num novo estágio da vida: ultrapassando a idade adulta e indo para a melhor idade. Não conseguimos mais reunir todos porque a família está muito grande. A última vez que conseguimos reunir parte da família foi no casamento da minha filha, em abril de 2008. No último Natal, meu irmão que vive nos EUA esteve no Brasil, e conseguimos fazer uma reunião familiar. Minha mãe zelava para que nos déssemos bem. Ela sempre cuidava para que os presentes de Natal fossem

rigorosamente iguais, para que nós não tivéssemos desentendimento em função de algum dos filhos ser favorecido. Repito isso com meus dois filhos. Não faço diferença entre eles e cuido para que o dinheiro, por exemplo, nunca venha a ser um problema para a desestruturação da família.

Filhos - Sou casada e moro em São Leopoldo, próximo à universidade. Tenho dois filhos, ambos estudaram na Unisinos. Minha filha Mônica foi bolsista de iniciação científica do professor Carlos Fonseca, do curso de Biologia. Ela fez um excelente trabalho de conclusão e conseguiu publicá-lo em uma revista internacional de alto impacto. Na graduação, ela conheceu o marido, Carlos Guilherme, meu genro, também um filho muito querido. Ambos fizeram seleção de mestrado na Universidade de Campinas - Unicamp e no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe, na Amazônia. Deus está cuidando deles. Os dois cursaram mestrado na Unicamp. Ele publicou um artigo na revista **Science**, uma das publicações científicas mais prestigiadas do mundo, pelo fato de ter desenvolvido uma teoria sobre o desaparecimento dos anfíbios. Essa pesquisa o colocou junto com os pesquisadores de ponta do Brasil na área. Com isso, eles conseguiram uma bolsa para estudar durante um ano na **Cornell University**, em Nova York. Passado esse período, encaminharam bolsa da CAPES/Fullbright e continuam estudando lá. Ela qualifica a tese na pró-

xima semana e ele, em maio. Em 2013, retornam para o Brasil. Já os visitei uma vez e, em maio, quando entro em férias, viajo para visitá-los novamente.

Meu filho Guilherme se formou em janeiro no curso de Comércio Exterior e trabalha numa empresa de logística, em Porto Alegre. Ele aprendeu a língua alemã muito rápido, já falava inglês bem, e aprendeu espanhol por osmose, conversando com os latinos enquanto morávamos na Alemanha. Ele gosta muito de línguas e, por isso, optou pelo comércio exterior. Ele é apaixonado pela Alemanha e adotou o país como sua segunda nação, como eu. Ele namora a Dani, outra pessoa maravilhosa que entrou na nossa família, e parece que sempre esteve ali.

Estudos - Iniciei a graduação em Comunicação Social, na Unisinos, mas, quando tive de realizar as disciplinas práticas, percebi que não tinha perfil para a profissão. Passei, então, para o curso de Letras, onde me realizei. Comecei a lecionar nas escolas do município, depois numa do estado e, em seguida, fui professora do Colégio Concórdia, em São Leopoldo. Depois de um período lecionando, resolvi cursar o mestrado. Fiz uma seleção na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, fui aprovada e quando estava finalizando o curso, comecei a trabalhar na Ulbra e depois vim para a Unisinos, em março de 1996. De 1998 até 2002, fui coordenadora do curso



>> NA FOTO, PROFA. DOROTEA COM A FAMÍLIA

de Letras. Depois, me ausentei da universidade por um período, quando fui para a Alemanha cursar o doutorado. Tive permissão da Unisinos e um apoio parcial. Lá, fui professora de português para estrangeiros, na cidade de Kiel, no norte do país. Morei na Europa 3 anos e 10 meses. Viajei em outubro de 2002; meus filhos e meu esposo foram em dezembro. Minha filha permaneceu lá até fevereiro e meu filho morou comigo por dois anos. Nesse período, vim algumas vezes ao Brasil e meu esposo passou alguns meses na Alemanha.

Vida na Europa - A vida na Alemanha é diferente, mas maravilhosa. Sempre digo que não conheci os alemães frios e fechados que muitos dizem conhecer. Tenho amigos até hoje e trocamos e-mails, pacotinhos de Natal. Eles têm outra rotina de vida. Amigos são sagrados e a vida é mais afetiva. Lembro da primeira vez que entrei em férias: fui à secretaria da universidade para deixar meus números de telefone, caso eles quisessem entrar em contato comigo. A secretária perguntou: "A senhora não vai sair de férias? Então, aproveite. Se tiver algum problema, conversamos quando retornar." Isso mostra que a cultura é bastante diferente. As pessoas não levam trabalho para casa, e a liberdade delas é sagrada. As empresas não invadem a privacidade dos trabalhadores.

Trabalho na Unisinos - Hoje, sou gerente acadêmica da Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação e sou professora do PPG em Linguística Aplicada. Como o trabalho na Unidade de Pesquisa absorve bastante tempo, não tenho tido condições de lecionar na graduação. Apenas oriento trabalhos de conclusão.

Lazer - Há três anos vou à academia e corro. Eu não gosto de exercício físico, não sinto nenhum prazer, mas sei que é necessário. Leio nas horas de folga e também desenvolvo uma atividade na Igreja. Eventualmente assisto filmes.

Igreja - Sou evangélica e participo da Igreja Batista, em São Leopoldo. Creio na salvação em Jesus Cristo. Ele é meu rei, meu salvador, me ampara nos momentos difíceis e está junto comigo mesmo quando eu acho que não. Isso me dá ânimo, coragem e vontade de que outras pessoas possam ter essa proximidade com Deus e reconhecer Nele um amigo.

Sonho - Tenho uma preocupação muito grande com a questão ambiental. Quero conhecer meus netos e gostaria que tivesse um mundo habitável para eles. Sou obcecada com sacolas, garrafas e copos plásticos. Fico feliz com cada sacola que deixo no supermercado. Sei que muitas pessoas ainda não se dão conta disso, mas me preocupo com o lixo que produz

e fico feliz quando consigo reutilizar algo. Outra preocupação que tenho é em relação à água. Um dia ela vai acabar. As pessoas fingem não saber disso.

Também quero ter uma velhice tranquila, com saúde. A minha geração vai ficar velha e será muito numerosa. Os estudos mostram um Brasil envelhecido nos próximos 20, 30 anos. Espero que Deus, também, ali, me carregue para que eu possa ter uma velhice serena, rodeada de netinhos e animais.

Animais - Adoro animais, tenho duas cadelas, a Funny e a Molly, e duas gatas, a Candy e a Phoebe. Uma é persa e a outra é himalaia. São raças queridas. Sou muito apaixonada por elas e me pergunto como serei com os netos se já me derreto com elas.

Vida - É um dom precioso. Vida plena é ter uma família presente, os animais em volta e tudo isso amparado por Deus. Essa é a vida perfeita: estar em harmonia com a família e com Deus.

IHU - Uma vez um colega disse que o IHU era a parte humana da Unisinos. De fato, vejo que nos eventos promovidos, a vida também está em destaque nas temáticas desenvolvidas. As questões ambientais, sociais e religiosas também são tratadas sem preconceito e, a partir disso, podemos refletir e nos enxergarmos dentro dessa sociedade complexa.

Unisinos - A Unisinos me deu oportunidades e continuo acreditando que a universidade é de oportunidades. Vejo, trabalhando com a pesquisa, que tem crescido muito o nosso número de pesquisadores de produtividade do CNPQ, o que nos coloca como universidade de pesquisa. O interessante é que a maioria dos professores construiu seus currículos aqui. A Unisinos tem investido em muitos projetos de vida, investiu no meu. Sou muito grata por causa disso. Fui aluna, professora e agora gestora. A universidade é uma parte da minha vida.

Destaques



As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani

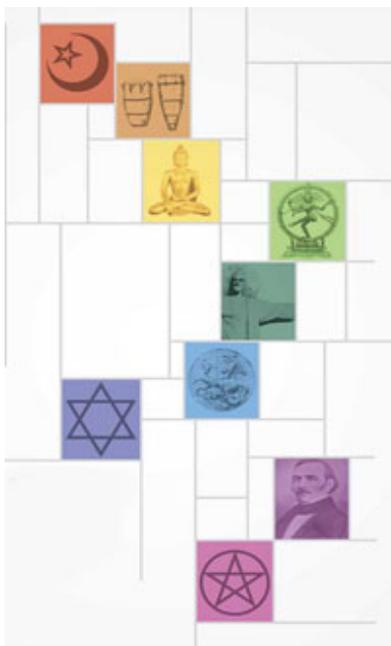
A historiadora e professora do PPG em História da Unisinos, **Maria Cristina Bohn Martins**, apresenta, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, no dia 22-04-2010, o tema *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani*, como pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Na entrevista publicada nesta edição, a pesquisadora pontua que o eurocentrismo marca a concepção de que as sociedades indígenas eram “pobres de tudo”, irracionais, inclusive em suas práticas econômicas. O XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade acontece de 25 a 27 de outubro na Unisinos. Saiba mais em <http://migre.me/v4Gp>

Michel Foucault e a governamentalidade biopolítica

César Candioto, professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), antecipa neste número aspectos do tema que irá debater em 16 de abril, *A governamentalidade biopolítica em Michel Foucault*, no pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, na Sala Conecta, na Unisinos. Para conferir a programação completa do XI Simpósio Internacional IHU, que acontece de 13 a 16 de setembro, acesse <http://migre.me/uNdJ>.

Temática inter-religiosa na universidade

No próximo dia 14 de abril, o tema *Reflexões sobre a temática inter-religiosa em um contexto universitário: Que caminho(s) seguir?*, será apresentado pelo professor **Afonso Maria Ligório Soares**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Soter. O evento acontece no Auditório Central da Unisinos, das 19h45min às 21h45min. Saiba mais em <http://bit.ly/djK7z0>



Apoio:



IHU Contracapa

